FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

ANO 103 ★ Nº 34.292 | TERÇA-FEIRA, 21 DE FEVEREIRO DE 2023 | R$ 6,00

Morador remove galho e detritos em uma rua afetada pelas chuvas do fim de semana na praia de Juquehy, em São Sebastião (litoral norte de São Paulo) Nelson Almeida/AFP

SP conta mortos e 2.500 sem casa após temporal no litoral

Governo diz que trecho da Rio-Santos em São Sebastião pode ter desaparecido

As chuvas do sábado e do domingo no litoral paulista deixaram ao menos 2.496 pessoas desabrigadas ou desalojadas na região, segundo a Defesa Civil do estado.

O número de mortos está em 40, mas o governo acredita que ele deverá ser muito maior, pois há diversas casas que desapareceram sob a lama dos deslizamentos.

Até aqui, são oficialmente 40 desaparecidos, a maioria na região de São Sebastião (litoral norte), o ponto mais atingido em toda a costa, com o maior número de mortos e de afetados.

Segundo o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), o trecho da rodovia Rio-Santos na cidade pode ter sido destruído.

Há outros pontos de bloqueio, e a rodovia Mogi-Bertioga, mais ao sul, ficará interditada por tempo indeterminado, disse Tarcísio.

Ele, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o prefeito tucano local se reuniram após sobrevoos na região. O petista defendeu a concertação de esforços entre os rivais políticos.

"Se cada um ficar trabalhando sozinho, nossa capacidade de rendimento é muito menor. Juntos seremos muito mais fortes", disse.

Militares e Defesa Civil fazem o resgate de moradores ilhados e sem abastecimento. O governo federal promete liberar R$ 33,7 milhões, e especialistas veem riscos previsíveis. Cotidiano B1 e B2

ENTREVISTA
Antônio F. Oliveira

Segurança em estradas será prioridade de gestão da PRF

Novo diretor-geral da Polícia Rodoviária Federal, Antônio Fernando Oliveira, diz que a principal diretriz de sua gestão será a fiscalização das estradas, atribuição que, segundo ele, perdeu importância em relação a outras áreas, como o combate às drogas e ao roubo de cargas, no mandato do ex-presidente Jair Bolsonaro. Cotidiano B3

ilustrada B8

Os hits do Carnaval

'Zona de Perigo', de Léo Santana, e pagodão baiano são o som da folia

alalaô B5

Segunda de blocos

Em dia de sol em SP e no Rio, cortejos tradicionais crescem além do esperado

Biden desafia Putin com visita surpresa a Kiev

Às vésperas do primeiro aniversário da invasão russa, o presidente americano visitou a capital ucraniana e anunciou mais armas para combater as forças de Vladimir Putin, que fará discurso sobre a guerra nesta terça. Mundo A8

Foliões no bloco Vem Cá Minha Flor, que saiu pelas ruas do centro do Rio de Janeiro na segunda (20) Eduardo Anizelli/Folhapress

Parceria de Lula e Tarcísio incomoda os bolsonaristas

A calamidade provocada pelas chuvas em São Paulo aproximou ainda mais o presidente Lula (PT) e o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), eleito em 2022 com apoio de Bolsonaro. A parceria incomodou bolsonaristas no estado. Política A5

Indicação para tribunal de contas privilegia políticos

Política A7

EDITORIAIS A2

Tragédia recorrente
Acerca de danos da chuva e da mudança climática.

O gênero da linguagem
Sobre neutralidade e decisão do Supremo Tribunal.

ATMOSFERA
São Paulo hoje

Fonte: www.climatempo.com.br

esporte B7

Maior nome do surfe, Kelly Slater se prepara para aposentar a prancha

comida B13

Alambiqueira de Paraty e vinícola de Portugal disputam o nome Maria Izabel

Perda de servidores e transição tecnológica desafiam o IBGE

Instituto tenta finalizar Censo Demográfico, mas enfrenta restrições orçamentárias, queda no número de funcionários efetivos e dificuldade para recompor quadro. A10

Contratações em tecnologia tiveram 'dezembro terrível'

Mercado A10

Movimento dos biohackers cresce nas universidades

Mercado A14

Juliano Spyer

Evangélico está de olho nos EUA

Um "avivamento" ocorre numa igreja nos EUA, onde fiéis mantêm um culto ativo desde o dia 8. A palavra sugere fanatismo, mas vídeos mostram tranquilidade. Evangélicos brasileiros acompanham. Não surpreenderá se a chama saltar para cá. Opinião A2

Antropólogo, passa a escrever às terças

Grupo para defesa da democracia do governo patina

Criada pela Advocacia-Geral da União na esteira da campanha golpista no país e visando combater desinformação, a Procuradoria Nacional de Defesa da Democracia não foi estruturada ainda pelo governo Lula (PT). A AGU promete celeridade para implantar essa iniciativa. Política A4

ISSN 1414-5723

opinião

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)*, Everton Fonseca *(tecnologia)* e Marcelo Benez *(comercial)*

Benett

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Tragédia recorrente

Chuvas evidenciam mudança do clima a exigir de governos um plano eficaz de adaptação

O dilúvio mortífero abatido sobre o litoral norte de São Paulo se enquadra na categoria dos desastres sazonais cuja repetição destoa em tudo da capacidade do poder público —ou falta dela— de se preparar para defender a população.

A cada passagem do ano, Sudeste e Sul do país, assim como o litoral do Nordeste, se veem inundados por chuvas torrenciais. Ruas e bairros deslizam morro abaixo, sepultando famílias inteiras. Desta feita, o epicentro da tragédia calhou de ser São Sebastião (SP) e municípios lindeiros.

Há mais que repetição na pluviosidade e na incúria. Em alguns locais caíram mais de 600 mm em poucas horas, mais de 600 litros por metro quadrado, acima da média de todo o mês de fevereiro.

Tamanho jorro se qualifica como o que meteorologistas e climatologistas chamam de eventos extremos. São paroxismos de precipitação, estiagem ou temperatura que desbordam até das amplitudes máximas sugeridas por curvas obtidas de médias históricas.

Fenômenos que ocorriam só em escalas de séculos se amiúdam em consequência das mudanças do clima ocasionadas pelo aquecimento da atmosfera. Enchentes, secas e incêndios florestais devastadores passam a eclodir em ritmo de décadas, quando não se tornam anuais.

Tudo está previsto há décadas, igualmente, por modelos computacionais de projeção do clima. Médias históricas se tornam de pouca valia para planejar obras de infraestrutura, como estradas, pontes e galerias pluviais, assim como sistemas de defesa civil e salvamento.

Conferências sobre crise do clima se sucedem desde 1992 sem que as nações acordem providências efetivas para mitigar o aquecimento global. Para contê-lo na margem de 1,5ºC, como se decidiu em 2015, seria necessário cortar emissões de carbono pela metade neste decênio e zerá-las até 2050.

A cada ano que passa, a janela de oportunidade se estreita. Governos brasileiros, como tantos outros, concentram políticas públicas na mitigação, ocupando-se quase só do desmatamento na Amazônia, nossa maior fonte de emissões, e mais recentemente no cerrado.

Claro está que é obrigação fazê-lo, em tudo ignorada pela administração de Jair Bolsonaro (PL). Já não basta. O governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) recompôs a prioridade para o tema, mas só o enfrentará de modo consequente quando liderar um plano nacional de adaptação para a mudança incontornável do clima.

Instalar sirenes de alerta que funcionem a tempo é o mínimo; no médio e longo prazo, só uma política portentosa de habitação e saneamento básico defenderá os brasileiros pobres de hecatombes que retornam a cada verão.

O gênero da linguagem

Toda língua muda, mas lentamente e a partir da aceitação popular; não é papel do Estado interferir

A chamada guerra cultural em torno de temas como aborto, drogas e sexualidade intensifica a polarização política entre ditos progressistas e conservadores. O embate surgiu e é mais acirrado nos EUA, mas o Brasil incorpora suas pautas.

Uma delas é a linguagem neutra, que propõe mudar a língua para incluir pessoas não binárias, que não se identificam com o gênero feminino ou masculino —e segundo estudo publicado na Nature, constituem cerca de 1,2% da população no Brasil e de 2% no mundo.

Pelas alterações propostas, o pronome "todos" vira "todes", adjetivos como "bonito" e "bonita" viram "bonite" ou "bonitx", e, além de "ele" e "ela", acrescenta-se o "elu".

No último dia 11, o Supremo Tribunal Federal (STF) declarou inconstitucional uma lei de Rondônia que proíbe o uso dessa linguagem em instituições de ensino.

A Corte entendeu, corretamente, que a lei estadual viola competências da União. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, federal, estipula regras sobre currículos, conteúdos programáticos, metodologia de ensino e atividade docente.

Além de seguir essa norma técnica, o STF acertou ao impedir que o governo interfira de modo censório no uso da língua. Não é papel do Estado definir como as pessoas se comunicam no dia a dia, e tal restrição vale tanto para interditos quanto para a promoção de novos estilos de linguagem.

A língua, como toda manifestação cultural, não é imutável. Rupturas de valores ao longo do tempo e contatos entre os povos geram novidades cuja aceitação popular é paulatina. Apenas a partir do uso generalizado, palavras são incorporadas aos dicionários.

Em relação à sintaxe (a concordância entre as palavras), mudanças são raras, pois afetam a estrutura da língua —caso da linguagem neutra. Na frase "todas as vítimas morreram", a troca para "todes" exige a criação do artigo "es". Já o termo "vítima" termina em "a", mas não se refere apenas a pessoas do gênero feminino; deveria ou não ser trocado por "vítimes"?

Diferentes identidades sexuais e de gênero merecem respeito, e pessoas que as manifestam têm direitos que devem ser garantidos como para qualquer cidadão. A diversidade é um valor democrático.

Mas pode-se questionar se, num país em que quase metade dos jovens tem dificuldade para interpretar textos, mexer profundamente na língua seria estratégia de fato eficaz contra o preconceito.

Por um Brasil 'low profile'

Hélio Schwartsman

Com a volta de Lula, volta também o projeto de obter para o Brasil uma cadeira permanente no Conselho de Segurança (CS) da ONU, que deu o tom da diplomacia nacional nas gestões petistas.

Tenho uma posição bem singular nessa matéria. Sou contra um assento permanente para o Brasil. Penso que a conquista desse lugar faria bem ao ego de presidentes, ministros e hierarcas do Itamaraty, mas em nada beneficiaria o cidadão. Pelo contrário, uma cadeira no CS obrigaria o país a assumir maior protagonismo mundial, o que significaria empenhar mais recursos, financeiros e humanos, em crises externas. Também nos forçaria a tomar partido numa série de encrencas internacionais, o que quase certamente faria com que nos indispuséssemos com algumas nações.

E se o assento no CS já era um sonho de difícil realização uma década atrás, tornou-se muito mais duvidoso agora, após os quatro anos de Jair Bolsonaro, nos quais mostramos ao mundo um chanceler que se orgulhava de transformar o Brasil num pária entre as nações, em que queimamos um bom pedaço da Amazônia afirmando tratar-se de ato de soberania e em que nos inscrevemos em clubes reacionários, como o "Consenso de Genebra", que combate o direito ao aborto. Basicamente, o Brasil deu sinais inequívocos de que não é uma democracia suficientemente estável para integrar o CS. Eu ao menos, como cidadão do mundo, não gostaria de ver a ONU codirigida por uma nação que faz o que o Brasil fez.

Mas os EUA, sob Trump, também fizeram gestos comparáveis e de muito maior alcance, lembrará o leitor participante. Verdade. O problema é que um sistema de governança global sem os EUA, a maior superpotência do planeta, não vale um dólar furado, enquanto a presença do Brasil é no máximo um opcional.

Meu ponto é que não há nada de errado em ser uma nação "low profile", que não busca estar no centro do palco, preferindo atuar menos e com mais discrição.

helio@uol.com.br

Carta para militares golpistas

Cristina Serra

A imprensa tem noticiado movimentações de parlamentares petistas para modificar o tão propalado artigo 142 da Constituição, sobre as Forças Armadas. O objetivo seria deixar mais claro que os fardados não têm papel "moderador" sobre o poder civil.

Tal sandice de papel "moderador" só existe em delírios golpistas. Ademais, o governo não tem base sólida para aprovar emenda sobre o tema e gastaria muito capital político em negociação com um Congresso marcadamente de direita e fisiológico. A chance de piorar o artigo é maior do que a de melhorá-lo.

Mais eficaz seria investir na formação militar, que precisa ser refundada no apreço à legalidade e à democracia e na subordinação ao poder civil. Sobre isso, trago à reflexão a história do brigadeiro Rui Moreira Lima (1919-2013), contada no belíssimo livro "Adelphi!", de seu filho, Pedro Luiz Moreira Lima, e de Elisa Colepicolo (Topbooks).

Na Segunda Guerra, jovem piloto de aviação de caça, Rui combateu os fascistas, na Itália, tendo cumprido 94 missões aéreas. Também sua atuação contra golpistas aqui no Brasil, em diferentes momentos da nossa história, o eleva ao panteão dos grandes heróis.

Rui foi muito influenciado pelo pai, Bento, juiz em Caxias, no Maranhão. Quando entrou na escola militar, em 1939, recebeu uma carta do pai, que foi seu norte por toda a vida. Eis um trecho: "O povo desarmado merece o respeito das Forças Armadas. Estas não devem esquecer que é este povo que deve inspirá-las nos momentos graves e decisivos. Nos momentos de loucura coletiva deves ser prudente, não atentando contra a vida dos teus concidadãos. O soldado não pode ser covarde e nem fanfarrão. (...) O soldado não conspira contra as instituições pelas quais jurou fidelidade. Se o fizer, trai os seus companheiros e pode desgraçar a nação".

A carta de Bento Moreira Lima e a biografia do brigadeiro Rui deveriam ser estudadas nas academias militares. Já seria um bom começo.

Golpista em tempo integral

Alvaro Costa e Silva

Seria mais sensato ignorar um mentiroso. Um candidato que desconsiderou, desrespeitou e tentou fraudar o processo eleitoral, acabou derrotado e deixou o país com o rabo entre as pernas para não presenciar a posse de seu adversário. Só que o bolsonarismo não morreu com a vitória de Lula. Como tampouco morreu o antipetismo que alimenta o mentiroso.

Mesmo enfraquecido e desacreditado (tomou ou não tomou a vacina contra a Covid?), Bolsonaro consegue ficar em evidência esticando a corda do destino. Volta ou não volta? Permanece nos EUA ou foge para a Itália? Será preso, se retornar ao Brasil? Ficará inelegível? O que ele quer é isso: perturbar, mesmo de longe, o ambiente político e assegurar o comando não da oposição democrática e sim dos extremistas capazes de tocar o terror nas sedes dos três Poderes e explodir o aeroporto de Brasília. Tudo para manter acesa a chama do golpismo.

Bolsonaro afirmou em entrevista ao Wall Street Journal que voltará em março —mas quem acredita? Também disse que, pisando solo brasileiro, poderá ser preso "do nada". (Cá para nós, nunca o nada teve tanta substância.)

Um grupo de aliados defende que ele fique por lá, conspirando com a extrema-direita americana e perambulando por supermercados, até maio ou junho, sem dar importância à imagem interna de fujão, de alguém que teme as ações do Judiciário. Outros interlocutores do ex-presidente propõem uma jogada arriscada. Retornar e forçar a própria prisão, inaugurando uma nova fase: o Bolsonaro mártir.

A inelegibilidade —que, com tantos batons na cueca, é apenas questão de tempo e de estratégia no Tribunal Superior Eleitoral— não o incomoda. Autocratas, que vivem de atacar e destruir as instituições, não têm respeito pelo voto. Bolsonaro foi golpista nos anos de baixo clero na Câmara, esteve golpista na Presidência, está golpista na Flórida e será golpista quando inelegível.

Asbury é aqui

Juliano Spyer

Antropólogo, pesquisador do Cecons/UFRJ, autor de Povo de Deus (Geração 2020) e criador do Observatório Evangélico

No final dos anos 1980, o cristianismo evangélico avançava com força pelo interior do Brasil. A história que vou contar aconteceu em um vilarejo de apenas duas ruas em Goiás, onde moravam, nesse tempo, em torno de 50 famílias.

Um dia qualquer, os adultos de uma família, evangélicos pentecostais, saíram para o culto na Assembleia de Deus. E as crianças que ficaram para trás, entre irmãos e primos, decidiram passar o tempo fazendo um "cultinho" na frente da casa, liderados pelo garoto mais velho, com 13 anos.

"De repente," conta meu interlocutor, que era uma das crianças, "o clima ficou parecido com o de um culto de verdade. A gente começou a orar em voz alta, falar em línguas. E vizinhos começaram a aparecer para ver o que estava acontecendo."

Eventualmente o burburinho e a movimentação na rua chamaram a atenção de quem estava na igreja, e eles saíram para ver o que era. "Meu avô, minha avó, minha mãe chegaram e viram que a gente estava em um ambiente muito parecido com o dos cultos, e resolveram levar a gente para a igreja."

Na roça, as pessoas dormem cedo. 8 da noite a igreja fecha. Mas nesse dia os fiéis só saíram depois das 23 horas. "Foi algo especial, e repercutiu muito na vila," me disse esse interlocutor, que hoje é um acadêmico e esconde sua religiosidade para não ser ridicularizado e perder oportunidades na universidade.

Esse exemplo modesto ajuda quem não é evangélico a avaliar o que acontece na cidade de Wilmore, no estado de Kentucky, no meio oeste dos Estados Unidos.

Na quarta-feira, dia 8 de fevereiro, estudantes da Universidade Asbury se encontraram para participar de um culto que também não terminou no horário marcado. Assim como no caso em Goiás, a notícia se espalhou. A internet ajudou a levar a informação ao vivo para o mundo, e curiosos foram chegando. E, enquanto escrevo este texto, dez dias mais tarde, a igreja continua cheia.

A palavra "avivamento" sugere, para mim, a ideia de fanatismo apocalíptico, mas os muitos registros em vídeo publicados em redes sociais e análises mostram um ambiente de tranquilidade na igreja da universidade. Pessoas louvando e cantando juntas, de maneira empolgada, mas sóbria e organizada.

Vários evangélicos e estudiosos da religião que eu conheço estão intrigados com o que está acontecendo em Asbury. Para uma amiga metodista, esse evento lembrou a infância. "Sinto falta de quando a igreja era um lugar de aconchego, com pessoas modestas que dividiam o pouco que tinham."

Evangélicos brasileiros acompanham de perto esse evento. Não surpreenderá se a chama saltar para cá.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Sua marca tem razão?

A reflexão necessária é: não existe sustentabilidade sem justiça social

Marcos Dimenstein
CEO do Catraca Livre e idealizador da C-Hub, agência especializada em comunicação de impacto

O valor de mercado das empresas é definido, hoje, cada vez mais por como elas pensam e agem diante de dilemas sociais e ambientais. No século 21, os desafios das marcas são crescentes. Quem não compreender e abraçar essa nova realidade estará fora do jogo e será esquecido, soterrado.

Na medida em que o valor de mercado de uma empresa é ditado cada vez mais por como ela pensa e age diante de uma realidade cada vez mais plural e mutante, vemos as demandas atingirem um novo patamar de complexidade. A "febre" do ESG ("Environmental Social Governance") é a onda surfada pelas corporações mundiais. Tamanha é a ênfase nessa nova mentalidade corporativa que cria na sociedade a expectativa de que agora a mudança desejada por muitos será geral e real.

Mercado de crédito de carbono, transparência, diversidade e inclusão são os principais temas encontrados em artigos sobre tendências de ESG —e com razão. No entanto, para ampliar o debate, é preciso abordar temas até agora relegados a um segundo plano, mas que são tão ou até mais importantes.

Percepção da agenda social como uma questão prioritária no Brasil. Por vezes, ao tratar de ESG, temos a impressão de que a sigla é dominada pela agenda ambiental. Compreensível, considerando-se ser esta a principal pauta no mundo e a existência de uma forte e justa pressão pela compensação das pegadas geradas pelas atividades produtivas.

A reflexão necessária é: não existe sustentabilidade sem justiça social. E, sem avançar na solução de questões básicas acerca da qualidade de vida em países subdesenvolvidos, fracassaremos em nossos objetivos como um todo. Não há como tratar de economia de água se faltam caixas-d'água em moradias precárias. Não há como abordar gestão responsável de resíduos se a população é excluída da esfera do consumo, até mesmo de bens essenciais. Não há como falar de alimentação saudável se as pessoas estão famintas ou mal alimentadas.

Ciência e tecnologia como motor da geração de impactos em escala. Muito além do uso de AI (Inteligência Artificial) e IOT "(Internet of Things", a internet das coisas) na otimização de processos e gestão de dados em tempo real, estamos assistindo a uma verdadeira revolução no campo da nanotecnologia. Vivemos um novo ciclo de evolução que transformará drasticamente a cadeia produtiva de materiais, a geração de energia, a filtragem da água e diversas outras áreas.

O empreendedorismo periférico como a quarta economia no Brasil. Celso Athayde, fundador da Cufa (Central Única das Favelas), levou esse conceito para o Fórum Econômico de Davos e foi algo que me tocou profundamente. À frente do Catraca Livre, acompanho a cena cultural periférica há tempos. E vejo como essa produção criativa tem ditado tendências na formação cultural do nosso povo. Vejo esse mesmo protagonismo na comunicação, com os "creators" espalhados pelas quebradas do país. Na moda, pipocam movimentos inovadores como o Brasil Core, que inspirou o mundo. Hoje assistimos a um novo campo em ebulição na indústria criativa. Ele é forte, abrangente e veio das periferias para ocupar e transformar. Só não vê quem não quer.

Para avançar de forma estruturada em novas estratégias de ESG, precisamos mergulhar fundo na realidade das pessoas. Temos que saber quem são, quais suas dores, desejos e sonhos. Devemos participar de suas vidas e oferecer soluções efetivas a problemas e angústias. Como se opera esse milagre? Simples: com ações transformadoras, com histórias reais bem contadas e com conteúdos relevantes. Estamos dando passos significativos nessa direção. Seja por consciência ou necessidade de sobrevivência, a mudança já acontece. Se existe um caminho para construir marcas admiradas, é este. E ele começa com cada um de nós fazendo a seguinte pergunta: afinal, qual é minha razão social?

> [...]
> Seja por consciência ou necessidade de sobrevivência, a mudança já acontece. Se existe um caminho para construir marcas admiradas, é este. E ele começa com cada um de nós fazendo a seguinte pergunta: afinal, qual é minha razão social?

O perigo do discurso simplista sobre a escravidão na África

Argumentos enviesados sobre o continente permanecem em novas roupagens

A escravidão na África volta à cena pública brasileira de tempos em tempos. É recorrente o argumento de que a escravidão era natural no continente e que, durante o comércio transatlântico de escravos, líderes africanos lucravam com o negócio. Tais argumentos são agora renovados pela economista estadunidense Deirdre McCloskey, colunista desta **Folha** ("Quem lucrou com a escravidão?", 15/2). Cumpre, assim, que pesquisadores eticamente comprometidos com a divulgação do saber histórico restaurem a verdade dos fatos. É o que fazemos neste artigo.

Nas últimas décadas, historiadores e arqueólogos amealharam muitas evidências sobre como agentes euro-americanos participaram, diretamente, na escravização de milhões de africanos no seu continente de origem. Das cartas de Afonso 1º do reino do Congo até os relatos de viajantes no século 19, não foram poucos os testemunhos de como estrangeiros atiçavam o comércio escravista. A transformação da escravidão no continente para atender à demanda atlântica foi profunda.

A alegação de que os "senhores de escravos africanos" lucravam com o negócio não procede. Ao contrário, tais senhores, no longo prazo, colecionavam dívidas. A colônia portuguesa de Angola, a mais impactada pelo tráfico de escravos, sofreu com a corrupção das instituições de justiça devido ao endividamento de líderes locais com comerciantes estrangeiros. Os resultados desse processo histórico foram nefastos e o empobrecimento, sobretudo em face à divergência econômica capitaneada pela Inglaterra no século 18, foi brutal.

O argumento de McCloskey retoma ainda uma linha de raciocínio que remonta aos senhores de escravos nas Américas e aos discursos leopoldianos que legitimaram a conquista da África na década de 1880. Parlamentares em defesa da continuidade do tráfico de escravos para o Brasil argumentavam que a escravidão era comum na África. O Rei Leopoldo, da Bélgica, usou a desculpa de que a Europa precisava interromper o comércio interno de escravizados e civilizar africanos para legitimar a conquista do continente, naturalizando a suposta relação entre África, escravidão e barbárie, argumentos que ainda hoje informam os discursos enviesados sobre o continente —embora muitas vezes com novas roupagens.

Sabemos que a escravidão tem longa história no continente e que diferenças de classe, como nos lembram W. Rodney e K. Nkrumah, são antigas. Como no resto do mundo, a escravidão surgiu em contextos variados e com propósitos distintos a partir de 1.000 a.C. Líderes valiam-se de escravizados para consolidar suas bases, incrementar suas produções agrícolas ou demonstrar seu poder. Mas era uma instituição marginal, que foi alçada ao centro da dinâmica histórica pelos interesses europeus a partir do século 16.

Do jeito como foi escrito, o artigo de McCloskey alimenta os rasos argumentos do conservadorismo extremista que ameaça a democracia. Fere também as discussões sobre reparação histórica ao sugerir que a responsabilidade sobre a tragédia humana era internacionalmente compartilhada. É preciso falar da escravidão, de sua abrangência e perversidade e dos múltiplos atores sociais que durante séculos a sustentaram, mas é preciso abandonar a maneira simplista com que intelectuais e políticos se engajam com o passado africano. A história complexa, rica e diversa do continente não merece uma leitura fortemente marcada pelas tradições racistas do pensamento europeu.

> [...]
> O artigo de McCloskey alimenta os rasos argumentos do conservadorismo extremista que ameaça a democracia. Fere também as discussões sobre reparação histórica ao sugerir que a responsabilidade sobre a tragédia humana era internacionalmente compartilhada

Marcos Leitão de Almeida (Northwestern University); **Gilberto da Silva Francisco** (Unifesp); **Patrícia Marinho** (Negraqueo); **Camilla Agostini** (Uerj); **Bruno Pastre** (Ufam); e **Vanicléia Santos** (University of Pennsylvania)

*Os autores são integrantes do Grupo de Trabalho de Arqueologia e Cultura Material da África e suas diásporas da Sociedade Brasileira de Arqueologia

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Destruição causada por fortes chuvas em Caraguatatuba, no litoral norte de SP, em março de 1967, quando 436 pessoas morreram mar.1967/Folhapress

Drama e chuvas no litoral

Todo verão é a mesma coisa ("Chuva recorde deixa 36 mortos, interdita estradas e põe litoral de SP em estado de calamidade", Cotidiano, 20/2). Não sabemos bem onde ou quando, mas que vai acontecer vai! Precisamos assumir a responsabilidade pela preservação das encostas e da Mata Atlântica.
Carolina Oliveira (Matinhos, PR)

*

Morar em um mundo feito de terra batida sem árvores e com muitas rodovias nem sempre permite o escoamento, mesmo que seja uma chuva comum anual, fica parecendo que é uma chuva incomum. E não há bueiro que vá conseguir desaguar uma Mata Atlântica somada a uma floresta amazônica. A água corre dos riachos para os rios e dos rios para o mar, se não há riachos nem rios e só há terra batida sem árvores e asfalto no caminho das águas, não adianta nem construir diques. É um mundo de lama.
Marcelo Inneccok (Brasília, DF)

*

Que bom que o governador decretou estado de emergência em cidades atingidas. Agora só falta o mais importante: renunciar ao alinhamento com o governo (aquele que sabemos) que incentivou o desmatamento na Amazônia e no Pantanal e outros descalabros que levam à catastrófica mudança climática. Isso não é obra da providência divina.
Maria Clara Araújo de Almeida (Rio das Ostras, RJ)

*

Apesar de serem usuais as fortes chuvas nesta época do ano, a intensidade delas vem crescendo. Não foi por falta de avisos, pois os cientistas alertaram que, por conta do aumento global da temperatura da Terra, os eventos extremos seriam maiores e foram ignorados por aqueles que deveriam enfrentar o problema. Mais uma vez os negacionistas, inimigos da ciência, acarretam mortes e prejuízos materiais para toda a sociedade.
Alexandre M. Pereira (Ribeirão Preto, SP)

Ponte que cai

Já que construíram uma ponte tão frágil, em época de festividades deveria ter funcionários das prefeituras das duas cidades em cada extremidade orientando o trânsito dos pedestres ("Ponte entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina desaba durante a travessia de cem pessoas", Cotidiano, 20/2).
Lorena Machado Fabrico (Brasília, DF)

*

Os governantes comentaram que existem placas da capacidade da ponte. Desde quando o povo lê as placas? Nesses dias de festere, deveria ter sim a Defesa Civil "cuidando" para não dar o que deu. Ah... Segundo autoridades, a ponte tem mais de 40 anos e "nunca ocorreu"... Parece normal a frase. Lava-se as mãos!
Waldir Roque Maffei (Farroupilha, RS)

Colunista

A disseminação da mentira está atrelada à escolha de "a quem se quer proteger" ("Lei contra fake news de Lula serviria para Bolsonaro perseguir inimigos", Glenn Greenwald, 19/2). Não saberia dizer se isso ocorre por amor ao líder ou ódio ao opositor. Fato é que, convivendo com extremistas, percebemos que não há abertura para sequer ouvir o outro. Criaram uma muralha.
Maria Lúcia Bergami (Lins, SP)

Gisele Bündchen

Os valores estão dentro do que é pago no mercado, tanto para Gisele como para a segurança contratada por tempo determinado ("Cachê milionário de Gisele choca funcionários que ganharão R$ 200 pela noite em camarote", Mônica Bergamo, 20/2).
Marcos Antônio (Manaus, AM)

*

Não mora mais no Brasil e ainda leva R$ 2 milhões dos brasileiros.
Elisabeth Schmidt (Cachoeira do Sul, RS)

Delação do fim do mundo

Melhor se houvesse condenação ampla, de Odebrechts e asseclas (de qualquer partido). À jato errou-se na imiscução de juiz e acusador sim.
Marcelo Molinari (Curitiba, PR)

*

A Lava Jato só constatou: há no país sistema delituoso contra cofres públicos que envolve políticos, empresários e Justiça. Enquanto políticos e empresas se ferravam, faça-se justiça. Mas, quando se aproximou do STF, foi preciso "estancar a sangria".
Samuel Gueiros Jr (Santarém, PA)

Cultura milenar

"Livro amarra milenar história da China sem cair no essencialismo cultural" (Mundo, 19/2). Para agregar, imperdível: "La Souplesse Du Dragon, Les Fondamentaux de la Culture Chinoise", de Cyrille Javary.
Marília Furtado de Andrade (São Paulo, SP)

Informalidade e INSS

Resultado da Reforma Previdenciária e da regulamentação da terceirização feita nos dois governos anteriores. Em 30 anos, o governo pagará benefícios, tipo BPC, a esses que nunca contribuíram. Os que contribuem continuarão a pagar a conta, por meio de maior limitação de seus direitos ("Maioria dos trabalhadores de aplicativo estão sem proteção do INSS, diz estudo", Mercado, 20/2).
Julio Shiogi Honjo (Brasília, DF)

102 anos

Parabéns a todos que fazem a **Folha**! Apesar do cenário futuro incerto, espero contar com a **Folha**, para me informar, por muitos anos.
Fabiano Caetano de Souza (Goiânia, GO)

*

Parabéns, **Folha**! Nunca deixaremos de tecer as críticas que acharmos pertinentes ao jornal, mas sua história já faz parte do país!
Alex Sgobin (Campinas, SP)

*

Parabéns pelos 102 anos de glórias. Rumo aos 200 anos.
Neli de Faria (São Paulo, SP)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

POLÍTICA (A8, 20.FEV.23) O advogado da empresa Flecha Tur é Reinaldo Ortigara, não Rodrigo Ortigara, como constava no texto "Dona de ônibus retido diz ao STF também levar petistas" em parte dos exemplares.

PRIMEIRA PÁGINA (20.FEV) A pesquisa que embasa o texto "Maioria dos trabalhadores de app não tem proteção do INSS" na verdade foi conduzida por Rogério Nagamine Costanzi e Carolina Fernandes dos Santos e indica que contribuem para a Previdência 42,9% dos trabalhadores. O dado do Ipea citado (23%) refere-se a outro estudo sobre o tema em texto publicado no dia 15.

política

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Alicerce

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) pediu ao ministro das Cidades, Jader Filho (MDB), para estruturar uma linha do MCMV (Minha Casa, Minha Vida) para pessoas em área de risco. O pedido foi feito durante a ida ao litoral norte de São Paulo, onde fortes chuvas já deixaram 2.400 desabrigados. De acordo com o ministro, um mapeamento de regiões prioritárias já está em curso, conduzido pela Secretaria de Políticas para Territórios Periféricos, mas não há um prazo.

COBERTOR CURTO De acordo com técnicos envolvidos nas discussões, ainda há um obstáculo orçamentário para a nova linha do MCMV. Há hoje disponíveis R$ 179 milhões, considerados insuficientes para o tamanho da demanda.

SITIADA Por causa dos deslizamentos de terra nas estradas, a ministra do Planejamento, Simone Tebet (MDB), não conseguiu acompanhar a comitiva presidencial que vistoriou as áreas atingidas pelas chuvas. Tebet estava em Guarujá, onde tem um apartamento. Ela avaliou também que, por ser de uma área meio, e não finalística, não valeria o custo de alugar uma aeronave.

PREVENÇÃO Por ser início do ano, há orçamento disponível e não haverá necessidade de realocamentos. Mas Tebet já avalia como recompor os recursos no futuro e como reforçar o combate às tragédias.

VOCÊS... As organizações Frente Favela Brasil e Unegro (União de Negros e Negras pela Igualdade), que integram a frente nacional antirracista, apresentaram ao ministro dos Direitos Humanos, Silvio Almeida, a proposta de criação de uma versão negra da personagem Maria Gotinha como forma de ampliar a vacinação em favelas.

...IMPORTAM A sugestão foi feita durante reunião realizada na última sexta-feira (17) com o objetivo de discutir formas de ampliar a imunização em favelas e periferias como garantia de direitos humanos.

SÓ VANTAGENS Integrante do grupo de trabalho que vai discutir a reforma tributária, o deputado Saullo Vianna (União Brasil-AM) defende que sejam mantidos incentivos fiscais para a Zona Franca de Manaus. Ele argumenta que a região devolve para a União mais do que recebe de incentivo e gera empregos, além de contribuir para a preservação ambiental da Amazônia.

CÁLCULOS Vianna disse ainda que há uma preocupação de municípios com a perda de arrecadação com impostos. Uma solução poderia passar pelo modelo desenhado na PEC do senador Oriovisto Guimarães (Podemos-PR), que prevê a simplificação da legislação tributária de ICMS (estadual) e ISS (municipal).

SELEÇÃO O deputado federal Zé Trovão (PL-SC) nomeou como secretário parlamentar de seu gabinete Marcus Thiago de Oliveira Figueiredo, que, em 2020, foi exonerado do cargo de coordenador-geral de Tecnologia da Informação da Embratur após ter sido acusado de assediar uma funcionária de 21 anos.

NÃO É NÃO No começo de 2023, a exoneração foi convertida em destituição, penalidade que proíbe a ocupação de cargo público federal por cinco anos. A defesa de Figueiredo recorreu da decisão. Reportagem do site Metrópoles mostrou mensagens de WhatsApp de Figueiredo em que ele faz convites sexuais à subordinada, que se diz compromissada e revela desconforto com as investidas.

NÃO É BEM ISSO A defesa de Figueiredo, que passou a responder a processo administrativo, disse à época que as conversas haviam sido tiradas de contexto. Procurado, o gabinete do deputado Zé Trovão não enviou resposta. Em nota, a defesa de Figueiredo diz que recorreu e que confia no arquivamento do processo.

SÓ AGREGA Antecessora de Michelle Bolsonaro na presidência do PL Mulher, a deputada Soraya Santos (PL-RJ) diz que a ex-primeira-dama vai ajudar a acrescentar a bandeira da inclusão na instância partidária. "A mulher se movimenta por causas, não por poder. Ela entra na política para defender uma bandeira, e Michelle soma nesse sentido", acredita

PREFEITAS Soraya diz que Michelle dará continuidade ao trabalho iniciado por ela de formação de novas lideranças e capacitação de mulheres na política para que o PL não lance candidaturas femininas de última hora apenas para preencher a cota. Esse trabalho deve começar em abril, para dar resultados nas eleições municipais de 2024.

PARLARE O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), vai palestrar em abril em conferência do Lide, grupo do ex-governador de São Paulo João Doria, em Londres. Também falarão o líder do governo no Congresso, senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), e o senador Fabiano Contarato (PT-ES).

com Guilherme Seto, Juliana Braga e Danielle Brant

Jorge Messias, advogado-geral da União, chora em seu discurso de posse em Brasília Gabriela Biló/Folhapress - 2.jan.23

Grupo pela democracia patina quase dois meses após anúncio do governo

AGU diz que chamada Procuradoria de Defesa da Democracia irá atuar no enfrentamento à desinformação sobre políticas públicas

José Marques

BRASÍLIA Quase dois meses depois de ser anunciada com destaque na posse do advogado-geral da União, Jorge Messias, o início dos trabalhos da Procuradoria Nacional de Defesa da Democracia é incerto.

As discussões do grupo que contribuirá para regulamentar a unidade ainda não começaram. Isso acontecerá apenas no fim de fevereiro, quando também será anunciado o cronograma dos trabalhos do setor.

A futura Procuradoria tem como principal objetivo atuar em nome da União em demandas de resposta e enfrentamento de desinformações sobre políticas públicas.

Ao discursar sobre o tema na posse, Messias disse que ela iria "contribuir com os esforços de democracia defensiva e promover pronta resposta a medidas de desinformação e atentados à eficácia das políticas públicas".

Sua criação, porém, virou alvo de críticas de parlamentares da oposição, que a viram como um aparato do governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para promover patrulhamento e censura.

À época, a AGU (Advocacia-Geral da União) reagiu e disse que sob nenhuma hipótese cerceará "opiniões, críticas ou atuará contrariamente às liberdades públicas consagradas na Constituição". Foi anunciado que o modelo da Procuradoria passará por escrutínio de estudiosos, de associações e do público.

O grupo de trabalho que fará essas discussões e auxiliará na elaboração da regulamentação da Procuradoria, com integrantes da sociedade civil e dos poderes públicos, foi oficializado em 20 de janeiro.

"A criação do grupo concretiza o compromisso da AGU de promover um amplo debate sobre as atribuições e funcionamento da Procuradoria", disse o órgão, à época.

Desse grupo, participarão indicados da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), de associações de magistrados, de jornalistas e de integrantes do Ministério Público, além de acadêmicos de áreas relacionadas ao direito, à liberdade de expressão e à tecnologia.

A primeira reunião, porém, só acontecerá no próximo dia 28, quando a coordenação pretende divulgar o calendário de trabalho dos integrantes.

A unidade será dividida em três subgrupos temáticos, chamados Democracia, Integridade da Ação Pública e Legitimação dos Poderes; Democracia e Representação de Agentes Públicos; e Democracia, Desinformação e Políticas Públicas.

A partir de então, as datas previstas são incertas. "Ainda não há definição sobre a data de publicação da minuta de regulamentação", diz a AGU, em nota, ao ser procurada pela reportagem.

Essa minuta será publicada ao fim dos trabalhos do grupo e ficará aberta para consulta pública no site da AGU. Após essa consulta, voltará para avaliação de Jorge Messias.

"A equipe da Procuradoria-Geral da União, área à qual a nova Procuradoria Nacional da União de Defesa da Democracia está vinculada, trabalha para que a normatização do funcionamento da unidade se dê no menor prazo possível", afirma a nota.

"No entanto, há a compreensão de que a regulamentação deve ser feita com critério e no tempo necessário para que reflita da melhor forma as contribuições que receberá no âmbito do Grupo de Trabalho (GT) constituído para esse fim."

Desde o dia 8 de janeiro, quando apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) depredaram as sedes dos três Poderes em um ato golpista, a AGU tem concentrado os trabalhos nas ações que pretendem responsabilizar civilmente os suspeitos e recuperar o prejuízo financeiro causado à União.

Inclusive, o futuro chefe da Procuradoria de Defesa da Democracia deve ser o mesmo integrante da AGU que assina as ações contra os golpistas, o atual procurador-geral da União, Marcelo Eugenio Feitosa Almeida.

> **A equipe da Procuradoria-Geral da União, área à qual a nova Procuradoria Nacional da União de Defesa da Democracia está vinculada, trabalha para que a normatização do funcionamento da unidade se dê no menor prazo possível**
>
> **AGU** em nota

Uma das entidades procuradas para compor grupo de trabalho é a Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo).

Para a presidente da entidade, Katia Brembatti, o convite é "um avanço nessas aberturas de negociação e de diálogo com o governo", que, segundo ela, não existiam na gestão Bolsonaro.

"Quando nos procuraram perguntando se a gente podia fazer parte, discutimos na diretoria e aceitamos porque a gente entende que participar do processo, contribuir e contestar é muito mais importante do que só reclamar da obra pronta", afirma.

Ela diz que, na ocasião, pretende compartilhar um pouco da experiência da associação no combate à desinformação, mas deixará claro que a entidade "tem uma preocupação de como será o combate à desinformação por um órgão público".

A AGU, que é o órgão responsável por fazer a representação judicial do governo, tem dito que a atuação da nova Procuradoria será baseada em precedentes de tribunais, sobretudo do Supremo, e na atuação das agências de checagem de informações falsas.

O TSE tem desde 2019 um programa de combate à desinformação, que no ano passado contava com 154 parceiros, entre entidades públicas e privadas e até redes sociais e plataformas digitais, além de agências de checagem.

Junto à Justiça Eleitoral, esses parceiros monitoram notícias falsas, que são coletadas e, a depender da gravidade, encaminhadas ao Ministério Público Eleitoral e às demais autoridades.

No ano passado, porém, algumas medidas de combate à desinformação do TSE levantaram preocupação das empresas de tecnologia e de advogados eleitorais.

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL PLANO MENSAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 6	R$ 9	R$ 942,90
DF, SC	R$ 7	R$ 10	R$ 1.189,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 7,50	R$ 11	R$ 1.501,90
AL, BA, PE, SE, TO	R$ 11,50	R$ 14	R$ 1.618,90
Outros estados	R$ 12	R$ 15	R$ 2.008,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
344.969 exemplares (dezembro de 2022)

Técnica e retórica

É preciso enfrentar dados científicos reais em discussão sobre juros

Joel Pinheiro da Fonseca
Economista, mestre em filosofia pela USP

Um aspecto da discussão sobre a taxa de juros do Banco Central lembra, em sua configuração, a discussão entre Anvisa, Instituto Butantan e os antivacina: um lado aposta no rigor técnico, o outro na retórica política.

Em primeiro lugar, a importante diferença: a discussão da vacina tinha, de um lado, cientistas; do outro, pura e simplesmente, uma campanha de fake news e desinformação levada adiante por propagandistas.

O debate sobre os juros opõe um lado dominante, ortodoxo, da ciência econômica contemporânea a um outro, heterodoxo, que, embora marginal no debate econômico mundial, também representa um grupo com pesquisadores e publicações acadêmicas.

Ocorre que, assim como os militantes antivacina em 2021, o lado heterodoxo do debate econômico parece ter optado por travar a discussão apenas na arena pública, buscando persuadir os leigos, e não os especialistas.

Narrativas, histórias que deem sentido aos assuntos em debate, são parte necessária do nosso entendimento do mundo. Uma indústria farmacêutica gananciosa que quer lucrar enganando famílias com vacinas perigosas e desnecessárias; uma elite de banqueiros que quer manter os juros altos a todo custo para ganhar mais dinheiro, ainda que isso prejudique o grosso da população. São narrativas simples e com claro apelo popular. Quem não gosta de se sentir numa guerra justa contra um vilão poderoso?

Mas o Banco Central tem um modelo para embasar sua decisão sobre a Selic. Esse modelo pode ser criticado, assim como modelos alternativos podem ser propostos, mas para travar esse tipo de discussão é preciso enfrentar o lado técnico da questão. Apresentar um modelo, apontar falhas no atual, realizar testes empíricos rigorosos para saber qual mais se aproxima da realidade. E isso simplesmente não foi feito até agora.

Apesar de vociferarem contra a vacina, nenhum dos críticos tinha um artigo acadêmico que mostrasse seus supostos perigos. Ficava tudo no nível da observação casual e da teoria de conspiração. Há algo de profundamente desonesto na crítica de um tema técnico que parte imediatamente para a persuasão popular e se nega a se engajar no debate científico real. Isso vale tanto para quem questionava a vacina quanto para quem questiona a política do BC.

A retórica não é algo ruim, não é uma ferramenta para enganar o público, embora possa ter esse papel. Ela é, antes, a capacidade de comunicar algo de forma que faça sentido e persuada o ouvinte. Numa democracia, esse trabalho de persuasão pública é essencial, porque a opinião pública influi nas decisões da sociedade.

A democracia liberal do voto está consolidada, mas permaneceu por décadas com a população tendo voz apenas no momento do voto. Só agora vivemos, com as redes, uma democratização também do debate público. E isso exige, por parte dos especialistas, um esforço adicional para se fazer compreender.

O trabalho dos técnicos depende de inúmeras decisões, e leigos —incluindo aqui a classe política—, e mais do que nunca eles, fazem questão de participar do debate. A carteirada do "especialista" tem cada vez menos poder de terminar uma discussão.

Por isso, considero um acerto de Roberto Campos Neto ter concedido entrevista ao Roda Viva. Ver economistas engajados nesse trabalho de esclarecimento —e convencimento— público, sempre buscando se aproximar de uma linguagem acessível aos leigos, é também um efeito colateral positivo dessa discussão conduzida de maneira tão equivocada pelo governo.

| DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros | SEG. Camila Rocha, Angela Alonso | TER. Joel Pinheiro da Fonseca | **QUA. Elio Gaspari** | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo | SÁB. Demétrio Magnoli

Tarcísio de Freitas (Republicanos) e Lula (PT) se abraçam após reunião sobre as chuvas em São Sebastião (SP) Ricardo Stuckert/PR

Parceria entre Lula e Tarcísio vira contraponto a Bolsonaro

União após chuvas no litoral norte de SP incomoda aliados do ex-presidente

Carolina Linhares

SÃO PAULO A união de forças entre o governo Lula (PT) e o governo Tarcísio de Freitas (Republicanos) nas ações de recuperação do litoral norte de São Paulo após as fortes chuvas do final de semana foi exaltada por ambos, em mais um sinal de aproximação entre os opositores políticos, e se tornou um contraponto ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

A atuação conjunta foi especialmente ressaltada por Lula em seu discurso nesta segunda-feira (20), em São Sebastião (SP), e vem sendo explorada por políticos de esquerda como um símbolo de que o governo do petista representa a volta da normalidade institucional e das atitudes republicanas —o que faltou na gestão anterior. Já aliados de Bolsonaro veem o movimento com desconfiança.

O presidente interrompeu o descanso de Carnaval na Bahia e foi a São Sebastião, onde participou de reunião e pronunciamento ao lado de Tarcísio, do prefeito Felipe Augusto, do PSDB, e de ministros e outras autoridades.

O governador, por sua vez, já havia se deslocado para o litoral no domingo (19).

De imediato, aliados de Lula passaram a relembrar situação semelhante, em dezembro de 2021, quando o então presidente Bolsonaro disse que esperava não ter que retornar antes da viagem a Santa Catarina e manteve passeios de jet ski mesmo enquanto a Bahia, então governada pelo petista Rui Costa, enfrentava crise gerada por fortes chuvas.

"Essa parceria que estamos fazendo é uma fotografia boa para o nosso país", disse Lula, puxando Tarcísio e Augusto.

Questionado pela **Folha**, o vice-presidente Geraldo Alckmin (PSB) disse que a união mostra total solidariedade às famílias vítimas.

"Mostra um novo tempo no Brasil, de união e construção. É um gesto importante do governo federal para São Paulo, que fortalece a democracia e a Federação. É um exemplo de que a política não deve ser feita de sectarismo, mas de amor ao próximo", completou.

Nesta segunda, Lula iniciou dizendo querer mostrar "uma cena que há muito tempo vocês não viam no Brasil".

E continuou: "Um governador, um presidente e um prefeito sentados numa mesa ou na frente do microfone em função de uma coisa comum, que atinge a todos nós."

Ele seguiu no tom de sua campanha, exaltando a democracia e a frente ampla, em oposição a Bolsonaro.

"É uma demonstração específica de que é possível exercer a nossa função na democracia mesmo quando a gente pertence a partidos diferentes e pensa diferente ideologicamente. O bem comum do povo é muito mais importante do que qualquer divergência que a gente possa ter", afirmou Lula.

"Eu não sei de que partido é o prefeito, eu sei em que partido Tarcísio disputou as eleições, vocês sabem em que partido eu disputei as eleições e veja que coisa bonita e simples: nós estamos juntos. Acabou a eleição", completou.

Enquanto Lula discursava, Tarcísio acenava com a cabeça em sinal de concordância e chegou a sorrir.

O governador aliado de Bolsonaro também enalteceu a união com o petista —sem deixar de fazer acenos aos militares em sua fala.

Tarcísio agradeceu a presença de Lula e disse: "Isso nos dá amparo, nos dá conforto no momento em que a gente precisa trabalhar em um regime de cooperação".

Houve, contudo, uma alfinetada de Lula a Bolsonaro diante do ex-ministro quando o presidente afirmou que o governo anterior não deixou verbas para desastres.

"Nós tivemos sorte, porque na PEC [da transição] nós colocamos dinheiro para a Defesa Civil, que não tinha", disse Lula, dando um tapinha no braço de Tarcísio.

O episódio simbólico se soma a outros capítulos de aproximação entre Tarcísio e Lula e de descolamento do governador em relação a Bolsonaro. Tarcísio esteve em três encontros com o atual presidente em Brasília, inclusive em solidariedade após o 8 de janeiro, e chegou a dizer que ele e o petista são sócios.

Ao mesmo tempo, Tarcísio abraçou no seu primeiro mês temas demonizados pelo bolsonarismo, como a defesa de uma agenda verde no estado, e buscou um distanciamento do ex-chefe, dizendo por exemplo que nunca foi bolsonarista raiz.

Por isso, deputados bolsonaristas se incomodaram nos bastidores com a fotografia de união. Eles enxergam um movimento planejado com a intenção de opor Lula a Bolsonaro e diferenciar Tarcísio do ex-presidente, pintando o petista e o governador como estadistas e equilibrados.

Aliados de Bolsonaro também questionam a efetividade do governo federal.

"Lula é bom de discurso, mas na prática é Tarcísio que está empenhado em resolver os problemas. Estive ontem na região e falei com o governador, Lula estava pulando Carnaval", disse o deputado estadual Gil Diniz (PL) à **Folha**.

"Mas [Lula] será bem-vindo se quiser ajudar a resolver o caos. Porém, até aqui, falou mais e fez menos", completou.

O presidente do Republicanos, deputado federal Marcos Pereira (SP), afirmou à reportagem que Lula e Tarcísio fizeram "o que tem que ser feito, com o povo em primeiro lugar".

Mesmo na direita, portanto, houve falas de aprovação. "Não existe cor partidária nestes momentos, pois esta é uma de nossas funções como homem público, ajudar ao próximo", disse à **Folha** o líder do PL na Assembleia paulista, Ricardo Madalena.

Entre os aliados de Lula, o discurso do presidente deu a senha para que a comparação com Bolsonaro fosse explicitada. "É um evidente contraste com o período anterior", disse o ministro Márcio França (PSB) à reportagem.

"Lula reforça a importância da democracia e diz que questões políticas não podem estar acima do interesse da população", tuitou o senador Humberto Costa (PT-PE).

"Aproveito para saudar a sensibilidade e a atitude republicana do presidente Lula, que se deslocou para a cidade de São Sebastião junto com vários ministros. Isso é civilidade! Um presidente que tem compaixão com a dor do outro e tem compromisso com seu povo", escreveu a governadora do Rio Grande do Norte, Fátima Bezerra (PT).

Nas redes, a união dos entes da Federação foi especificamente elogiada por diversos petistas do estado, como Emídio de Souza, Edinho Silva, Alexandre Padilha, além de José Guimarães (CE) e da primeira-dama Janja.

"Governo federal e governador Tarcísio trabalhando em perfeita sintonia e harmonia em benefício da população. Novos tempos no Brasil", publicou o ex-bolsonarista Junior Bozzella (União Brasil-SP).

"Cooperação entre os entes federativos. Priorizar a população oferecendo solidariedade e solução. Tudo que o Bolsonaro não fez na pandemia", completou o deputado federal.

Pelo Twitter, Alexandre Frota (Pros) e Antonio Neto (PDT) também celebraram a parceria.

Leia mais em Cotidiano

> "É um gesto importante do governo federal para São Paulo, que fortalece a democracia e a Federação. É um exemplo de que a política não deve ser feita de sectarismo, mas de amor ao próximo
>
> **Geraldo Alckmin (PSB)**
> vice-presidente à **Folha**

> Lula é bom de discurso, mas na prática é Tarcísio que está empenhado. Será bem-vindo se quiser ajudar a resolver o caos. Porém, até aqui, falou mais e fez menos
>
> **Gil Diniz (PL)**
> deputado estadual aliado de Bolsonaro à **Folha**

> Governo federal e Tarcísio trabalhando em perfeita sintonia e harmonia em benefício da população. Novos tempos no Brasil
>
> **Junior Bozzella (União Brasil)**
> deputado federal ex-aliado de Bolsonaro no Twitter

> Aproveito para saudar a sensibilidade e a atitude republicana de Lula. [...] Um presidente que tem compaixão com a dor do outro
>
> **Fátima Bezerra (PT)**
> governadora do Rio Grande do Norte no Twitter

COMO CHEGAMOS AQUI?

A força-tarefa da Lava Jato foi encerrada, o principal alvo da operação foi eleito presidente da República e as duas mais proeminentes autoridades do caso abandonaram seus cargos e se elegeram para o Congresso. Isso não significa, no entanto, que a Lava Jato foi definitivamente encerrada no Judiciário e que os casos foram todos extintos ou declarados prescritos. Mesmo que com réus menos conhecidos, e com juízes de perfis muito diferentes do de Sergio Moro, ainda tramitam dezenas de ações penais e procedimentos relativos à Lava Jato e a seus desdobramentos em Curitiba e em outras jurisdições, incluindo o STF (Supremo Tribunal Federal).

FOLHA EXPLICA

Entenda o que ainda resta para ser julgado da Lava Jato nos tribunais

Operação, que teve série de sentenças anuladas, tem desdobramentos em tramitação

Manifestação de apoio à Operação Lava Jato, na avenida Paulista, em São Paulo, em 2016 Eduardo Anizelli - 20.nov.16/Folhapress

Felipe Bächtold

PENDÊNCIAS EM CURITIBA

A reportagem localizou ao menos 34 ações penais em tramitação hoje na Justiça Federal no Paraná, que inicialmente conduziu os casos da Lava Jato a partir de sua deflagração, em 2014. Também há uma série de outros processos com andamento suspenso por decisão judicial.

Na lista dos réus na primeira instância, há nomes mais laterais, como ex-executivos da Petrobras, operadores e ex-executivos de empreiteiras, como a Odebrecht.

Parte dos processos envolve réus que estão no exterior, em países como Paraguai, Argentina e Espanha. Essa circunstância acabou atrasando o andamento.

O ritmo de tramitação não é mais acelerado como nos tempos do ex-juiz Sergio Moro, que em alguns casos expedia sentenças em meses.

Um dos poucos políticos remanescentes na lista é José Dirceu, chefe da Casa Civil no primeiro governo de Lula. Ele é acusado de lavagem de dinheiro por repasses de duas empreiteiras. Outro é o hoje suplente de senador Ney Suassuna, da Paraíba. Ambos negam as acusações feitas.

A defesa de Dirceu questiona a legitimidade da ação com base em diálogos que os procuradores trocaram no Telegram e que mostraram colaboração entre o Ministério Público e o então juiz Moro. Os diálogos, apelidados de Vaza Jato, foram publicados por diversos veículos de comunicação, incluindo a **Folha**, e comprometeram a credibilidade da investigação em 2019.

O ex-juiz, hoje senador pela União Brasil-PR, despachou sentenças em 45 processos, de 2014 a 2018. Parte dessas condenações, porém, foi anulada, principalmente devido à mudança de entendimento do STF sobre o foro para a tramitação de casos relacionados ao caixa dois eleitoral.

O sucessor de Moro à frente do caso, a partir de 2019, foi o juiz federal Luiz Antônio Bonat, que assumiu o posto a pedido em transferência interna na Justiça Federal no Paraná. Ele deixou a Vara Federal em 2022, ao ser promovido para a segunda instância.

No último dia 7 de fevereiro, começou a despachar no lugar dele o magistrado Eduardo Appio. Ele se diz um juiz de perfil garantista e afirmou em entrevista à **Folha** que tentará ampliar a equipe de servidores e evitar a prescrição de casos. "A Lava Jato não morreu", disse, na ocasião.

Ainda atua na operação a juíza substituta Gabriela Hardt, que em 2019 sentenciou Lula no caso do sítio de Atibaia — condenação também anulada.

RIO E OUTROS ESTADOS

De 2015 em diante, acusações feitas em acordos de colaboração firmados a partir das investigações de Curitiba foram enviadas para apuração em outros estados.

No Rio de Janeiro, a iniciativa deu origem a um conjunto de inquéritos que mirou, entre outros alvos, negócios do ex-governador Sérgio Cabral. Os casos ficaram sob responsabilidade do juiz Marcelo Bretas, da primeira instância.

Cabral deixou a cadeia em 19 de dezembro para cumprir prisão domiciliar, restrição revista neste mês. Condenado em mais de 20 processos, ele ainda responde a denúncias formuladas pela força-tarefa local do Ministério Público, que foi extinta em 2021.

O Supremo tem decidido redistribuir uma parcela dos processos para outras varas, por entender que não há conexão direta deles com o ponto de partida da Lava Jato fluminense, que foi um esquema de desvios na Secretaria Estadual de Obras na gestão de Cabral. Um dos casos afetados foi a Operação Pão Nosso, de 2018, sobre corrupção na Secretaria de Administração Penitenciária.

Houve também envio para a Justiça estadual do Rio, como no caso de desdobramentos da Operação Ponto Final, relativa à corrupção no setor de transporte público urbano.

Outra situação em discussão é se a Operação Câmbio, Desligo, que prendeu suspeitos de integrar uma rede de doleiros em 2018, deve permanecer sob a responsabilidade de Bretas. Em julho passado, ele suspendeu a tramitação das ações penais relacionadas para aguardar julgamento sobre a atribuição no STJ (Superior Tribunal de Justiça).

Há ainda processos no Rio em tramitação, por exemplo, acerca de irregularidades na usina de Angra 3 e na construção do metrô carioca.

No Distrito Federal, tramitam processos sobre a estatal Transpetro e é réu, entre outros, o ex-senador emedebista Romero Jucá (RR), em ação relativa à Odebrecht.

Em junho passado, a Procuradoria em Pernambuco apresentou denúncia relacionada a pagamentos da Odebrecht no exterior na época do governo de Eduardo Campos (PSB), que morreu em 2014.

JUSTIÇA ELEITORAL

A decisão do STF que estabeleceu que denúncias ligadas a caixa de campanha não devem tramitar na Justiça Federal acabou reconfigurando toda a lógica dos processos da Lava Jato a partir de 2019.

Sentenças que já estavam sendo reavaliadas nas cortes superiores, como as que abordavam pagamentos ao PT, foram anuladas, com ordem para que recomeçasse a tramitação na Justiça Eleitoral.

No entanto, esse braço do Judiciário, responsável por organizar as eleições, não conta com a mesma estrutura especializada para julgar processos complexos, e o panorama até agora tem sido de poucos resultados efetivos.

O ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha (hoje no PTB) foi um dos que tiveram condenações anuladas, e a antiga denúncia foi enviada à Justiça Eleitoral do Rio de Janeiro. Nesse tipo de situação, em tese, decisões anteriores podem ser revalidadas.

No ano passado, o ministro do STF Ricardo Lewandowski determinou o envio à Justiça Eleitoral da maior das ações penais em tramitação no Paraná, relativa à corrupção de uma sede da Petrobras na Bahia. O processo, agora enviado ao DF, tinha mais de 40 réus, como empreiteiros e ex-executivos da Petrobras.

Em São Paulo, chegou a ser criado em 2020 um grupo de promotores eleitorais designado para se dedicar a casos desse tipo. Foram denunciados políticos como o atual secretário estadual Gilberto Kassab (PSD) e o senador José Serra (PSDB).

INVESTIGAÇÕES PARADAS

Se nos tribunais a Lava Jato ainda gera muita discussão, tudo indica que a era das sucessivas fases da operação acabou. A deflagração de novas operações, com cumprimento de mandados de busca ou de prisão, não mais ocorre nos moldes do auge da investigação, de 2014 a 2018.

A etapa mais recente foi desencadeada em outubro de 2021. Na época, a **Folha** mostrou que as autoridades do Paraná cumpriram mandados de busca e apreensão ligados ao esquema de corrupção na Petrobras, mas não a chamaram nem de fase nem de Lava Jato. Oficialmente, a investigação contou com 82 etapas.

A Procuradoria no Paraná informou que foram protocoladas mais quatro denúncias relacionadas à operação em 2022. Segundo o juiz federal Eduardo Appio, ainda há 71 procedimentos sob sigilo em tramitação em Curitiba.

Com o passar do tempo, fica mais improvável que provas colhidas no auge da Lava Jato ainda gerem novos desdobramentos relevantes na Justiça.

Os fatos tratados na Lava Jato são em sua maior parte relacionados até a eleição de 2014 —quase uma década atrás, portanto. Quanto mais antiga a suspeita, mais difícil fica levantar evidências e comprovar os delitos, além de existir o risco de prescrição.

STF

O Supremo foi um dos principais palcos da Lava Jato com a análise de uma série de denúncias apresentadas pela Procuradoria-Geral da República contra autoridades com foro especial que deveriam ser julgadas na corte.

A partir de 2018, o entendimento do tribunal mudou, e os casos não relacionados aos mandatos dos parlamentares foram enviados à primeira instância nos estados.

Um dos casos remanescentes no tribunal envolve o ex-presidente Fernando Collor, que perdeu a última eleição em Alagoas ao concorrer pelo PTB. Ele é acusado de corrupção, lavagem de dinheiro e de integrar organização criminosa que desviou recursos da BR Distribuidora na época dos governos do PT. No mais recente pleito, Collor se aliou a Jair Bolsonaro, do PL.

As partes entregaram suas alegações finais ao STF em 2019 e o relator, ministro Edson Fachin, citou o risco de prescrição. Ainda não há data para o julgamento.

Outra atribuição do Supremo é julgar recursos de réus condenados em outras instâncias do Judiciário. Quando não houver mais possibilidade de apelação, a Justiça poderá determinar o cumprimento das penas.

Estão nessa situação réus da Lava Jato, como o ex-tesoureiro do PT João Vaccari, que recorreram em todos os graus da Justiça até chegar à corte.

O saldo da operação no Judiciário volta e meia ressurge nos debates da corte. Em junho passado, o ministro Luiz Fux disse em evento que os casos foram anulados apenas por questões formais.

Gilmar Mendes, que se tornou um dos principais críticos da investigação, rebateu dias depois afirmando que não se combate crime cometendo crime. Ao falar da Lava Jato, associou à tortura a tática de obter delações de acusados presos e afirmou que o Supremo não pode subscrever práticas ilícitas.

Ricardo Lewandowski, ao suspender em março ação contra Lula que tramitava no DF, escreveu que houve "graves vícios que maculam as investigações" contra o petista e que o Ministério Público buscava valer-se de delatores —"quaisquer que estivessem à mão"— para corroborar suas narrativas.

OUTROS PAÍSES

No exterior, desdobramentos de revelações da Lava Jato continuam repercutindo na Justiça. O principal foco são suspeitas trazidas pela delação da Odebrecht, firmada em 2016 também com autoridades da Suíça e dos Estados Unidos.

Em maio passado, foi divulgado que a Justiça americana condenou à prisão por lavagem relacionada à construtora dois filhos do ex-presidente do Panamá Ricardo Martinelli (2009-2014). A propina envolvida era de US$ 28 milhões, segundo a sentença.

O banqueiro austríaco Peter Weinzierl, de um banco usado pela empreiteira para o pagamento de suborno, tenta evitar a extradição do Reino Unido para os Estados Unidos, que pretende processá-lo.

No Peru, o ex-presidente Ollanta Humala e sua esposa serão julgados por acusação de corrupção por parte da Odebrecht. Delatores, como o ex-empreiteiro Marcelo Odebrecht, vão depor na corte do país em abril.

Tribunais de contas viram abrigo de políticos

Especialistas consideram que formato de nomeação para essas cortes traz prejuízos à administração pública no país

Matheus Tupina

SÃO PAULO Os tribunais de contas, que custam cerca de R$ 10 bilhões aos cofres públicos —o mesmo valor que sustenta a Justiça Eleitoral e todas as cortes superiores juntas—, oferecem foro privilegiado e vitaliciedade a seus conselheiros, muitas vezes nomeados ignorando o caráter técnico da função.

Tanto em esfera federal quanto em estadual e municipal, vários políticos de carreira, alguns deles parentes de mandatários ou envolvidos em imbróglios na Justiça, são indicados para um órgão que também é capaz de tornar adversários inelegíveis.

Há propostas para tornar as nomeações mais rígidas, mas nenhuma delas foi adiante.

Especialistas disseram à **Folha** que a partidarização desses tribunais é prejudicial à administração pública, por tirar isenção do controle das contas e por permitir aparelhamento da máquina estatal.

Os cargos de conselheiros dos TCEs (Tribunais de Contas Estaduais) equivalem aos de desembargadores da Justiça estadual, e os ministros do TCU (Tribunal de Contas da União) são equiparados pela Constituição aos ministros do STJ (Superior Tribunal de Justiça), apesar de não serem vinculados ao Poder Judiciário.

Segundo o texto constitucional, pode ser indicado ministro ou conselheiro de um tribunal de contas alguém que tiver mais de 35 anos, além de idoneidade moral e reputação ilibada, notórios conhecimentos de administração pública e mais de dez anos de exercício em uma função que dê conhecimentos para exercer as atribuições das cortes.

Esses requisitos são avaliados pelo Senado, no caso federal, e pelas Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais, no âmbito estadual e municipal, respectivamente. Ainda assim, não há nenhuma norma infralegal especificando esses princípios.

Há cinco propostas em tramitação para regular as nomeações para esses tribunais, envolvendo a necessidade de ter ficha limpa, concursos públicos, estar fora de partidos políticos e cargos eletivos e tempo de mandato.

Nenhuma, porém, avançou nos últimos anos. Três textos aguardam designação de relator para início de tramitação, um deles precisa ser votado pela CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) da Câmara dos Deputados desde 2017 e outro aguarda votação em plenário desde 2013.

O resultado disso está nos dados —em 2016, levantamento da ONG Transparência Brasil indicou que 80% dos 233 conselheiros em tribunais de contas ocuparam, antes de sua nomeação, cargos eletivos ou de destaque na alta administração pública. Mostra ainda que 23% deles sofreram processos ou punição da Justiça e 31% eram parentes de outros políticos.

Um ano depois, pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco mostrou que, dos 186 conselheiros de todos os TCEs, 85 eram ex-deputados estaduais e distritais, 5 foram deputados federais e 29 eram ex-secretários estaduais, 13 ocuparam outros cargos estaduais e 40 tinham ou tiveram pendências judiciais.

Recentemente, reportagens da **Folha** mostraram importantes figuras políticas tentando emplacar familiares nos tribunais de contas, como o ministro da Casa Civil, Rui Costa (PT), que tenta incluir a esposa no Tribunal de Contas dos Municípios da Bahia, e o governador do Maranhão, Carlos Brandão (PSB), que tem seu sobrinho, Daniel Itapary Brandão, como favorito ao Tribunal de Contas do Estado do Maranhão.

Para Fernando Menezes, professor de direito administrativo da Faculdade de Direito da USP, todo tribunal de contas possui um grau de politização que envolve o debate público e a diversidade do perfil dos conselheiros, mas a inserção de ex-políticos ou a partidarização das cortes gera pessoalidade nas decisões e perseguição de inimigos.

Menezes também disse que a pouca vontade dos políticos de mudar a instituição leva a sua vulnerabilidade aos interesses do grupo político majoritário e compromete a isenção do controle externo.

Apesar de ressaltar que há indicações importantes para os tribunais de contas, ele entende que regras mais estritas deveriam ser aplicadas, como uma quarentena após o exercício de cargos e a filiação de partidos.

Ele também destaca a possibilidade de criar um percurso formativo similar ao que já ocorre na carreira diplomática, profissionalizando o exercício da função e trazendo benefícios a toda a administração pública.

Juliana Sakai, coordenadora técnica da ONG Transparência Brasil, entende que mesmo para as indicações políticas, alguns critérios, como a reputação moral e ilibada, impedem a indicação de conselheiros com pendências judiciais, o que já ocorreu para os tribunais de contas.

Ela afirma que a velocidade de mudança do perfil de ministros e conselheiros dessas cortes é lenta e que há pouca vontade dos políticos de mudar o atual formato de funcionamento e indicação. "Não é de interesse do grupo político perder poder", disse.

Com o desgaste da pauta anticorrupção, Sakai acredita ser difícil mudar o atual estado das cortes de contas, pois a pauta anticorrupção tem sido muito ligada à moralidade.

"Deve-se mudar o foco, a corrupção não deve ser tratada moralmente, deve ser tratada no âmbito das instituições e esse tema serve para regular e evitar aparelhamento do estado", concluiu.

mundo guerra da ucrânia

Biden desafia Putin com visita surpresa à Ucrânia às portas do 1º ano da guerra

Presidente americano faz viagem secreta desde a Polônia um dia antes de líder russo discursar

Igor Gielow

SÃO PAULO Em demonstração de apoio explícito à Ucrânia e de desafio direto a Vladimir Putin, o presidente americano, Joe Biden, fez nesta segunda (20) uma viagem surpresa a Kiev às portas do aniversário do primeiro ano da invasão russa do vizinho.

Biden chegou à capital ucraniana no começo da manhã, após o que pode ter sido uma hora de viagem de trem desde a fronteira da Polônia, país que visitará oficialmente por dois dias a partir da terça-feira (21), mesmo dia em que o presidente russo fará um discurso sobre a guerra na Assembleia Federal, o Congresso em Moscou.

O líder americano se encontrou com o presidente Volodimir Zelenski, na visita de mais alto calibre diplomático até aqui no conflito, que completará um ano na sexta (24). Antes, líderes como o primeiro-ministro britânico, Rishi Sunak, e a presidente da Comissão Europeia, a alemã Ursula von der Leyen, estiveram em Kiev.

Em discurso, Biden disse que "a guerra brutal e injusta está longe de ganha" e que haverá "dias, semanas e anos muito difíceis à frente". Mas Putin está falhando, afirmou. "Um ano depois, a evidência está aqui nesta sala. Nós estamos juntos. A liberdade não tem preço, vale lutar por ela pelo tempo que for preciso."

Por óbvio, houve grande segredo em torno da visita do democrata, que caminhou nas ruas com Zelenski. No início da passagem, alarmes antiaéreos soaram pelo país, mas não houve registro de ataques.

Sem dar detalhes, Jake Sullivan, assessor de Segurança Nacional dos EUA, afirmou que a Rússia foi notificada da visita. Seja como for, a viagem foi "sem precedentes nos tempos modernos", já que nunca antes um presidente americano havia visitado "a capital de um país em guerra onde as Forças Armadas americanas não controlam a infraestrutura crítica".

Isso diferencia a passagem por Kiev, que durou cerca de cinco horas, de visitas anteriores de mandatários americanos ao Afeganistão e ao Iraque sob ocupação, por exemplo. Sullivan não pormenorizou como Biden chegou e saiu do país, apesar do relato de que ele pegou o trem de Rezszow, na Polônia, onde havia pousado em um avião secundário da Presidência americana, um Boeing-757 modificado, não o usual e chamativo Boeing-747 Air Force One.

"Quando Putin lançou sua invasão, há quase um ano, ele pensou que a Ucrânia era fraca, e o Ocidente, dividido. Pensou que poderia nos superar. Mas ele estava errado", afirmou o presidente americano. "A Ucrânia agradece", disse Zelenski, que chamou a visita de a "mais importante da história das relações EUA-Ucrânia" e avaliou que ela "se refletirá no campo de batalha", referência aos novos envios de armas.

A viagem de Biden ocorre em um momento de inflexão na guerra, com aumento expressivo da pressão russa no leste e no sul do país, áreas que Putin declarou serem da Rússia em setembro. Kiev, por sua vez, apela cada vez mais pelo envio de armas mais sofisticadas e potentes, particularmente caças.

Há expectativa em torno de Biden, para saber se ele mudará de ideia e liberará o fornecimento desses aviões, o que será lido como provocação ofensiva pelos russos. Nesta segunda, o americano anunciou um novo pacote de armas, todas já conhecidas, como mísseis e artilharia, no valor de US$ 500 milhões.

Até aqui, americanos e ocidentais em geral têm escalado a ajuda militar a Kiev de forma pausada, passo a passo, e a promessa de tanques de guerra modernos, que ainda não chegaram, é o estágio atual.

No fim de semana, o chefe da diplomacia europeia, o catalão Josep Borrell, disse que a guerra estaria "acabada" se a Europa não ampliasse a produção e o fornecimento de munições à Ucrânia, que tem gasto todo seu estoque e também o de países da Otan, a aliança militar de 30 países liderada por Washington.

> "Quando Putin lançou a invasão, pensou que a Ucrânia era fraca, e o Ocidente, dividido. Pensou que poderia nos superar. Mas ele estava errado. Um ano depois, a evidência está aqui nesta sala. Nós estamos juntos
>
> **Joe Biden**
> presidente dos EUA

Borrell propôs, na Conferência de Segurança de Munique, evento anual que reúne líderes na cidade alemã desde 1963, que o Ocidente adote um sistema colaborativo de distribuição de armas de seus arsenais, num modelo semelhante ao dos esforços para entregar vacinas contra a Covid no auge da pandemia.

A visita de Biden também coincide com a maior inserção da rivalidade estratégica central do mundo, entre EUA e China, no contexto da guerra europeia. Na conferência, o secretário de Estado americano, Antony Blinken, disse, sem apresentar provas, que Pequim considera fornecer armas para Moscou.

Xi Jinping e Putin são aliados próximos, e a China aumentou em quase 50% suas importações da Rússia no ano passado, ajudando a manter a economia do vizinho viva apesar das sanções impostas. Mas, de forma ambígua, os chineses afirmam querer mediar a paz, ainda que sem condenar os russos — só as punições ocidentais.

Ao jornal alemão Die Welt, em entrevista publicada nesta segunda-feira, Zelenski disse esperar "uma avaliação pragmática" de Pequim. "Porque se a China se aliar à Rússia, haverá uma guerra mundial, e a China sabe disso."

O presidente dos EUA, Joe Biden, à esq., e o líder da Ucrânia, Volodimir Zelenski, próximos à catedral de São Miguel das Cúpulas Douradas, em Kiev Evan Vucci/Pool/AFP

China nega acusação dos EUA de que quer passar armas à Rússia

BUDAPESTE | REUTERS A China classificou de falsas as alegações americanas de que Pequim considera enviar armas à Rússia para ajudar o país na Guerra da Ucrânia e reiterou o desejo de diálogo para encerrar o conflito, que completará um ano na próxima sexta (24).

"São os EUA, não a China, que estão constantemente enviando armas para o campo de batalha", afirmou Wang Wenbin, porta-voz da chancelaria chinesa, nesta segunda-feira (20), referindo-se a algo que é um fato. Ele também pediu que Washington reflita-se sobre suas próprias ações.

"A posição da China sobre a questão da Ucrânia pode ser resumida em uma frase: encorajar a paz e promover o diálogo", reiterou. As respostas vêm após o chefe da diplomacia dos EUA, Antony Blinken, afirmar em entrevista no domingo que há o temor de que a China envie apoio letal à Rússia para sua ofensiva contra Kiev.

A invasão da Ucrânia promovida por Moscou é uma questão difícil para Pequim, que tem buscado se posicionar como um país neutro, mas dá apoio diplomático ao Kremlin, ao final um aliado estratégico.

No sábado, os chineses anunciaram a apresentação de uma proposta para encontrar uma "solução política" para a guerra, com o chanceler chinês, Qin Gang, afirmando que seu país está do lado do diálogo.

Na Conferência de Segurança de Munique, encerrada no último domingo, Blinken já havia emitido alertas sobre possíveis consequências de a China ajudar a Rússia. Na cúpula, o americano se reuniu com o alto diplomata chinês Wang Yi, numa conversa descrita pela diplomacia dos EUA como "franca e direta".

Na ocasião, Wang Yi disse que os EUA têm todos os motivos para buscar uma solução para a guerra, em vez de atiçar o conflito ou lucrar com ele, segundo disse o porta-voz da chancelaria em entrevista coletiva nesta segunda-feira.

Para o líder ucraniano, Volodimir Zelenski, em entrevista ao jornal alemão Die Welt, um eventual apoio da China à Rússia levaria a uma guerra mundial. "Gostaria que [a China] estivesse do nosso lado. Hoje, porém, não acho que seja possível. Mas vejo uma chance para fazer uma avaliação pragmática", acrescentou.

A oferta de armas chinesas a Moscou provavelmente levaria a uma escalada da guerra para um confronto direto entre, de um lado, a Rússia e a China, e, do outro, a Ucrânia e a aliança militar da Otan, liderada pelos Estados Unidos.

Até aqui, a principal ajuda militar externa para a guerra vem sendo despejada por países-membros da Otan. Os EUA, líderes da lista, já enviaram ao menos US$ 28 bilhões para Kiev, o Reino Unido, US$ 3,7 bilhões, a Polônia, US$ 1,8 bilhão, e a Alemanha, US$ 1,19 bilhão, segundo a consultoria alemã Statista.

Wang Yi deve visitar Moscou nos próximos dias e até se encontrar com o presidente russo, Vladimir Putin. O porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, confirmou a visita, mas não deu uma data para a viagem. Na pauta dos encontros devem constar, claro, os elos dos dois países, além de uma solução política para o conflito no Leste Europeu.

A China já estaria num "clube da paz" proposto pelo presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), fórum que incluiria países não diretamente envolvidos na guerra para discutir sua resolução e uma perspectiva de longo prazo. O Brasil reconhece que a Rússia foi um país agressor ao invadir o território ucraniano, mas defende que a imposição de sanções e o envio de armas ou munições não ajudarão a chegar à paz.

A proposta foi apresentada pelo petista ao premiê alemão, Olaf Scholz, e ao presidente francês, Emmanuel Macron, além de ao líder americano, Joe Biden, durante visita do brasileiro à Casa Branca, em Washington, no último dia 10. Os Estados Unidos, como já era esperado, manifestaram ressalvas diante da proposta de Lula.

Novos sismos matam 3 e ferem 200 na Turquia

Terremotos atingem região de Antáquia duas semanas depois de tremor deixar mais de 47 mil mortos no país e na Síria

SÃO PAULO Um tremor de magnitude 6,4 e outro de 5,8 atingiram a fronteira da Turquia e da Síria nesta segunda (20) e deixaram ao menos três mortos e 213 feridos, segundo o ministro do Interior turco, Suleyman Soylu. Há duas semanas, um forte terremoto matou mais de 47 mil pessoas nos dois países.

A região, localizada sobre a placa tectônica da Anatólia, é uma das que apresentam maior atividade sísmica no mundo e registrava uma série de tremores secundários desde o sismo de 5 de fevereiro —os sucessivos terremotos dificultaram as operações de resgate.

Em Samandag, onde a Afad (Agência de Gerenciamento de Desastres da Turquia) registrou uma morte, os moradores relataram mais prédios colapsados —a maior parte da população, porém, já havia fugido após os primeiros terremotos. Escombros e móveis descartados cobriam as ruas escuras e abandonadas.

O governo da Turquia registrou mais de 6.000 tremores secundários nas últimas duas semanas. Até aqui, no entanto, eles não haviam desencadeado novas cenas de destruição, como se vê desta vez. Muna Al Omar, que estava na região de Antáquia, ao sul da Turquia, estava com o filho de 7 anos em uma barraca improvisada no momento do tremor. "Achei que a terra ia se abrir sob os meus pés."

Moradores de Antáquia após terremoto na província de Hatay, na Turquia Clodagh Kilcoyne/Reuters

A polícia patrulhou a região, enquanto ambulâncias corriam para a área atingida pelos novos terremotos, perto do centro da cidade. Lütfü Savas, prefeito de Hatay, província da qual Antáquia é a capital, disse ter recebido relatos de pessoas presas sob os escombros.

O Centro Sismológico Europeu do Mediterrâneo informou que o tremor de magnitude de 6,4 desta segunda, que também foi sentido no Egito e no Líbano, ocorreu a uma profundidade de 10 km. A Afad afirmou que o epicentro do terremoto foi no distrito de Defne, em Hatay, no sudeste do país. Já o segundo tremor, de magnitude 5,8, registrou profundidade de 9 km.

Horas antes, o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, em visita à Turquia, disse que Washington ajudará o país "pelo tempo que for necessário", já que as ações de resgate estão diminuindo, e os esforços, direcionados para ajudar quem perdeu suas casas e para trabalhos de reconstrução.

Segundo o Departamento de Estado dos EUA, a assistência humanitária oferecida para a resposta na Turquia e na Síria chegou a US$ 185 milhões (R$ 956 milhões). Especialistas afirmam que reconstruir as partes afetadas do país vai exigir do governo turco US$ 84,5 bilhões (R$ 437 bilhões).

Segundo o presidente Recep Tayyip Erdogan, as obras de reconstrução de quase 200 mil apartamentos em 11 províncias começarão no próximo mês.

Entre os sobreviventes estão 356 mil mulheres grávidas que precisam de acesso a serviços de saúde com urgência. A cifra inclui 226 mil mulheres na Turquia e 130 mil na Síria —38,8 mil delas devem dar à luz em março. Muitas estavam abrigadas em acampamentos, expostas a temperaturas baixas e com pouco acesso a comida ou água potável.

Na Síria, que há mais de 12 anos enfrenta uma guerra civil, a maioria das mortes ocorreu no noroeste do país. As Nações Unidas dizem haver 4.525 vítimas na região, controlada por rebeldes contrários ao ditador Bashar al-Assad. Em áreas sob o controle do regime, as autoridades locais disseram ter havido 1.414 mortes.

Milhares de refugiados sírios que estavam na Turquia voltaram para suas casas na Síria para tentar entrar em contato com parentes afetados pela devastação, o que causou fila na fronteira entre os países.

Mustafa Hannan, 27, que deixou na divisa sua esposa grávida e seu filho de três anos, disse ter visto cerca de 350 pessoas na fila. Com o colapso de sua casa em Antáquia, o eletricista disse não querer deixar a Turquia por alguns meses.

"Estou preocupado que eles não possam voltar [comigo]. Já fomos separados da nossa nação. Vamos nos separar de nossas famílias agora também? Se eu reconstruir a nossa casa, mas eles não puderem voltar, minha vida estará perdida."

Com Reuters

Manifestantes contrários à proposta de reforma do Judiciário de Israel protestam do lado de fora do Knesset, o Parlamento do país, em Jerusalém Ammar Awad/Reuters

Atos antirreforma judicial bloqueiam casas de políticos em Israel

JERUSALÉM | REUTERS E AFP Manifestantes bloquearam as casas de membros do Knesset, o Parlamento de Israel, nesta segunda-feira (20), em mais um dia de protestos contra os planos do governo de alterar o sistema judicial do país.

Dezenas de pessoas tentaram impedir que Simcha Rothman, um dos principais arquitetos das propostas, saísse de carro para se dirigir ao Parlamento, em Jerusalém, assim como foram bloqueadas as saídas das casas de Tally Gotliv, defensora ferrenha do projeto, e do ministro da Educação, Yoav Kisch.

Segundo a polícia, oito pessoas foram presas por conduta desordeira, e o trânsito foi desviado após manifestantes fecharem estradas, no que deve ser o principal dia de atos contra as reformas até hoje.

Para o premiê Binyamin Netanyahu, "os manifestantes que falam sobre democracia estão provocando o fim da democracia ao negar aos parlamentares eleitos o direito fundamental de uma democracia: votar".

O Parlamento avaliará a primeira das três propostas do governo de ultradireita que permitiriam que o Knesset derrubasse decisões da Suprema Corte por meio de votações com maioria simples —algo que a coalizão que sustenta a atual administração já possui.

Patrocinado pelo Comitê de Constituição, Lei e Justiça do Parlamento, o projeto de lei propõe colocar as nomeações judiciais sob controle do governo, bem como impedir que a Suprema Corte supervisione as Leis Básicas, incluindo a própria legislação proposta.

Netanyahu argumenta que a mudança é necessária para tirar a Justiça das mãos de "magistrados elitistas e tendenciosos". Na prática, ela daria superpoderes ao premiê e a seus aliados durante o mandato.

O processo no Knesset tem sido marcado por debates acalorados. Nesta segunda, Ram Ben Barak, do centrista Yesh Atid, comparou os movimentos do governo para aprovar o projeto ao nazismo. "Isso é pior do que todos os regimes com os quais não queremos parecer, como a Alemanha nazista. Eles [nazistas] ascenderam ao poder democraticamente", disse ele. Netanyahu, como em outras ocasiões, disse que a oposição passa dos limites nas críticas.

Pesquisas mostram que a maioria dos israelenses quer que as reformas sejam mais lentas, para permitir o diálogo com quem se opõe a elas, ou totalmente arquivadas. Para o líder da oposição, o ex-premiê Yair Lapid, os atos devem aumentar de volume, "na luta pela alma da nação". Mas ele também condenou manifestantes flagrados em vídeos dizendo à parlamentar Gotliv que ela não poderia tirar sua filha autista de casa para levá-la para o serviço de assistência.

Embora ela tenha implorado para que a deixassem passar com a filha, eles se recusaram a ceder, e a polícia foi chamada. No meio da manhã, Gotliv chegou ao Parlamento.

Desde que as reformas foram propostas, em janeiro, protestos têm atraído milhares de pessoas em busca de recuos do governo. Um ato em Jerusalém há uma semana contou com cerca de 70 mil participantes.

Também nesta segunda, o governo de Israel, numa reviravolta, informou aos EUA que não autorizará a legalização de novos assentamentos na Cisjordânia nos próximos meses.

O anúncio vem após uma série de críticas de países do Ocidente. Em nota as chancelarias de Alemanha, França, EUA, Itália e Reino Unido disseram que novos assentamentos exacerbariam a crise entre israelenses e palestinos, agravada após uma série de ataques nas últimas semanas.

O Conselho de Segurança da ONU também emitiu uma declaração denunciando o plano de Israel, na primeira ação que os EUA permitiram que o órgão tomasse contra o aliado em seis anos. "O Conselho de Segurança reitera que as contínuas atividades de assentamentos israelenses estão colocando em risco a viabilidade da solução de dois Estados baseada nas linhas de 1967."

mercado

Perda de servidores, orçamento e transição tecnológica desafiam IBGE

Instituto tenta finalizar Censo Demográfico enquanto enfrenta questões estruturais

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO Os desafios do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) vão além da necessidade de superar os atrasos para concluir o Censo Demográfico 2022.

Restrições orçamentárias, queda no número de funcionários efetivos e dificuldade para recomposição do quadro fazem parte dessa lista, aponta a Assibge, que representa os trabalhadores do órgão de pesquisas.

Segundo a entidade sindical, o IBGE tinha 4.009 servidores efetivos em dezembro de 2022. O número é 42,5% menor do que o registrado em igual mês de 2010 (6.971), o ano da mais recente edição concluída do Censo.

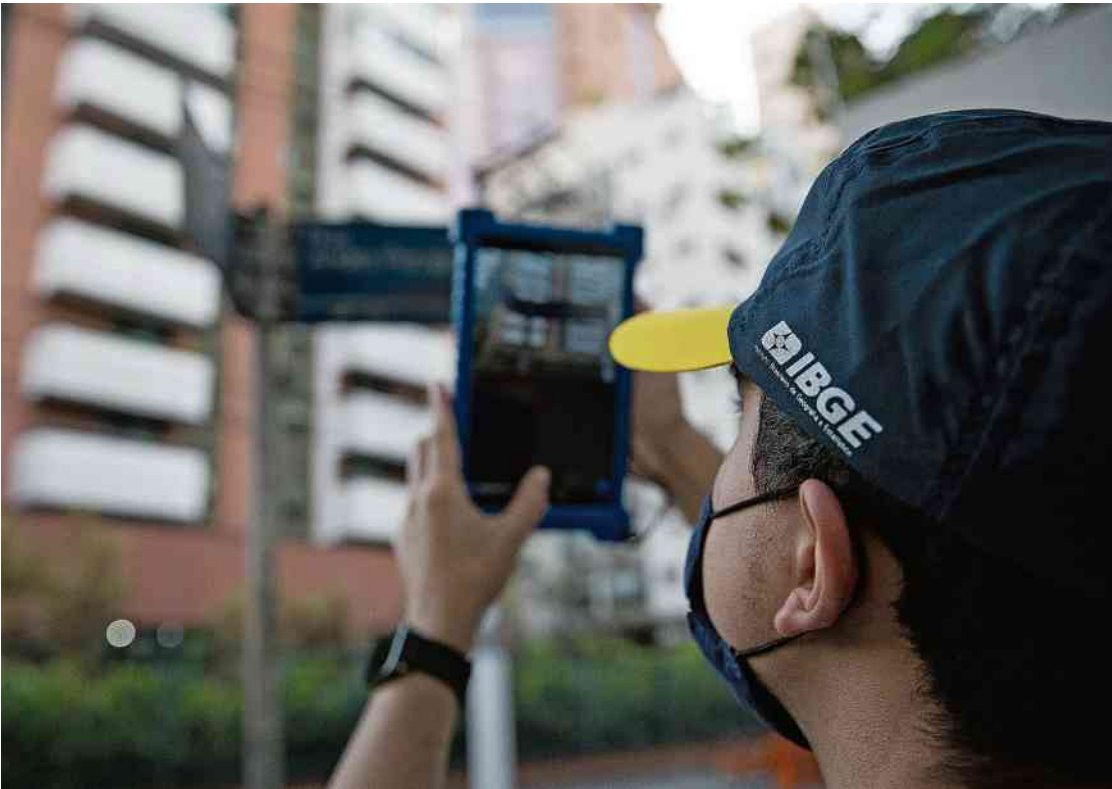
Do total de efetivos, em torno de 24% podem se aposentar a qualquer momento, conforme a Assibge. Diante desse cenário, o sindicato defende a reposição do quadro de trabalhadores por meio de concursos públicos.

"Muitos servidores estão esperando o Censo terminar para se aposentar, porque esse é um momento importante", relata Bruno Perez, diretor da executiva nacional da Assibge.

Assim como ocorre durante o Censo, que costuma ser feito a cada dez anos, o instituto precisa de trabalhadores temporários para realizar as outras pesquisas.

A Assibge afirma que há cerca de 5.000 temporários em atuação hoje, excluindo os contratados especialmente para a operação do Censo.

"Mais de 50% da força de trabalho é formada por temporários. É algo ruim porque eles ficam no máximo três anos."

Em nota, o IBGE afirma que houve pedidos de concurso público para recomposição do quadro permanente já no final do ano passado. A direção interina do instituto também se diz "sensível a todas essas questões".

Agente do IBGE durante pesquisa preliminar do Censo no Itaim Bibi, em São Paulo Zanone Fraissat - 21.jun.22/Folhapress

"No entanto, deliberações de médio e longo prazo sobre isso só poderão ser tratadas entre o atual governo e a futura direção do IBGE, que deve ser definida em breve", afirmou o instituto.

O economista Eduardo Rios Neto foi exonerado do cargo de presidente do IBGE no início de janeiro, logo após a posse de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Rios Neto está sendo substituído de maneira interina por Cimar Azeredo, diretor de pesquisas do instituto.

No governo Lula, o IBGE está sob o guarda-chuva do Ministério do Planejamento, comandado por Simone Tebet. Na gestão de Jair Bolsonaro (PL), o instituto fazia parte da estrutura do antigo Ministério da Economia, liderado por Paulo Guedes.

Tebet ainda não anunciou o nome que ficará à frente do IBGE. Uma das possibilidades é a permanência de Azeredo no cargo interino até a conclusão do Censo, cuja divulgação dos dados definitivos está prevista para abril.

Durante o mandato de Bolsonaro, o instituto foi alvo de ataques dentro do próprio governo. Em julho de 2021, Guedes disse que o IBGE estava na idade da "pedra lascada".

A declaração gerou críticas ao ministro à época, já que caberia ao governo a tarefa de modernizar as condições de atuação do órgão de pesquisas.

Ex-presidente do IBGE, o economista Sérgio Besserman Vianna tem a avaliação de que a transição tecnológica não é um desafio exclusivo do instituto brasileiro. A transformação também impacta a rotina de órgãos estatísticos no exterior, diz.

Na visão de Besserman Vianna, que presidiu o IBGE de 1999 a 2003, o instituto já vem modernizando processos, e a adoção de ferramentas tecnológicas neste Censo é um exemplo disso.

Segundo ele, há necessidade de mais avanços, e o uso de registros administrativos (dados de outros órgãos públicos) deveria ser ampliado para a produção de estatísticas.

"O mundo passa por uma revolução no que diz respeito a dados e informações. Todo instituto de estatística, por mais rico que seja o país, está sendo desafiado por essa nova realidade, do big data."

O economista afirma que o "ativo mais valioso do IBGE" ainda é o capital humano e que defender a recomposição de parte do quadro de funcionários é importante. Porém, considera que, com a transição tecnológica, não há mais espaço para todas as vagas do passado.

O sociólogo Simon Schwartzman, também ex-presidente do IBGE, tem uma avaliação semelhante.

"Hoje o instituto precisa ter uma estrutura menor, mas bem qualificada, e que trabalhe de maneira mais integrada com outras agências, outros órgãos. Há uma tendência de confiar mais nos registros administrativos", diz Schwartzman, que presidiu o IBGE de 1994 a 1998.

Na visão dele, a redução do quadro de funcionários não foi feita de maneira "planejada". "O IBGE não precisa mais de uma estrutura tão espalhada. O problema é que essa redução não foi feita de maneira planejada. Teve um esvaziamento, e não se pensou em um novo modelo", aponta.

O Censo, produzido pelo IBGE, é o retrato mais detalhado das condições demográficas e socioeconômicas da população brasileira.

A coleta das informações foi posta em campo em agosto de 2022. Inicialmente, o instituto planejava encerrar a operação em três meses, até outubro.

O trabalho, contudo, sofreu atrasos e segue em curso depois de seis meses. Ao longo da coleta, o IBGE enfrentou dificuldades para contratar e manter em atividade os recenseadores.

Parte desses trabalhadores, contratados de maneira temporária, reclamou de atrasos em pagamentos e de valores em nível abaixo do esperado. Houve desistências e ameaça de greve na categoria.

A nova edição do Censo estava prevista para 2020, mas foi adiada para o ano seguinte em razão da pandemia. Em 2021, houve novo atraso devido ao corte de orçamento para a pesquisa.

"O desafio é a sociedade brasileira como um todo —governo federal, estados, prefeituras, setor privado— valorizar a produção de conhecimento estatístico [...]. Somos uma sociedade que valoriza pouco o conhecimento", diz Besserman Vianna.

No início deste mês, a ministra do Planejamento, Simone Tebet, afirmou que o IBGE "é um patrimônio do Brasil" e criticou o tratamento dado ao órgão no governo Bolsonaro.

Tebet se reuniu em Brasília com a atual diretoria e os 27 superintendentes regionais do instituto e defendeu a realização do Censo.

Contratações no setor de tecnologia no país encerram 2022 com 'dezembro terrível'

Pedro S. Teixeira

SÃO PAULO O saldo de 427 contratações em dezembro de 2022 foi a pior marca para os profissionais e técnicos de informática desde maio de 2020, quando o mercado de trabalho brasileiro sentia o baque da pandemia, com excedente de 1.762 demissões.

Os dados constam do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) —registro do governo sobre as movimentações do mercado de trabalho formal.

Ainda que o número para o setor seja positivo, representa queda de 88,3% em relação aos 3.645 novos empregos de dezembro de 2021. Na comparação com novembro de 2022, o corte foi ainda maior: 89,6%. Empresas costumam rever seus gastos com pessoal no fim do ano.

O estoque de profissionais de informática cresceu 29,6% entre dezembro de 2022 e janeiro de 2020, quando o Novo Caged começou a contabilizar o vaivém desses postos de trabalho. Os números totais de empregos são divulgados uma vez por ano na Rais (Relação Anual de Informações Sociais).

No período em que todos os empreendimentos não essenciais tiveram de se adaptar à operação digital, o Ministério do Trabalho começou a cadastrar duas novas ocupações: analista de testes de tecnologia da informação e arquiteto de soluções de tecnologia da informação.

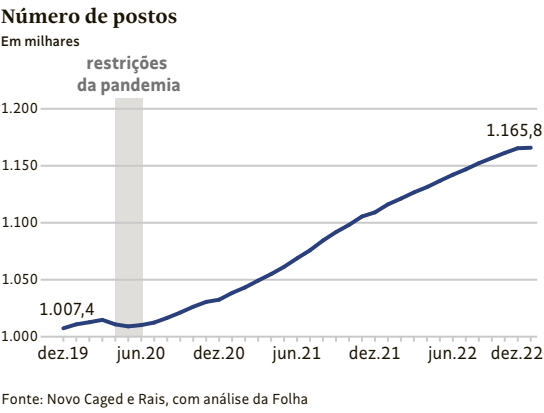
A procura por profissionais de tecnologia era tão alta que jovens atuantes em modelo remoto passaram a pedir demissão no país em busca de melhores condições de trabalho, aos moldes do que acontecia nos EUA, e ganhou o nome de "grande renúncia".

Ao longo de 2022, as empresas tomaram a iniciativa. No Brasil, a startup de transporte viário Buser anunciou o corte de 30% da sua folha de pagamento em dezembro. Após ser comprada pelo bilionário Elon Musk no fim de outubro, o Twitter reduziu sua força de trabalho de 7.000 para 2.000 colaboradores —no Brasil, não há nem mais representante de comunicação.

Como a **Folha** mostrou, em 2023, os desligamentos continuam —a reportagem contabiliza ao menos 2.600 neste ano. Após anunciar o corte de 12 mil colaboradores ao redor do mundo, o Google, por exemplo, demitiu 70 funcionários dos escritórios brasileiros.

Executivos, em geral, alegam instabilidade da economia global para enxugar a operação.

Dados como os da pesquisa Brasscom (Associação Brasileira de Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação) de 2021 que estimaram uma demanda de 797 mil talentos de tecnologia entre 2021 e 2025 já não correspondem à realidade, segundo economistas ouvidos pela reportagem.

Empregos formais em profissões da informática cresceram 15,7% no período contra 5,7% no geral do país

Número de postos

Em milhares

restrições da pandemia

1.200 / 1.150 / 1.100 / 1.050 / 1.000

1.007,4 — 1.165,8

dez.19 jun.20 dez.20 jun.21 dez.21 jun.22 dez.22

Fonte: Novo Caged e Rais, com análise da Folha

Prefiro continuar trabalhando no Brasil, mas não me iludo que o mercado nacional vai respeitar e valorizar quem faz essa escolha pensando no país em que vive

Albert Ribeiro, desenvolvedor que perdeu o emprego em janeiro

Os números do Caged mostram, contudo, que algumas carreiras estão mais protegidas neste período de instabilidade. Entre os engenheiros de aplicativos em computação, que projetam programas de computador e outras tecnologias de segurança da informação, novembro de 2022 foi o único mês desde 2020 em que houve menos contratações do que demissões —foram só dois desligamentos a mais.

Entre os profissionais de informática, os engenheiros da computação também são os com maior salário médio na admissão: R$ 13.208. O grupo apresentou a maior alta no estoque considerando as mudanças medidas pelo Caged desde o início de 2020 —de 7.775 profissionais para 17.471 (crescimento de 124,7%).

Segundo a vice-coordenadora do curso de engenharia da computação da USP de São Carlos, Simone do Rocio Senger de Souza, os alunos dessa graduação têm formação aprofundada em computação e eletrônica, incluindo projeto, testes e desenvolvimento de sistemas de software, sistemas embarcados, inteligência artificial, robótica e microeletrônica.

"Esses estudantes podem se especializar em assuntos de interesse como sistemas computacionais de alto desempenho, robôs móveis, comunicação, computação móvel e ciência de dados", afirma.

Formado em engenharia civil também pela USP de São Carlos em 2018, o rondoniense Lucas Neuhaus, 28, decidiu fazer uma transição de carreira para a área de desenvolvimento de software em 2020. Ele chegou a ingressar no curso de sistemas de informação na mesma universidade, mas conseguiu entrar no mercado antes de concluir a segunda graduação e nunca a finalizou.

Desde 2021, Neuhaus passou por três empresas, todas estrangeiras. Ele diz preferir trabalhar para empresas de outros países por ter a garantia de continuar no trabalho remoto e por receber em dólar.

Hoje, o engenheiro atua como desenvolvedor "front-end" —responsável pela interface entre o app e o usuário— para a startup de entregas Lazzy, com sede em Nova York.

"O maior desafio foi superar a síndrome do impostor. Achei que demoraria anos para conseguir atuar de igual para igual com um profissional do exterior. Agora, percebo que eu posso ter a solução do problema."

Embora atue em uma função coberta pela engenharia de computação, Neuhaus não é contabilizado pelo Novo Caged por não fazer parte do mercado formal brasileiro.

A situação não é de tanto otimismo para administradores de redes e técnicos em programação de máquinas industriais. Essa última profissão viu seu estoque de empregados celetistas cair 1,4% desde 2020, enquanto a primeira cresceu apenas 0,4%.

Formado em redes de computadores pela Uninabuco, o pernambucano Albert Ribeiro, 28, tornou-se desenvolvedor "back-end" autodidata —profissional que cuida da infraestrutura de um site ou app. Perdeu, entretanto, o emprego formal como programador sênior em janeiro. Desde então, ele busca uma nova vaga no país ou no exterior.

"Prefiro continuar trabalhando no Brasil, mas não me iludo que o mercado nacional vai respeitar e valorizar quem faz essa escolha pensando no país em que vive. Quando CEOs acharem que devem demitir em massa, vão fazê-lo, e a classe não é unida para se defender", afirma.

Sandra Cantanhede, moradora de assentamento em Planaltina que hoje estuda enfermagem Gabriela Biló/Folhapress

Programa de educação para quilombolas e assentados quase some sob Bolsonaro

Recursos do Pronera, que atendeu 190 mil jovens e adultos em duas décadas, caem 84% em 4 anos; Incra diz que voltará a investir

Douglas Gavras

Educação no campo

Orçamento para ações do Incra, em R$ milhões

Fonte: Painel do Orçamento Federal, em 6.jan.23

são paulo Moradora de um assentamento na região de Planaltina (DF), Sandra Maria Cantanhede, 40, se emociona ao lembrar do que fez sem precisar sair do campo. Por meio do EJA (Educação de Jovens e Adultos), concluiu o fundamental e o médio; agora, estuda enfermagem, em uma universidade pública do Paraná.

"A educação direcionada tem uma importância muito grande para beneficiários da reforma agrária, quilombolas, ribeirinhos e povos tradicionais. Permitiu que muitos cursos existissem e que muitos jovens não precisassem sair de seus territórios."

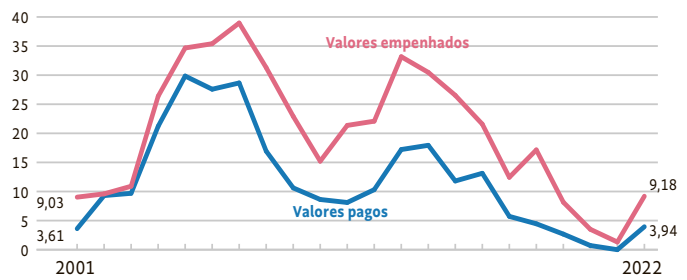
Apesar da importância na educação rural, os recursos pagos para custear o Pronera (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) nos anos Jair Bolsonaro (PL) somaram R$ 7,3 milhões, de 2019 a 2022, queda real de 83,3% ante os quatro anos anteriores.

Levanto em conta o valor empenhado —aquele que o Estado destinou para pagar um bem ou serviço que foi contratado—, a soma de recursos durante o governo Bolsonaro é de R$ 22,2 milhões, queda real de 76,7%, na mesma comparação.

Os dados foram obtidos no Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), responsável pelo programa, a partir do Painel do Orçamento Federal.

O Pronera foi criado em em 1998, buscando atender moradores de assentamentos que foram criados ou reconhecidos pelo Incra, comunidades quilombolas e beneficiários do PNCF (Programa Nacional de Crédito Fundiário). Em mais de duas décadas, mais de 190 mil jovens e adultos passaram pelo programa, e, em 2021, o governo estimava que 1.741 alunos eram beneficiados.

Segundo o governo, o programa contribui com a educação de jovens e adultos em assentamentos da reforma agrária e do Programa Nacional de Crédito Fundiário, além de comunidades quilombolas.

Os cursos são criados a partir de parcerias entre movimentos sociais —principalmente o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra)— e as universidades. Geralmente, os alunos deixam seus assentamentos, e os estudos semestrais são concentrados em um período mais curto e com carga horária maior. Os recursos do programa ajudam, sobretudo, a manter os estudantes nesse período.

> **A educação direcionada tem uma importância muito grande para beneficiários da reforma agrária, quilombolas, ribeirinhos e povos tradicionais. Permitiu que muitos cursos existissem e que muitos jovens não precisassem sair de seus territórios**
>
> **Sandra Cantanhede** moradora de assentamento na região de Planaltina (DF)

O geógrafo e professor da Unesp (Universidade Estadual Paulista) Bernardo Mançano Fernandes lembra que o programa é parte de um conjunto de políticas para a população dos assentamentos, em que se construiu um modelo de desenvolvimento para o campo a partir da agricultura de base familiar.

"O governo Bolsonaro colocou ruralistas no Incra, não apenas sem identidade com as políticas públicas voltadas para o desenvolvimento do campo", diz Fernandes, que também é membro do Conselho Nacional do Pronera. "É um programa que faz uma triangulação de acordos de cooperação entre o Incra, os movimentos e as universidades. Ele constrói políticas de educação para diferentes níveis."

Os projetos abrangem a EJA, o nível médio profissionalizante, a graduação, a especialização e o mestrado. Também inclui cursos de capacitação de educadores e formação continuada de professores em áreas de reforma agrária.

"Tive a oportunidade de ser um desses estudantes do Pronera, me formei em geografia em 2011, pela Unesp", diz Leandro Feijó Fagundes, 48. Com a formação, ele atuou no assentamento do MST em Viamão (na Grande Porto Alegre), área de produção de arroz com 2.500 hectares, processo orgânico e com um distrito de irrigação. "A geografia ajudou na reorganização desse assentamento, pensando em aspectos sociais, ambientais e econômicos."

Hoje vivendo em um assentamento em Taquari (RS), Fagundes dá aulas no campo e presta assistência técnica para as famílias, enquanto cursa mestrado.

"Não é simples formar educadores que vão atuar em escolas multisseriadas ou em escolas em que o jovem vai querer abandonar o campo, assim que conclui o ensino médio", diz Claudia Costin, diretora do Centro de Políticas Educacionais, da FGV, e ex-diretora de educação do Banco Mundial.

"O campo é um espaço de vulnerabilidade e de insuficiências, mas também é um lugar de desenvolvimento tecnológico. Fazer com que essas visões mais contemporâneas cheguem aos assentamentos rurais e às comunidades quilombolas significa tornar a modernização mais inclusiva."

Em fevereiro de 2020, decreto reorganizou a estrutura do Incra, extinguindo a coordenação que cuidava da educação no campo, o que na prática enfraqueceu os programas ligados ao instituto e às comunidades de sem-terra e quilombolas.

Em julho de 2022, ainda sob o governo Bolsonaro, o Incra informou que a execução das ações de escolarização e formação educacional de crianças, jovens e adultos no campo está sob responsabilidade das secretarias estaduais, distrital e municipais de educação.

O instituto também argumentou que o MEC (Ministério da Educação), por meio do Pronacampo, apoia técnica e financeiramente os governos locais, com a ampliação do acesso e a qualificação da oferta da educação básica e superior. E que o Pronera contribui de forma complementar, com a execução do programa sendo planejada e executada conforme a disponibilidade orçamentária e financeira.

Segundo os especialistas ouvidos pela **Folha**, embora os dois programas tratem da educação no campo, eles são complementares e um não poderia substituir o outro.

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Socorro

Ganhou força nesta segunda-feira (20) a onda de doações para ajudar as vítimas das chuvas que atingiram o litoral paulista. O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, mandou a Receita Federal identificar mercadorias apreendidas que possam ser enviadas. Segundo ele, há mais de R$ 11 milhões em roupas, calçados, produtos de higiene, cama mesa e banho e outros utensílios. O setor privado também anunciou iniciativas para arrecadar e levar ajuda às regiões.

CORRENTE O grupo de empresários Esfera Brasil, que reúne nomes como Abilio Diniz e Rubens Ometto, está se mobilizando, segundo João Camargo, que organiza a iniciativa. Ele afirma que a farmacêutica EMS vai doar medicamentos de primeiros socorros para as cidades atingidas. Segundo Camargo, o pedido foi feito pela Esfera e pelo secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Gabriel Galípolo.

RECEITA "Para ganhar agilidade, Carlos Sanchez, da EMS, está enviando os medicamentos das farmácias em localidades próximas, e os remédios serão imediatamente repostos", diz Camargo. Novas iniciativas ainda devem ser divulgadas pelo setor financeiro e outros. O Banco do Brasil e a Fundação BB também anunciaram doação de R$ 500 mil.

TELA O iFood instalou uma função no app para servir como canal de doações. Os recursos serão encaminhados para a campanha da Gerando Falcões, que vai colocar até R$ 1 milhão como contrapartida. Desde domingo (19), a ONG recebeu R$ 760 mil. Unidades do Sesi e Senai em todo o estado começaram a receber produtos para enviar.

BULA A PróGenéricos, associação que reúne grandes fabricantes de genéricos, como Cimed, EMS e Eurofarma, vai trocar de presidente. Nesta segunda, Thiago Meirelles, presidente da entidade, decidiu renunciar, após críticas pelo parentesco com Daniel Meirelles, seu irmão, que é diretor na Anvisa. O laço gerou pressão dentro e fora da agência com questionamento por potencial conflito de interesse.

REAÇÃO Servidores do órgão divulgaram manifesto para reclamar do parentesco. O assunto também foi parar no debate sobre a autonomia das agências reguladoras.

INDEPENDÊNCIA Elas vêm tentando combater a emenda apresentada neste mês pelo deputado federal Danilo Forte (União-CE) à medida provisória 1.154, dizendo que isso pode prejudicar a independência das agências. O parlamentar reagiu citando o caso dos irmãos para defender sua proposta de supervisão externa.

CRÍTICA A Anafe (Associação Nacional dos Advogados Públicos Federais) encaminhou ao STF um pedido para ingressar como interessada na ação movida pela OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) sobre o voto de qualidade no Carf (Conselho Administrativo de Recursos Fiscais).

ACORDO O governo discute um acordo que poderá encerrar a ADI (Ação Direta de Inconstitucionalidade) apresentada pela OAB. No pedido, a Anafe critica a negociação entre governo e grandes empresas. O acordo prevê que, nos casos de julgamento favorável à Fazenda Nacional concluído pelo voto de qualidade, os juros serão excluídos e não haverá encargo.

PAGAMENTO A Anafe diz que a proposta de acordo ignora previsão legal de que parte do encargo pertence aos advogados públicos federais em honorários advocatícios. Também defende que a alteração poderá estimular a litigância no Carf por contribuintes em busca de benefícios especiais.

AMIGO A presença do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) na CPAC (sigla para Conferência de Ação Política Conservadora) foi celebrada pela organização do evento no Twitter. O encontro será entre os dias 1º e 4 de março, em Washington.

SUL-AMERICANO Em publicação após a confirmação do brasileiro no encontro, a CPAC citou as comparações com Donald Trump e chamou Bolsonaro de amigo. "Muitos o chamam de 'Donald Trump' da América do Sul. Aqui na CPAC, nós o chamamos de amigo."

ALALAÔ No primeiro Carnaval após os anos Bolsonaro, o empresário Luciano Hang, que estimulava a polarização nas redes sociais vestindo fantasias de herói verde-amarelo, escolheu um figurino de Quico, do Chaves, para celebrar neste ano. O empresário apareceu fantasiado nas redes da Havan.

LUCROS Além da festa de Carnaval, a varejista divulgou a entrega de seu programa de participação nos resultados. Foram R$ 60 milhões em lucro compartilhado com 22 mil trabalhadores.

com Fernanda Brigatti

INDICADORES

Juros

Fev., em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

Fonte: Procon-SP

Contribuição à Previdência

Competência janeiro

Autônomo e facultativo

Valor mín.	R$ 1.302,00	20%	R$ 260,40
Valor máx.	R$ 7.507,49	20%	R$ 1.501,49

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo pode contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 15.fev

MEI (Microempreendedor)

Valor mín.	R$ 1.302	5%	R$ 65,10

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.302,00	7,5%
De R$ 1.302,01 até R$ 2.571,29	9%
De R$ 2.571,30 até R$ 3.856,94	12%
De R$ 3.856,95 até R$ 7.507,49	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 17.fev. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

Imposto de Renda

Em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	Isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

Empregados domésticos

Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.433,73	Valor, em R$
Empregado	109,50
Empregador	286,71

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico venceu em 7.fev. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho.
A contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

STF valida prazo extra de um ano para União localizar devedores

Ministros rejeitam recurso de contribuinte e legitima suspensão do prazo de cinco anos para prescrição da dívida

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O STF (Supremo Tribunal Federal) decidiu, de forma unânime, que a União pode contar com um ano extra para localizar devedores de tributos ou penhorar seus bens sem que isso seja descontado do prazo de cinco anos para prescrição da cobrança.

O julgamento foi concluído na sexta-feira (17), no plenário virtual da corte.

O período de um ano é previsto no artigo 40 da Lei de Execuções Fiscais. O dispositivo permite ao juiz suspender o curso da execução quando o devedor não é localizado ou não são encontrados bens que possam ser penhorados para assegurar o pagamento.

Durante a suspensão, que pode durar até um ano, o prazo de prescrição da cobrança, de cinco anos, fica congelado.

Se ao fim de 12 meses não forem localizados nem o devedor nem bens de sua propriedade, o juiz ordenará o arquivamento dos autos, e o prazo de prescrição volta a contar normalmente. Caso não haja o pagamento nesse intervalo, é declarada a prescrição intercorrente.

O argumento da ação original para questionar o dispositivo é que o CTN (Código Tributário Nacional) não prevê a interrupção da contagem do prazo de prescrição. O recurso, porém, foi rejeitado pelo plenário.

O relator, ministro Luís Roberto Barroso, argumentou que, embora a inclusão do prazo extra de um ano tenha sido feita por lei ordinária (enquanto o CTN é uma lei complementar), "não há vício de inconstitucionalidade".

Segundo ele, o legislador inspirou-se no modelo estabelecido no próprio CTN para situações de suspensão da prescrição, adaptando o dispositivo às particularidades verificadas no curso de uma ação de cobrança. Barroso observou que o prazo para extinção do crédito tributário segue sendo único nos dois casos.

O relator foi acompanhado por todos os dez ministros. A ação tem repercussão geral —ou seja, o entendimento é aplicado sobre outras ações que tratam do mesmo tema.

Barroso destacou em seu voto que, após a suspensão da execução por um ano, a contagem do prazo de prescrição intercorrente deve começar a contar "independentemente do arquivamento do feito". Ou seja, mesmo que o juiz demore a se pronunciar, o período de cinco anos para a Fazenda exigir o pagamento dos débitos inicia de forma automática.

"Em diversas situações, o referido pronunciamento judicial jamais chega a se concretizar. Nesses casos, impedir o início automático da contagem do prazo após o término da suspensão poderia acarretar a eternização das execuções fiscais, em contrariedade aos princípios da segurança jurídica e do devido processo legal, sobretudo frente à exigência de razoável duração do processo", disse o ministro.

Ele cita dados do CNJ (Conselho Nacional de Justiça), que mostram que há 26,8 milhões de execuções fiscais pendentes no país. Esses processos representam, aproximadamente, 35% do total de casos pendentes e 65% das execuções pendentes no Judiciário.

A taxa de congestionamento é de 90%, ou seja, de cada 100 processos de execução fiscal que tramitaram no ano de 2021, apenas 10 foram baixados.

Veja como aderir ao programa Litígio Zero do governo federal

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO Lançado em 12 de janeiro pelo Ministério da Fazenda, o programa Litígio Zero, chamado oficialmente de PRLF (Programa de Redução de Litigiosidade Fiscal), prevê a renegociação de dívidas de pessoas físicas e empresas, com descontos e prazo de até 12 meses para pagamento.

A adesão ao programa deve ser feita até as 19h de 31 de março de 2023, de acordo com portaria conjunta da Receita Federal e da Fazenda Nacional.

Podem ser negociadas dívidas tributárias em discussão no âmbito das DRJ (Delegacias da Receita Federal de Julgamento), do Carf (Conselho Administrativo de Recursos Fiscais) ou débitos de pequeno valor no contencioso administrativo ou inscritos em dívida ativa da União.

Para pessoas físicas, micro e pequenas empresas, o desconto será de 40% a 50% do valor total da dívida, incluindo o tributo que originou o passivo, além de juros e multa, para débitos até 60 salários mínimos (R$ 78.120).

No caso de dívidas acima de 60 salários mínimos, o desconto é de até 100% sobre o valor de juros e multas, no caso de valores irrecuperáveis ou de difícil recuperação. O governo ainda vai permitir o uso de prejuízos fiscais e base de cálculo negativa para quitar de 52% a 70% do débito.

Em todos os casos, o percentual efetivo de desconto observará a capacidade de pagamento do contribuinte.

As dívidas que se enquadram nessa categoria representam mais de 30 mil processos no Carf, com valor total superior a R$ 720 milhões. Já nas delegacias da Receita Federal, são mais de 170 mil processos, totalizando quase R$ 1 bilhão, segundo o Ministério da Fazenda.

O governo estima obter R$ 35 bilhões de receitas extraordinárias. Haveria ainda um ganho permanente de R$ 15 bilhões pela diminuição dos conflitos.

O ministro Fernando Haddad (Fazenda), que lançou programa de renegociação de dívidas Adriano Machado - 7.fev.23/Reuters

PRLF (Programa de Redução de Litigiosidade Fiscal)

Quem pode aderir?
Pessoas físicas e empresas com dívidas tributárias em discussão no âmbito das Delegacias da Receita Federal de Julgamento, do Conselho Administrativo de Recursos Fiscais ou débitos de pequeno valor no contencioso administrativo ou inscritos em dívida ativa da União

Prazo Das 8h de 1º de fevereiro de 2023 até as 19h de 31 de março de 2023

Adesão Por meio de abertura de processo digital no portal e-CAC

Documentos
- Requerimento de adesão disponível no e-CAC devidamente preenchido
- Prova do recolhimento da prestação inicial
- Sendo o caso, certificação expedida por profissional contábil acerca da existência e regularidade de créditos decorrentes de prejuízo fiscal e base de cálculo negativa da CSLL, na forma de formulário próprio disponível no e-CAC

Passo a passo
- O processo digital deverá ser aberto selecionando-se a opção "Transação Tributária", no campo da Área de Concentração de Serviço, e, a seguir, mediante seleção do serviço "Transação por Adesão no Programa de Redução de Litigiosidade Fiscal - PRLF"
- O contribuinte deverá aderir ao DTE (Domicílio Tributário Eletrônico) para implementação pela Receita de endereço eletrônico para envio de comunicações
- O requerimento de adesão apresentado suspende a tramitação dos processos administrativos fiscais referentes aos débitos incluídos na transação enquanto o requerimento estiver sob análise
- Havendo incompletude na documentação, o contribuinte será intimado para, no prazo de dez dias, suprir a falha apontada

Extinção do litígio
A formalização do acordo de transação constitui o reconhecimento pelo contribuinte dos débitos, com extinção do litígio administrativo a que se refere

Prestação
Qualquer que seja a modalidade de pagamento escolhida, o valor mínimo da prestação será de R$ 100 para a pessoa física, de R$ 300 para a microempresa ou empresa de pequeno porte e de R$ 500 para demais pessoas jurídicas

Correção
O valor de cada prestação será acrescido de juros equivalentes à Selic, até o mês anterior ao do pagamento, e de 1% relativo ao mês em que o pagamento for efetuado

Modalidades
Poderão ser liquidados no âmbito do PRLF:

1. Créditos classificados como irrecuperáveis ou de difícil recuperação:
- Com redução de até 100% do valor dos juros e das multas, observado o limite de até 65% sobre o valor total de cada crédito objeto da negociação
- Sendo no mínimo 30% do saldo devedor pago em dinheiro, em até nove prestações mensais e sucessivas; e o restante com uso de créditos decorrentes de prejuízo fiscal e base de cálculo negativa da CSLL apurados até 31 de dezembro de 2021

2. Créditos classificados com alta ou média perspectiva de recuperação
- Mediante pagamento de, no mínimo, 48% do valor consolidado dos créditos transacionados, em nove prestações mensais e sucessivas; e o restante do saldo devedor com uso de créditos decorrentes de prejuízo fiscal e base de cálculo negativa da CSLL apurados até 31 de dezembro de 2021

Valor da entrada
O equivalente a 4% do valor consolidado dos créditos transacionados, em até quatro parcelas mensais e sucessivas, e o restante pago com redução de até 100% de juros e multas, observado o limite de até:
- 65% sobre o valor total de cada crédito objeto da negociação, em até duas prestações mensais e sucessivas
- 50% sobre o valor total de cada crédito objeto da negociação, em até oito prestações mensais e sucessivas

Percentuais reduzidos
Os percentuais acima serão de até 70% e 55%, respectivamente, para pessoa física, microempresa, empresa de pequeno porte, Santas Casas de Misericórdia, sociedades cooperativas e demais organizações da sociedade civil de que trata a lei nº 13.019, de 31 de julho de 2014, ou instituições de ensino

Contencioso de pequeno valor
Para débitos de até 60 salários mínimos (R$ 78.120), referentes a pessoas físicas, micro e pequenas empresas, o desconto será de 40% a 50% do total da dívida, incluindo o tributo que originou o passivo, além de juros e multa

Independentemente da capacidade de pagamento ou classificação da dívida, esses créditos poderão ser negociados mediante pagamento, a título de entrada, de 4% do valor consolidado dos créditos transacionados, em até quatro prestações

O restante será pago:
- em até dois meses, com redução de 50%, inclusive o montante principal do crédito; ou
- em até oito meses, com redução de 40%, inclusive o montante principal do crédito

Os descontos se aplicam também aos créditos inscritos na dívida ativa da União há mais de um ano, realizando-se a adesão por meio do programa Regulariza, da PGFN (www.regularize.pgfn.gov.br)

Rescisão ou impugnação
O não pagamento integral da entrada implica o cancelamento do pedido de transação. O não pagamento de três prestações consecutivas ou alternadas do saldo devedor leva à rescisão da transação

Precatórios
O programa prevê a possibilidade de utilização de créditos líquidos e certos, devidos pela União, suas autarquias e fundações públicas, próprios ou adquiridos de terceiros, decorrentes de decisões transitadas em julgado para quitação ou amortização do saldo devedor da transação

Fonte: Portaria Conjunta RFB/PGFN nº 1, de 12/01/2023

Folha estreia blog sobre reforma e outros temas na área tributária

A **Folha** estreou no domingo (19) o blog Que Imposto é Esse, com artigos, entrevistas, análises e informações sobre as propostas de reforma tributária do consumo e da renda que tramitam no Congresso. O espaço, sob o comando do jornalista e repórter de Mercado Eduardo Cucolo, também traz outros temas ligados à área tributária, para pessoas do mundo jurídico e leitores em geral. A ideia é ter uma cobertura complementar àquela que já é feita pelo site e pelo jornal impresso na área, com viés mais analítico e detalhes sobre o andamento das discussões.

ACESSE O BLOG folha.com/queimpostoeesse

VAIVÉM DAS COMMODITIES

Mauro Zafalon
mauro.zafalon@uol.com.br

Trigo é carregado em porto na Ucrânia; dificuldade na exportação com guerra acelerou produção no Brasil Nina Liashonok - 18.fev.23/Reuters

Guerra trouxe ganhos, mas escancarou fragilidade do sistema de produção do Brasil

A invasão da Ucrânia pela Rússia completa um ano na sexta-feira (24). Com grande influência sobre o agronegócio do Brasil nos primeiros meses, os efeitos do conflito já são menos acentuados, mas ainda trazem grandes indefinições para o setor.

Preços e fornecimento internacionais das commodities e dos insumos, principalmente de fertilizantes, podem sofrer novos efeitos por causa desse conflito que dura mais tempo do que se previa.

Para o agronegócio brasileiro, a guerra elevou o patamar de custos, abriu novas janelas de oportunidades externas, mas escancarou a fragilidade do sistema de produção nacional.

As incertezas ainda são grandes e exigem um processo de gestão muito mais desafiador para os produtores. É hora de um controle com mais cautela na expansão de áreas e de investimentos.

Novos efeitos colaterais dessa guerra seriam determinantes para a atividade, afirma Maciel Silva, diretor técnico adjunto da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil).

Segundo ele, os contratos de longo prazo precisam ser muito bem avaliados, e a busca de inovação tecnológica e de eficiência produtiva tem de ser constante.

A Covid e a guerra mostraram que não é mais o balanço de oferta e demanda que baliza o sistema. Os preços do petróleo, do gás na Europa e do frete marítimo e outros fatores externos à atividade passam a ter grande importância, afirma o diretor da CNA.

No setor de grãos, Daniele Siqueira, analista da AgRural, diz que o pico de preços passou, mas ainda restam dúvidas sobre o potencial de produção da Ucrânia e sobre os acertos entre ucranianos e russos no acordo sobre o corredor de exportação. Tudo isso pode voltar a influenciar.

Na área de fertilizantes, analistas do Itaú BBA indicam alguns pontos importantes para a definição de preços no setor. Entre eles, Estados Unidos e Europa vão às compras, um eventual recrudescimento da guerra entre Rússia e Ucrânia, problemas geopolíticos envolvendo a China e o preço da energia.

Nessa guerra, ficou clara a dependência externa do Brasil de produtos importantes no sistema de produção, como os fertilizantes. Houve um acirramento, no entanto, das discussões internas sobre essa fragilidade, o que está forçando o país a procurar novas soluções, por meio do aumento da produção nacional de insumos e da busca de novas soluções tecnológicas, como o desenvolvimento mais rápido dos bioinsumos.

Do lado dos custos, o principal gargalo foi o dos fertilizantes. Os preços internacionais, que já vinham em alta devido às sanções impostas pela União Europeia à Belarus, dispararam após o início da guerra.

No ano passado, o Brasil reduziu em 8,4% o volume de fertilizantes importados, mas gastou 63% a mais do que em 2021. Altamente dependente do mercado externo, o país acelerou as compras logo após a guerra, segundo Mauro Osaki, pesquisador do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada).

Nos meses de maio, junho e julho, as compras mensais superaram 4 milhões de toneladas. De janeiro a julho, o país já havia comprado 8,6 milhões de toneladas de cloreto de potássio. Nos sete primeiros meses do ano, as compras totais de fertilizantes já haviam somado 24 milhões de toneladas, 59% do total comprado durante 2022.

Preços elevados e redução no poder de compra fizeram o produtor colocar o pé no freio na aquisição desse insumo. Em janeiro de 2021, os agricultores de Sorriso (MT) já haviam adquirido 80% do fertilizante que iam utilizar, volume que foi de 65% no mesmo mês do ano seguinte. No mês passado, no entanto, as compras foram de apenas 18,5%, segundo Osaki.

Para o pesquisador, os preços do cloreto de potássio mostram os efeitos da guerra sobre o custo dos insumos.

Em janeiro de 2021, a tonelada de cloreto de potássio valia R$ 2.010 em Sorriso. No mesmo mês do ano seguinte, R$ 5.428. Em janeiro último, após ter atingido R$ 6.911 em abril de 2022, recuou para R$ 3.850.

Silva, da CNA, afirma que a guerra expôs ainda mais como os fertilizantes são o calcanhar de aquiles do setor.

Isso levou o país a buscar novos fornecedores, como Canadá e Estados Unidos, e a pensar mais seriamente em uma política de estado para o setor.

As discussões aceleraram o Plano Nacional de Fertilizantes, com execução prevista para longo prazo. "Não vamos ficar autossuficientes nesse setor, mas teremos uma redução da dependência", afirma ele.

Para Silva, o choque da guerra provocou também uma aceleração na busca de uma cadeia emergente de opções, principalmente no desenvolvimento de bioinsumos e outras alternativas. O ritmo da velocidade na procura por bioinsumos acelerou, afirma.

O Brasil foi afetado pelos custos dos fertilizantes, mas ganhou com a aceleração dos preços das commodities, principalmente as de maior importância na lista de produção da Ucrânia e da Rússia.

Milho e trigo estão nessa lista. Já a soja, produto que o Brasil tem a hegemonia mundial na produção e na exportação, foi afetada de forma indireta, segundo a analista da AgRural.

Ela mostra o quanto esses preços subiram com a guerra, acelerando a inflação dos alimentos pelo mundo. No início de janeiro de 2022, quando os sinais da possível invasão já influenciavam o mercado, o primeiro contrato do milho estava a US$ 5,89 por bushel (25,4 kg), em Chicago. Subiu para até US$ 8,27 no final de abril, recuando para US$ 6,76 na semana passada.

O Brasil, colhendo uma supersafra do cereal, conseguiu exportar o recorde de 43,2 milhões de toneladas no ano passado, bem acima dos 20,4 milhões de 2021.

Silva diz que a importância da Ucrânia nas exportações de milho e as dificuldades que a guerra trouxe para os ucranianos aceleraram as vendas brasileiras.

A China liberou as exportações do Brasil e já passou a ser um importante mercado. Em 2022, compraram 1,16 milhão de toneladas. Apenas em janeiro deste ano já foram 984 mil, segundo a Secex (Secretaria de Comércio Exterior).

Para Daniele, os preços elevados do milho afetaram o consumo mundial, que deverá cair para 1,16 bilhão de toneladas na safra 2022/23, o que não é normal. A redução foi de 40 milhões de toneladas.

O trigo foi um dos produtos mais afetados, devido à importância dos dois países no mercado internacional. Respondem por 28% das exportações mundiais.

O preço saltou de US$ 7,58 por bushel (27,2 kg), no começo de janeiro, para US$ 9,26, no dia da invasão, atingindo US$ 13,40 no início de março de 2022. Na semana passada, estava em US$ 7,65.

As dificuldades da Ucrânia para exportar e as sanções impostas à Rússia aceleraram a viabilidade da produção do trigo no Brasil, afirma Silva. O país conseguiu uma safra de 10,5 milhões de toneladas e exportou o recorde de 3,1 milhões.

Novas regiões produtoras no país e o desenvolvimento de novas variedades vão incentivar o plantio, segundo o diretor-adjunto da CNA.

A Ucrânia não tem grande importância na produção mundial de soja, mas a redução no fornecimento de óleo de girassol, que é líder, puxou as vendas de óleo de soja.

Os preços da oleaginosa, que começaram 2022 a US$ 13,44 por bushel (US$ 27,2 kg) em Chicago, subiram para US$ 16,62 no dia da invasão, atingindo US$ 17,84 em 9 de junho, o segundo maior valor do produto.

A máxima histórica tinha sido de US$ 17,95, atingida em setembro de 2012, devido a intensa seca nos países produtores, segundo a analista da AgRural.

Menor fornecimento de óleo de girassol pela Ucrânia, quebra de safra de canola no Canadá e na Europa, dificuldades de exportação pela Argentina e interrupção temporária do fornecimento de óleo de palma pela Indonésia elevaram os preços do óleo de soja no mundo. No Brasil, a alta acumulada nos últimos quatro anos foi de 164%.

A duração do conflito entre os dois países do Leste Europeu vai determinar a capacidade de plantio e de exportação da Ucrânia, importante no fornecimento de trigo, milho e óleo de girassol.

Já Rússia, pouco afetada na produção, sofre sanções de importadores, o que dificulta o escoamento de seus produtos.

Brasil investiga caso suspeito de vaca louca no Pará

AGROFOLHA

Cézar Feitoza e Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA O Ministério da Agricultura investiga um caso suspeito de mal da vaca louca de um animal no Pará.

"O Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) informa que, acerca do caso suspeito de Encefalopatia Espongiforme Bovina (mal da vaca louca), todas as medidas estão sendo adotadas pelos governos", diz comunicado.

"A suspeita já foi submetida a análise laboratorial para a confirmação ou não, e, a partir do resultado, serão aplicadas imediatamente as ações cabíveis."

Autoridades ouvidas sob reserva pela **Folha** disseram que o animal, de oito anos, foi encontrado morto em um município no Pará e que o Ministério da Agricultura acompanha o caso desde o fim de semana.

O fato de ser um bovino mais velho gerou suspeitas de que possa ser um caso atípico da vaca louca, que pode ser gerado como efeito da velhice do animal. O tipo clássico da doença geralmente é causado por ração contaminada.

Os casos atípicos costumam ser pontuais, mas podem igualmente causar restrições comerciais.

Em nota, a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará (Adepará) disse que o caso de "animal com sintomatologia de doença nervosa" foi registrado na região sudeste do estado.

A contraprova para a verificação da suspeita é realizada no Canadá. A confirmação de um caso de vaca louca no país pode ter repercussões para as exportações brasileiras, principalmente para a China — o maior comprador de carne bovina do Brasil.

Isso porque China e Brasil assinaram em 2015 um protocolo que estabelece um autoembargo nas exportações ao país asiático quando uma nova ocorrência de vaca louca é identificada no Brasil.

Quando as exportações são suspensas por esse motivo, o Mapa envia dados às autoridades chinesas para que a situação de risco seja analisada, e as vendas de carne, liberadas. O processo, no entanto, pode se arrastar por meses.

Em 2021, o Brasil permaneceu sem enviar carne bovina à China entre setembro e dezembro. Na ocasião, o Brasil comunicava dois casos atípicos da doença registrados em Mato Grosso e Minas.

Vaca louca pode atingir humanos

O que é

É uma doença crônica degenerativa, também conhecida como **BSE** (sigla em inglês para **Encefalopatia Espongiforme Bovina**), que ataca o sistema nervoso central do gado

As variantes da doença

Em ovinos, a doença chama-se **"scrapie"**

Em bovinos, mal da **vaca louca**

Em humanos, recebe o nome de **vCJD** (variante da Doença de Creutzfeldt-Jakob)

Causas da doença

- O agente causador é uma proteína anormal chamada **príon**
- Ovinos, bovinos e humanos podem adquirir a doença naturalmente, por uma alteração casual de suas proteínas, por determinação genética ou por contaminação

proteína príon

Principais sintomas

Ovinos e bovinos
- Agressividade
- Falta de coordenação

Humanos
- Mioclonia (contração muscular)
- Demência

Como a doença é transmitida

Pode ocorrer pela ingestão de carne de animais contaminados com o príon

Em humanos, a chance de desenvolver a doença por contaminação é de **5%**

Produtor colhe 25% da área plantada de soja

SÃO PAULO | REUTERS Os produtores brasileiros colheram 25% da área plantada de soja para a safra 2022/2023 até quinta-feira (17), disse a consultoria AgRural nesta segunda-feira (20), com o trabalho de campo avançando rapidamente no importante estado produtor de Mato Grosso.

A colheita está oito pontos percentuais mais avançada em relação à semana passada. No mesmo momento de 2022, 33% dos campos de soja já haviam sido colhidos, disse a AgRural.

Na semana passada, a consultoria havia reduzido sua estimativa para a produção brasileira de soja para 150,9 milhões de toneladas, ante 152,9 milhões de toneladas, mencionando uma grave estiagem no Rio Grande do Sul.

Ainda assim, esse número representaria uma produção recorde no país. Em sua atualização semanal, a AgRural enfatizou o rápido progresso da colheita em Mato Grosso, mas disse que as constantes chuvas no Paraná e em Mato Grosso do Sul, onde a colheita estava mais lenta, podem levar a problemas de qualidade.

Jovem, talentoso e negro

Aspirações representam um mecanismo complementar para lidar com a pobreza

Michael França
Ciclista, doutor em teoria econômica pela Universidade de São Paulo; foi pesquisador visitante na Universidade Columbia e é pesquisador do Insper

O que é talento? Essa palavra, que se popularizou nas últimas décadas, ainda não tem uma definição consensual. Para alguns, talvez os mais arrogantes e egocêntricos, o melhor significado para o termo tende a ser aquilo que eles veem no espelho ou algo parecido.

Outros confundem talento com posição social. Esquecem a influência do dinheiro e de outros fatores nas trajetórias individuais. Ignoram que parcela daqueles que nasceram em famílias mais abastadas teve quase toda a sociedade trabalhando para ela, mas, ao mesmo tempo, isso gerou um desincentivo para que avançasse. Muitos se acomodaram e não desenvolveram todo o seu potencial.

Porém, talento é algo diferente. É aquilo que surge de uma combinação bem orquestrada das escolhas, do esforço individual e dos investimentos que cada um recebe da família e da sociedade. Isso faz com que desenvolvamos habilidades distintas, cujos retornos são não só individuais mas também coletivos.

O esforço e as escolhas estão associados às aspirações. Aspirações estas que são moldadas de acordo com nossas experiências e oportunidades. Aqueles que cresceram em ambientes mais estruturados desfrutam de maior liberdade para escolher o que almejar. Muitos destes possuem o privilégio de alcançar determinados objetivos empregando menor esforço.

No caso dos mais desfavorecidos, o cenário é diferente. Eles costumam ter suas pretensões de atingir um futuro promissor subtraídas. Para estes, determinadas trajetórias são tão distantes que muitos nem sequer sonharam com a possibilidade de tentar.

Isso é um problema. Para além da questão de justiça social, também há desdobramentos socioeconômicos relevantes. A marginalização de uma parcela da sociedade influencia diretamente as suas aspirações e, consequentemente, os resultados atingidos.

Estes, quando olham ao seu redor, geralmente, não têm em quem se espelhar. Quando olham para o futuro, independentemente do nível de dedicação, as possibilidades de avanço não geram entusiasmo. Tal fato abala as expectativas e pode acabar gerando uma profecia autorrealizável.

Entretanto, intervenções que afetem as aspirações representam um mecanismo complementar para lidar com a pobreza e gerar mobilidade socioeconômica. Conexões de pessoas de diferentes classes sociais e níveis educacionais, por exemplo, ajudam a melhorar o acesso às redes de contatos e ampliar o conhecimento. Isso afeta as perspectivas sociais não só dos mais pobres como também dos ricos.

As políticas voltadas para democratizar o acesso ao ensino superior representam um modelo nesse sentido. Além de gerar maior integração entre grupos que antes não dialogavam, elas também contribuem para a ascensão social de uma parcela esquecida da sociedade.

Milhares de jovens desfavorecidos ultrapassaram as mais variadas barreiras e estão virando modelos sociais para outros que se encontram em posições de desvantagens socioeconômicas. Além disso, também estão ajudando a quebrar diversos estereótipos enrustidos no nosso tecido social, enquanto pavimentam o caminho para que o progresso de outros seja menos custoso.

*

O texto é uma homenagem à música "To Be Young, Gifted And Black", de Nina Simone e Weldon Irvine.

| DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos | TER. Michael França, Cecilia Machado | **QUA. Bernardo Guimarães** | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. André Roncaglia | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Movimento biohacker cresce em universidades públicas

Brasileiros criam produtos que aplicam técnicas científicas para bem-estar pessoal

VIDA PÚBLICA

Matheus Ferreira

SÃO PAULO Professores de universidades públicas se transformaram em biohackers para lidar com problemas de saúde. De forma informal, eles intervêm no próprio bem-estar com técnicas científicas consolidadas ou ainda em desenvolvimento, que incluem tanto suplementos à base de plantas quanto dispositivos para monitorar estresse.

Angelo Amancio Duarte, 56, é uma dessas pessoas. Professor da pós-graduação em ciência da computação da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), na Bahia, Duarte encontrou no movimento biohacker uma solução para dores musculares e perda de memória.

"Foi uma época de muito sofrimento", disse o pesquisador. No período, sem encontrar respostas em outros tratamentos convencionais, Duarte se deparou com o conceito de "biohacks" —estratégias que controlam o ambiente interno e externo do corpo para melhorar o desempenho físico, mental e emocional.

"Não fiz nenhuma intervenção física", continuou Duarte, em referência à ideia de que biohacking só envolve aplicações com chips na pele.

"Comecei a mudar práticas de alimentação e de exercício, tomar suplementação para repor algum nutriente na minha dieta vegetariana", disse.

Na toada de melhoramento, o pesquisador também se interessou por dispositivos que monitoram ritmos cardíacos e cerebrais. Ele não consegue, porém, testar todas as tecnologias novas, já que muitas, por serem feitas nos EUA e Europa, têm um preço muito alto.

O professor se informa das novidades do movimento num grupo na internet, no qual a comunidade biohacker compartilha possíveis intervenções.

Segundo Duarte, os membros repassam artigos científicos, relatam experimentos feitos, além dos resultados positivos ou negativos para que outros possam replicar.

Antes de testar um novo produto, o professor afirmou sempre avaliar a segurança da tecnologia. "Hack é uma coisa muito pessoal", disse. "Você precisa assumir o risco."

Para o professor da UEFS, o risco existe não só pelo estágio inicial de muitas inovações mas pelo charlatanismo que existe no movimento. Algumas das intervenções propostas, como para melhorar desempenho cognitivo, são baseadas em pesquisas com resultados frágeis.

"Por isso, sempre pesquiso antes de fazer qualquer hack."

Para Li Li Min, professor do departamento de neurologia da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), o risco com técnicas que não funcionam ou cuja segurança é desconhecida existe pelo entusiasmo dos biohackers.

"Eles querem colocar ciência em prática, mas acabam atropelando o processo científico", disse o neurologista, que está desenvolvendo um estimulador elétrico de neuromodulação, com potencial para aplicação na medicina.

"Mas só vamos saber se o estimulador deve ser colocado em uso ou não quando a ciência nos possibilitar dizer."

Discutir biohacking na universidade pública, segundo o neurologista, diminuiria alguns riscos de ter pseudociência no movimento. Por isso, Min defende a criação de laboratórios de biohacking nesses espaços públicos.

"A sociedade está demandando a aplicação rápida do conhecimento no dia a dia, anseio que deve ser respondido pela ótica da sistematização do conhecimento e da metodologia científica."

A professora Fernanda Matias em seu laboratório na Ufersa Eduardo Alves de Mendonça/Arquivo pessoal

Uma das biohackers que trabalham em uma universidade pública é Fernanda Matias, 43. Professora de biotecnologia na Ufersa (Universidade Federal Rural do Semi-Árido), a cientista entrou no movimento para aliviar sintomas de uma doença autoimune, a esclerose sistêmica difusa, o que não conseguia por caminhos formais.

Em outro momento, após adoecer por causa de Covid, Fernanda se viu com sequelas na cognição que atrapalhariam sua função como professora. Ela disse que passou a fazer microdosagem de ayahuasca para aliviar esses sintomas depois de ler estudos sobre as características do biocomposto.

"Dez gotinhas por noite me ajudaram muito", disse. A filosofia biohacker também influenciou a linha de pesquisa de Fernanda, que passou a criar produtos para o mercado brasileiro.

Durante três anos, a cientista estudou plantas da caatinga e da Amazônia, as quais ela prefere manter em sigilo, para criar um biohack que ajudasse pessoas a dormir.

O "elixir do sono" teria ajudado pessoas que antes precisavam de medicação para descansar durante a noite, segundo Fernanda. Na definição da pesquisadora, o produto não se enquadra na definição de medicamento. "É um biohack", disse. "São plantas que já foram estudadas. O biohacking acelera esse processo de chegada e de apropriação da ciência pelas pessoas."

Para Juliano Sanches, doutorando em política científica e tecnológica da Unicamp, pressões corporativas da indústria da saúde impulsionam a existência de grupos de biohacking fora dos ambientes clínicos estabelecidos.

Sanches, que mapeia o movimento biohacker no Brasil, vê na comunidade uma forma de ativismo. "Ele se baseia no princípio de aumentar a participação do paciente na tomada de decisões sobre o manejo das práticas e tecnologias."

O medo social contra o biohacking ou tentativas de proibi-lo acaba por potencializar ainda mais o interesse, diz.

Marcelo Buzato, que coordena o grupo de pesquisa Linguagem, Tecnologias e Pós-Humanismo, acredita que haja um pânico moral em relação ao movimento. "O crescimento do biohacking é inevitável", disse. "O que precisamos é de educação pública decente para ciência e tecnologia."

Para Buzato, as leis de bioética no Brasil são rigorosas, mas só os cientistas estariam cientes dessa responsabilidade. "A ética dos biohackers é não fechar o conhecimento para nada."

Biochip implantado na mão não serve para praticamente nada

DEPOIMENTO

Raphael Hernandes

SÃO PAULO No fim de 2017, resolvi implantar um biochip na minha mão esquerda. O processo de me aproximar de um ciborgue veio cheio de ideias para aplicações, mas, no fim das contas, a intervenção biohacker não teve tanto uso assim.

O tal chip é um pequeno equipamento eletrônico, pouco maior que um grão de arroz cozido, envolto num vidro estéril e resistente o suficiente para aguentar marteladas (testei acidentalmente). Usando ondas de rádio, se comunica com outros dispositivos num processo que também energiza o apetrecho, dispensando uma bateria.

Ele é inserido sob a pele com uma seringa própria para a aplicação de microchips, como as usadas em animais, que possui uma agulha grossa. Dói como uma ferroada, principalmente nas horas após o procedimento.

O meu foi colocado no bolsão entre o polegar e o indicador —uma posição estratégica, comumente usada para esse implante, por praticidade ao encostar nas coisas e por oferecer menor risco. Os profissionais recomendados para a aplicação são médicos e body piercers indicados pela própria fabricante, a Dangerous Things ("coisas perigosas", em inglês).

Apesar desse nome, não oferece um risco iminente a minha saúde. Após a instalação, procurei o dr. Teng Hsiang Wei, especialista em cirurgia da mão do Hospital Sírio-Libanês, que avaliou a esquisitice. Tudo em ordem.

O médico ainda deu uma sugestão de uso que pode ser interessante para o futuro: incluir ali informações de saúde. Em uma eventual emergência, socorristas teriam acesso a informações essenciais —como alergias e tipo sanguíneo— mesmo com o paciente desacordado. Para isso, no entanto, seria necessária uma adoção maior de tecnologia do tipo, para que se soubesse que esses dados estariam ali.

O chip não é metálico, então não é problema na segurança de aeroportos nem para ressonâncias magnéticas. Também não tem nada que permita rastrear localização, tipo um GPS.

E o que, afinal, esse biochip faz? Para mim, nada.

Há versões diferentes, que variam nas funcionalidades e nas frequências em que operam. Podem ser mais flexíveis (para instalar em outras partes do corpo) e incluir luz de LED. Na prateleira dos implantes biohackers, há até ímãs para instalar nas pontas dos dedos, permitindo sentir campos magnéticos e se grudar a objetos metálicos.

O modelo que possuo é chamado xNT. Ele se comunica na frequência NFC (sigla em inglês para "comunicação por campo de proximidade"), a mesma usada em celulares e em máquinas de pagamento naquela função de aproximação. É também encontrada em algumas fechaduras inteligentes.

Com o smartphone, posso armazenar uma quantia mínima de informações no chip, equivalente a cerca de meia página de texto. Com isso, é possível configurar comandos que um celular executa ao interagir com o implante: abre um vídeo específico no YouTube, acessa uma carteira de bitcoin, busca um endereço no mapa etc.

Normalmente, deixo meus contatos por ali. Ou seja, se alguém encosta o telefone na minha mão, consegue me adicionar automaticamente à agenda.

Na prática, no entanto, o processo tem vários furos e cara de experimental. Essa história de passar meus contatos para alguém, por exemplo, funcionou pouquíssimas vezes.

Primeiro, porque não dá certo com todos os smartphones —com iPhone só funciona se a pessoa já tiver um app específico instalado. Segundo, porque muitas pessoas não fazem ideia do que seja NFC e deixam o recurso desabilitado no telefone. Além disso, o chip fica escondido sob minha pele, que causa interferência. As capinhas de celular pioram a situação e, com isso, nem sempre é possível conectar. Mais comum é ficar que nem bobo tentando mostrar esse brinquedo tecnológico.

No caso de fechaduras e outros equipamentos NFC, aparece a dificuldade de encontrar no Brasil os aparelhos são compatíveis com o chip. Quando é possível, o preço é salgado. Há coisas mais baratas que poderiam funcionar, tipo um leitor usado para desbloquear o computador, mas prefiro usar a digital para isso.

Os pagamentos simplesmente não funcionam. Para essa função, o equipamento precisaria ser homologado pelas emissoras de cartão. As maquininhas até detectam o chip, mas depois apresentam um erro. Há outras opções de biochip específicas para esse fim.

Mortos da chuva sobem para 40 em SP, e resgate busca 40 desaparecidos

Cerca de 2.500 pessoas estão fora de suas casas no litoral; Lula e Tarcísio anunciam ação conjunta

Corpos chegam de helicóptero à base aérea da Marinha em São Sebastião, no litoral de SP, nesta segunda (20) Bruno Santos/Folhapress

SÃO SEBASTIÃO (SP), SÃO PAULO E BRASÍLIA Subiu para 40 o número de mortes causadas pelas chuvas no litoral de São Paulo. De acordo com boletim divulgado às 18h30 desta segunda (20) pelo governo do estado, são 39 mortos em São Sebastião e um em Ubatuba. Sete corpos —dois homens adultos, duas mulheres adultas e três crianças— já foram identificados e liberados para sepultamento.

O total de pessoas fora de casa, desabrigadas ou desalojadas, chega a 2.496. Os desaparecidos somam 40, mas os números ainda devem aumentar, já que há relatos de pessoas que estariam sob a lama e os escombros de estruturas que cederam.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) esteve nesta segunda em São Sebastião com o governador do estado, Tarcísio de Freitas (Republicanos), e o prefeito da cidade, Felipe Augusto (PSDB). Lula sobrevoou a região antes de se reunir com Tarcísio, cujo gabinete foi transferido temporariamente para São Sebastião. Em breve discurso, o presidente pediu que não sejam mais construídas casas em encostas de morros, a fim de evitar novas tragédias, e ressaltou a importância da parceria entre os governos federal, estadual e municipal.

"Nós estamos juntos", disse Lula. "Se cada um ficar trabalhando sozinho, nossa capacidade de rendimento é muito menor. E é por isso que precisamos estar juntos, compartilhar as coisas boas e as coisas ruins. Juntos seremos muito mais fortes", acrescentou.

O trabalho de resgate é feito por uma força-tarefa com mais de 500 agentes, entre servidores das forças de segurança e equipes do governo estadual, das Forças Armadas, da Polícia Federal e da prefeitura, além de voluntários.

Os esforços no atendimento às vítimas começaram no domingo (19) e seguem de forma ininterrupta, com o apoio de 53 viaturas do Corpo de Bombeiros, dois cães especializados na busca de pessoas, 31 maquinários, sete helicópteros Águia do Comando de Aviação da Polícia Militar e outras duas aeronaves do Exército. E outros três helicópteros Águia eram aguardados.

1.730
pessoas estão desalojadas no litoral paulista, ou seja, foram abrigadas por parentes ou amigos

766
é o número de vítimas desabrigadas, que dependem de acolhimento em instalações públicas ou privadas, como escolas

Após uma madrugada inteira trabalhando para levar suprimentos às vítimas, equipes de socorristas montaram um hospital de campanha na sede da ONG VerdeEscola, em Barra do Sahy, uma das áreas mais atingidas em São Sebastião.

"Eles têm todo tipo de material para socorro lá, montamos um hospital", disse uma das chefes do serviço de resgate, que coordena operações a partir da região central da cidade. "A maior parte das vítimas apresenta politraumas, que são múltiplas fraturas."

Além de médicos, psicólogos atendem familiares das vítimas, que estão concentradas no local onde somente helicópteros das Forças Armadas e da PM conseguem chegar.

O mar ainda revolto também impedia a aproximação de embarcações pequenas, e a Marinha avaliava a possibilidade de levar uma fragata para ajudar no resgate.

"Até mesmo médicos estão impedidos de passar por estrada, o risco é muito grande", disse Angélica Oliveira, diretora do serviço terceirizado de saúde de São Sebastião.

Em frente ao heliponto da base da Marinha, um grupo de sete bombeiros se preparava para a primeira incursão da equipe ao local. Cordas, capacetes, joelheiras e pás estavam entre os acessórios. "Não sabemos o que vamos encontrar. Estamos prontos para cavar, rastejar, fazer rapel... o que for preciso", disse um deles.

A Polícia Civil e a Superintendência da Polícia Técnico Científica reforçaram os efetivos na região para dar mais celeridade aos trabalhos de polícia Judiciária e de identificação das vítimas.

Uma equipe com 40 servidores entre peritos e auxiliares atuará no IML (Instituto Médico Legal) de Caraguatatuba. Outros 12 papiloscopistas do Instituto de Identificação Ricardo Gumbleton Daunt trabalharão em apoio aos profissionais no IML de Caraguatatuba e no Serviço de Verificação de Óbitos de Ubatuba.

O recorde de chuva que atingiu o litoral desde sábado (18) deixou um rastro de destruição, com casas que solaparam, lama e vias intransitáveis. Em menos de 24 horas o acumulado de chuva ultrapassou os 600 mm em alguns pontos — as áreas mais atingidas estão entre Bertioga (683 mm) e São Sebastião (627 mm).

Nesta segunda, o governo federal reconheceu estado de calamidade pública nos municípios de Guarujá, Bertioga, São Sebastião, Caraguatatuba, Ilhabela e Ubatuba. E o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome afirmou que será unificada a data de pagamento do Bolsa Família de março para famílias desses municípios.

"O pagamento de março será unificado, feito no dia 20 para todas as famílias dos municípios atingidos e com decreto de emergência e calamidade", disse o ministro Wellington Dias, conforme nota divulgada pela pasta. Atualmente, o calendário de pagamento do benefício tem como base o número final do NIS (Número de Identificação Social) e ocorre em dias diferentes.

O Ministério da Saúde também tem auxiliado as operações de emergência e anunciou o envio de kits com medicamentos e insumos para atender cerca de 4.500 pessoas.

Com o isolamento e a destruição, moradores e turistas de São Sebastião enfrentaram até cinco horas de fila para fazer compras em supermercados nesta segunda. Em um estabelecimento próximo ao bairro do Camburi, área que ficou alagada após a tempestade, a fila de clientes se estendia pela calçada.

"Enfrentamos as cinco horas de espera porque estávamos sem comida e não havia previsão de quando a estrada iria abrir", disse o publicitário Rafael Ferreira, 39. Ele e os amigos ficaram ilhados em uma casa do bairro e passaram várias horas sem se alimentar. **Clayton Castelani, Francisco Lima Neto, Paulo Eduardo Dias, Stefhanie Piovezan, Raquel Lopes e Cézar Feitoza**

Recuperação de parte da Rio-Santos pode levar 'tempo enorme'

Fábio Pescarini

SÃO PAULO O governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) afirmou nesta segunda (20) que alguns trechos da Rio-Santos afetados pelas chuvas históricas do fim de semana podem nem existir mais.

Em entrevista coletiva ao lado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), ele lembrou que há mais de dez pontos de bloqueio na estrada —dois deles estão completamente intransitáveis, segundo o DER (Departamento de Estradas e Rodagem)—, sendo alguns de grande extensão.

"Em alguns desses pontos a gente não sabe exatamente o que sobrou da rodovia", afirmou Tarcísio. "É um volume de terra tão grande que se deslocou, e numa extensão tão grande, que a gente até levanta a hipótese de a rodovia ter sido arrastada junto, não existir mais."

De acordo com o DER, até o fim da tarde desta segunda, o trecho entre os km 157 a 162 da Rio-Santos estava intransitável e apenas era possível seguir em direção ao centro de São Sebastião a partir de Maresias. Entre os kms 157 e 174 (Maresias, Boiçucanga, Barra do Sahy, Camburi e Juquehy), não havia opção.

No km 174,5, uma nova queda de barreira bloqueou totalmente a via. Havia ao menos outros 13 trechos com interdições parciais, onde o trânsito ocorria no sistema pare e siga.

Também houve interdição total de um trecho na Mogi-Bertioga (veja ao lado).

Um vídeo divulgado pelo DER em suas redes sociais mostrou que o asfalto no km 174,5 da Rio-Santos, na região da praia de Juquehy, praticamente desapareceu.

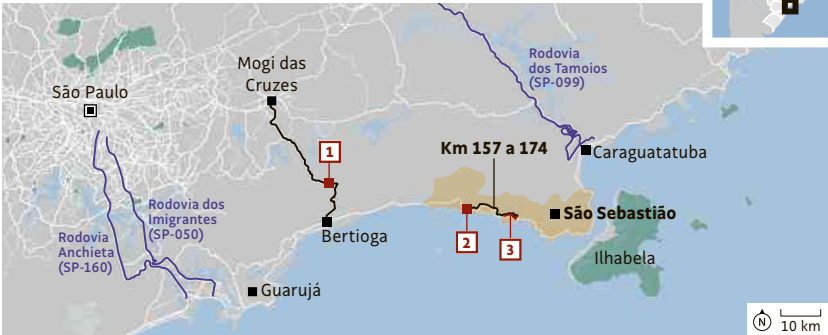
O governador disse que desde a madrugada alguns pontos de bloqueio foram liberados, como na praia de Toque-Toque, e a ideia era liberar o acesso à Barra do Sahy, um dos locais mais devastados pela chuva, ainda nesta segunda, o que não havia ocorrido até a conclusão desta reportagem.

"A grande via de deslocamento será a Rio-Santos e a Tamoios", afirmou Tarcísio. Segundo ele, nesta segunda, 80 pessoas que estavam ilhadas foram resgatadas com a criação de uma trilha, porém não era possível utilizar equipamentos pesado para fazer o trabalho de desobstrução.

"A recuperação da [rodovia] Mogi-Bertioga vai levar um tempo maior, porque temos um trecho bastante erodido. A recuperação da Rio-Santos de Boiçucanga [em São Sebastião] em direção ao Sul pode levar um tempo enorme, a gente não sabe nem dizer", disse.

Situação das estradas com interdição total

Rodovias alternativas

São Paulo
Mogi das Cruzes
Rodovia dos Tamoios (SP-099)
Km 157 a 174
Caraguatatuba
São Sebastião
Rodovia dos Imigrantes (SP-050)
Rodovia Anchieta (SP-160)
Bertioga
Ilhabela
Guarujá
10 km

Rodovia	1 Mogi-Bertioga (SP-098)	2 Rio-Santos (SP-055)	3 Rio-Santos (SP-055)
Local	Km 82	Km 174,5	Km 157 ao 162
Alternativa	Para São Paulo, usar o Sistema Anchieta-Imigrantes	Para São Paulo, seguir sentido Bertioga e acessar o sistema Anchieta-Imigrantes, mas só a partir de Juquehy, no km 176	• Para São Paulo, seguir sentido Caraguatatuba e acessar a rodovia dos Tamoios, mas só a partir de Maresias, no km 157 • Entre os km 157 e 174 (Maresias, Boiçucanga, Barra do Sahy, Camburi e Juquehy) não há opção

Dados cartográficos ©2023 Google
Fonte: DER (Departamento de Estradas e Rodagem)

Na mesma entrevista, o Lula disse que é importante trabalhar de forma conjunta para recuperar a Rio-Santos, "que é muito importante para o Brasil, para São Paulo e para toda a orla marítima".

Mais cedo, o Ministério dos Transportes afirmou que não faltarão recursos para o apoio logístico em regiões afetadas pelas fortes chuvas.

"O apoio logístico do Governo Federal se estende aos operadores privados de rodovias concedidas que tenham sua trafegabilidade seriamente impactada ou interrompida", declarou o ministério, em nota.

A pasta anunciou ainda que determinou ao DNIT (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes) a mobilização durante todo o tempo para atuar nos pontos críticos nas rodovias federais.

Sem acesso a locais isolados pela chuva, o resgate tem sido feito por meio de helicópteros da Polícia Militar e do Exército e, também, pelo mar.

Com a liberação de trechos da estrada, o governo espera levar doações à região, como as de água —30 mil litros foram levados para São Sebastião nesta segunda.

Tarcísio pediu a turistas que foram passar o Carnaval em São Sebastião que evitem antecipar a volta para São Paulo em razão dos problemas na Rio-Santos e na Mogi-Bertioga.

"[As pessoas] não conseguem passar um cartão, estão sem dinheiro, e isso está fazendo com que várias tentem sair das suas casas para retornar em direção a São Paulo e a outras partes do estado. O ideal é que não façam isso, porque ainda temos vários pontos de bloqueio nas rodovias."

No domingo, a Defesa Civil estadual já havia feito o mesmo pedido.

O trecho da Rio-Santos que foi interditado na madrugada de domingo (19) em Ubatuba está liberado. O mesmo ocorre na pista velha da Tamoios que liga Caraguatatuba à Dutra e à Carvalho Pinto.

Sobreviventes relatam desespero e gratidão

'Parecia o Titanic, não sabíamos se saíamos da casa ou se ficávamos', diz moradora de Bertioga, no litoral paulista

Clayton Castelani e Klaus Richmond

SÃO SEBASTIÃO E BERTIOGA A dona de casa Thais Mariane de Carvalho, 31, acordou assustada com a ligação da mãe, Maria Rosa de Carvalho, 58, na madrugada de domingo (19).

"Ela disse 'Thais, acorda todo mundo pelo amor de Deus que a água subiu'", relatou. Maria Rosa temia que a filha estivesse já sem vida devido às fortes chuvas que afetaram severamente o litoral paulista.

"Uma hora depois, a água já tinha subido mais de um metro. Ficamos em pânico. Ligamos para os bombeiros, mas não sabiam nem como chegar para nos ajudar", contou Thais, que mora com 12 pessoas, entre adultos e crianças, em um pequeno barraco de madeira no bairro Chácaras, em Bertioga.

A rua onde residem nem sequer tem nome. Os imóveis são considerados de ocupação irregular pela prefeitura e, para a chegada do resgate, os moradores indicaram referências próximas. Até botes foram utilizados pelos bombeiros.

"Primeiro tiramos as crianças. Eles [bombeiros] as colocavam nas costas porque até os adultos tinham medo de afundar e não voltar. Ninguém sabe nadar."

Enquanto a água subia, a família lembrou que os vizinhos poderiam estar com dificuldades mais severas. Um deles sofreu um AVC (acidente vascular cerebral) recentemente e ficou com a capacidade de locomoção limitada.

Recorreram, então, a outro morador da comunidade, Moacir de Jesus dos Santos, 39. "Somos como uma família, então ajudamos mesmo. Coloquei ele pendurado em mim, nos meus ombros, e passamos pela água até a casa de um dos parentes", disse Santos.

O lar de Thais ficou completamente inundado. Ela conta ter perdido fogão, máquina de lavar e geladeira. Acabou alojada com a família na quadra da escola José de Oliveira, no bairro Jardim Rio Praia.

Eles têm no local a companhia de outros integrantes da comunidade. Segundo a prefeitura, o número de desalojados subiu na segunda-feira (20) de 13 para 21.

Ivanilde Alves, 46, e Beatriz Ariane Ferreira, 22, fazem parte desse grupo. Mãe e filha chegaram há menos de dois meses ao município, vindas de Ferraz de Vasconcelos, na Grande São Paulo.

"Parecia o Titanic, não sabíamos se saíamos da casa ou se ficávamos dentro. E o pior: teremos que voltar para lá", afirmou Beatriz, grávida de sete meses, enquanto segurava no colo um cachorro de pouco mais de 20 dias de vida.

Em São Sebastião, sobreviventes resgatados de helicóptero por equipes do Exército Brasileiro também tentavam lidar com a situação.

Para a administradora Paula Deperon, 36, presenciar o desmoronamento do barranco atrás do prédio em que estava, no bairro Camburi, foi reviver outro feriado trágico.

Na virada de 2009 para 2010, ela estava hospedada em Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ), onde um deslizamento soterrou a pousada Sakay e provocou 53 mortes.

"É desesperador porque a gente já passou por isso em Ilha Grande. A gente ficou lá quando caiu a pousada Sakay," disse ela, pouco depois de sair do helicóptero com o marido e o filho de dez meses.

A assistente de personal trainer Ligia Carla Samia, 49, contou que acordou com lama e galhos de árvores rompendo a janela do quarto onde estava, também em Camburi.

"Acordei meu irmão, que estava na parte de baixo do apartamento, e conseguimos sair, já com a água pela cintura."

Assistindo ao desembarque de corpos envoltos em mortalhas pretas, a doméstica Marisa Sena Barbosa, 44, disse sentir uma mistura de tristeza e gratidão. Há quatro anos, ela perdeu a casa em um deslizamento em Barequeçaba. Era 19 de maio de 2019.

"Jamais vou me esquecer. Era o aniversário de seis anos da minha filha. Quando acordei, tinha uma cratera na frente de casa, mas nós conseguimos sair a tempo", disse. "É um presente de Deus nós estarmos aqui. Poderia ser a minha família nesses sacos pretos."

Sobrinha de Barbosa, Evelyn Sabino, 20, também perdeu a casa no deslizamento em Baraqueçaba. "Já aconteceu com nossa família. Acontece todo verão aqui no litoral", lamentou.

Sabino disse que, em 2019, um aviso da Defesa Civil chegou antes do desmoronamento. "Desta vez, não deu tempo."

A Prefeitura de São Sebastião disse que realiza trabalhos constantes de drenagem nas áreas atingidas pela chuva, ma que não era possível prever um volume de água tão fora do comum como o ocorrido.

Área que teve deslizamento de terra em Juquehy, São Sebastião, devido ao temporal do fim de semana Fernando Marron/AFP

Quem pode pagar sai de helicóptero enquanto Sahy vive 'cenário de guerra'

RIO DE JANEIRO Não era uma tempestade qualquer. "Tinha chuva e uns jorros de água que vinham por cima da chuva, como se alguém estivesse jogando uma caixa d'água em cima da gente", lembra a roteirista Ana Reber.

Ela foi passar o Carnaval num condomínio na Barra do Sahy. Acordou por volta da meia-noite de domingo (19) com a casa que alugou para o feriado toda alagada. O primeiro instinto foi desplugar todas as tomadas, para evitar choques.

Passaram a noite ouvindo gritos de gente procurando por pessoas desaparecidas. Seu condomínio fica atrás de um morro que sofreu deslizamentos severos. "Fomos perceber a dimensão da coisa só no dia seguinte, quando começamos a ver os helicópteros e as pessoas desesperadas."

Reber ainda não sabe quando ela, o marido, a filha de 4 anos e uma sobrinha de 14 anos, da Argentina, conseguirão voltar do Sahy. Conta que algumas pessoas estão saindo por barco até Juquehy, praia vizinha da mesma cidade, São Sebastião, e de lá pegando um táxi até São Paulo.

Há ainda as que vão embora de helicóptero, o que lhe parece obsceno no meio do que descreve como "cenário de guerra" com "muito morto" e "gente perambulando com bebê". "Dá ódio. Helicóptero que poderia ser usado para resgatar ou trazer remédio, colchão. O mínimo era abastecer o helicóptero com doação na vinda."

Depois que a casa onde estava hospedada alagou, ela pediu ajuda a única residência do condomínio que não havia sido invadida por chuva. Continuava lá na tarde desta segunda (20). A região, até aquele momento, permanecia inacessível por terra.

A eletricidade voltou, o abastecimento de água idem, mas não sabe por quanto tempo. Chegaram a jogar cloro na piscina, caso precisassem usar aquela fonte. O condomínio abriga umas cinco ou seis famílias desalojadas de suas casas pelo temporal.

O jeito foi organizar um mutirão de comida para todos. As filas do mercado, segundo a roteirista, demoravam cerca de duas horas.

Com permissão de proprietários que não estavam no local, os imóveis desocupados do condomínio receberam famílias que não tinham para onde ir.

"A [casa] em que estamos também vai ser disponibilizada assim que a gente sair. As pessoas vêm de todos os lados do Sahy. Uma senhora entrou numa sala onde só tinham bebês mortos. Ela está em choque." **Anna Virginia Balloussier**

Cidades já sabem dos riscos, porém não reforçam prevenção

Lucas Lacerda

SÃO PAULO As cidades do litoral norte de São Paulo atingidas por fortes chuvas no último fim de semana já têm documentos que deveriam orientar seu crescimento e a resposta a desastres, evitando mortes. O problema, dizem especialistas ouvidos pela reportagem, é a prática.

Eles dizem que os municípios precisam melhorar equipamentos e pessoal. Os locais atingidos no litoral norte de São Paulo usam informações do radar que fica no aeroporto de Congonhas, na capital.

Afirmam, ainda, que o alerta emitido pelo Cemaden (Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais) na última quinta (16) sobre chuvas com possibilidade de desastres no fim de semana exigia uma preparação melhor.

"Se nós temos uma previsão, mesmo que seja de 200 mm, precisamos de Defesa Civil convocada, médicos de plantão, e parece que os municípios não têm sirene", afirma Marcio Cataldi, que coordena o laboratório de monitoramento e modelagem do sistema climático na UFF (Universidade Federal Fluminense).

Procurada pela **Folha** por telefone e email sobre a existência de sirene e envio de alertas antes das chuvas, a Prefeitura de São Sebastião não respondeu até a publicação desta reportagem.

Cataldi aponta quatro medidas que precisam ser adotadas para o enfrentamento de problemas estruturais. A primeira delas é melhorar o diálogo com a população, fazendo a ponte entre o alerta e líderes comunitários e assistentes sociais.

Para isso, é preciso encarar a Defesa Civil municipal como um órgão com corpo técnico próprio de meteorologistas, geotécnicos e hidrólogos, deixando de contar apenas com os análogos estaduais e federais.

Em terceiro lugar está a criação de um sistema de contingência, que conte com sirenes, treinamento das pessoas e plano de desastres. No plano não há menção ao termo sirene, segundo o documento publicado no Diário Oficial do município.

Ainda, o texto diz que o plano municipal de defesa civil deve ser ativado quando houver alerta de precipitação igual ou superior a 100 mm.

A quarta medida, segundo Cataldi, é uma queixa já manifestada por agentes do Cemaden de falta de investimento em corpo técnico, além da compra de novos equipamentos, como radares. "O mais barato custa R$ 2 milhões. Se comparar com o gasto para recuperar a área, é nada", diz.

A ocupação urbana, apesar de ser um problema histórico, ainda pode ter saída. O crescimento da cidade deve ser feito a partir das cartas geotécnica e de risco.

A primeira descreve as características físicas do local e problemas existentes ou esperados, como chance de alagamento. Já a de risco identifica problemas possíveis em relação a tipos de ocupação, como a construção de moradias.

Chuvas e deslizamentos na serra do Mar não são novidade de há tempos, segundo o geólogo Álvaro Rodrigues dos Santos, ex-diretor de planejamento e gestão do IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo), vinculado à USP. "A serra do Mar tem um dos maiores índices pluviométricos do país, sempre foi assim", diz.

Segundo ele, para encontrar bons exemplos não é preciso sequer mudar de estado. "Santos e São Vicente receberam sua Carta Geotécnica ainda em meados de 1980, as recomendações foram aplicadas rigidamente e o número de acidentes fatais em morros foi reduzido." Os documentos, ele afirma, já estão disponíveis para todas as cidades na região da serra do Mar.

MORTES | coluna.obituario@grupofolha.com.br

Encantou-se pelo futebol de Pelé e virou santista

CLEANO CÉSAR VERAS (1940 - 2023)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO Os gols e dribles do Rei Pelé encantaram o piauiense de Teresina Cleano César Veras. Foi a motivação para tornar-se sócio-torcedor do Santos, em 1965. "Na juventude, ele viu o Pelé fazer muitos gols e se apaixonou pelo time", diz o professor de educação física Daniel Rodrigo Pereira Veras, 42, seu filho.

Cleano acompanhava os jogos, de casa ou do estádio. Um deles foi especial e ganhou um toque da arte que dominava: o desenho.

Torcedor fervoroso, Cleano desenhou e pintou a imagem de Pelé numa camisa e, em 1969, quando foi ao jogo entre Brasil e Paraguai pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 1970 (México), a entregou a Carlos Alberto Torres (1944-2016), capitão do time na época. A peça voltou para as suas mãos, autografada por toda a seleção.

Segundo Daniel, o pai fez vários cursos na Escola Panamericana de Artes. Dentro do campo artístico, na música, outra paixão do santista foi a cantora Elis Regina.

Cleano era o segundo filho mais velho do segundo casamento do caixeiro-viajante José de Oliveira Veras, no caso, com a dona de casa Raimunda Figueiredo Veras.

Com a morte do pai, no início da década de 1960, Cleano mudou-se com a família para São Paulo. Conseguiu emprego no departamento pessoal da siderúrgica Aliperti. Permaneceu nela até o final dos anos 1970 e chegou a assumir a chefia do setor.

Em seguida, ele aceitou convite para trabalhar numa farmacêutica em Itajaí (SC), experiência que fracassou pouco tempo depois e o trouxe de volta à capital paulista, onde conquistou novo emprego na área de departamento pessoal e ficou até se aposentar.

No período, já morava junto com Maria Teresinha de Souza Pereira, hoje com 76 anos.

Cleano foi o grande companheiro do filho Daniel. Passou a ele o gosto pelo esporte e o incentivou a praticá-lo.

"Meu pai era um homem pacato, conservador e tradicional. Todo dia, eu e ele tomávamos café na casa da minha avó. Ele me deixava na escola e ia trabalhar. Ele assistia aos jogos de futsal e de handebol que eu participava e levava meus amigos em seu carro. Era o torcedor símbolo da escola ou do clube", conta Daniel.

"Ele foi uma pessoa muito boa, sempre pronto a ajudar. Deixava de fazer as suas coisas em prol dos outros e era muito próximo da família. Acho que esse é o grande legado dele", diz Daniel.

Cleano morreu no dia 10 de fevereiro, aos 82 anos de idade, em decorrência de uma pneumonia. Deixa a mulher, um filho, uma nora, uma neta e irmãos.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

PRF terá foco em segurança viária, diz novo diretor-geral

Antônio Fernando Oliveira diz que atuação será nas estradas e não nos morros

ENTREVISTA
ANTÔNIO FERNANDO OLIVEIRA

Raquel Lopes e Marcelo Rocha

BRASÍLIA O novo diretor-geral da PRF (Polícia Rodoviária Federal), Antônio Fernando Oliveira, 52, afirma que a principal diretriz de sua gestão será a fiscalização das estradas do país, atribuição que, segundo ele, perdeu importância em relação a outras áreas, como o combate às drogas e ao roubo de cargas, durante o mandato do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

"A gente está corrigindo rumos em trazer a gente para a segurança viária. Eu acho que a Polícia Rodoviária Federal é rodoviária federal não à toa. A gente nasce para fazer a segurança das estradas e, muito mais, a proteção de vidas", disse em entrevista à **Folha**.

A PRF se mostrou uma das corporações mais bolsonaristas e protagonizou situações de grande repercussão, como a morte de Genivaldo de Jesus Santos, asfixiado no camburão de uma viatura, em Sergipe, e o aperto da fiscalização a ônibus no segundo turno das eleições em regiões onde o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tinha melhores índices de intenção de votos.

Esse último episódio contribuiu para derrubar Silvinei Vasques, alinhado ao bolsonarismo, do comando da PRF em dezembro passado.

A gestão petista ainda não mexeu na portaria que autorizou agentes rodoviários a atuar fora das rodovias federais e a participar de ações em favelas, por exemplo.

Foi com esse arcabouço legal que a PRF integrou as operações conjuntas na Vila Cruzeiro (RJ), com 23 mortos, em Varginha (MG), com 26 mortos, e em Itaguaí (RJ), com 12 mortos, entre outras.

*

Quais são as prioridades de sua gestão? É trazer a PRF de volta ao que ela sempre foi: a polícia cidadã, uma polícia que faz boas entregas para a sociedade. O primeiro passo para esse caminho é voltar a dar à segurança viária a importância que ela tem para a instituição.

Isso significa aumentar o número de radares nas estradas? Na deflagração da operação Carnaval, a gente já recomendou o aumento da fiscalização do excesso de velocidade, combatendo também a alcoolemia na direção. A gente sabe que nenhuma polícia é onipresente, então a gente precisa de um procedimento de reeducação ou de educação do condutor para que caiam efetivamente os índices de acidente, de letalidade do trânsito.

A gente quer aumentar para fazer o controle de excesso de velocidade porque é um dos índices grandes de acidentes e de acidentes graves.

Uma mudança implementada pelo governo passado é a obrigatoriedade de divulgação pela PRF dos pontos onde estão os radares móveis. Haverá mudança? A ideia não é pegar ninguém de surpresa. É reduzir acidentes. A gente não tem intenção de fazer multa, a gente tem intenção de reduzir acidentes.

O Ministério da Justiça e Segurança Pública avalia o programa de câmeras em uniformes dos policiais. O que o senhor pensa sobre o tema? Eu sou favorável porque eu trabalhei em estradas por mais de 10 anos e se eu tivesse trabalhando com uma câmera corporal eu me sentiria mais seguro. A câmera é um um instrumento de proteção da atividade policial. Como se faz essa utilização? É preciso um estudo para que ela atinja de verdade o nosso intuito, que é a proteção da atividade tanto para o cidadão quanto para o policial.

Durante o governo Bolsonaro houve o caso Genivaldo, morto asfixiado por policiais rodoviários federais. Como o senhor avalia o caso e o que será feito para prevenção? Estamos criando a Coordenação Geral de Direitos Humanos na estrutura da PRF e vamos fazer cursos de reciclagem para o efetivo. Eu acredito que é inversamente proporcional o sucesso da atuação policial com o excesso de força. As polícias mais violentas são geralmente as mais ineficazes. A PRF, na sua história de 94 anos, sempre foi uma polícia de trato muito bom com a sociedade. Entendo que é um fato isolado, não é ação corriqueira. A PRF tem um índice de letalidade pequeno em comparação às outras polícias.

Pedro Ladeira - 15.fev.2023/Folhapress

Antônio Fernando Oliveira, 52
É policial rodoviário federal há 29 anos. Foi Superintendente da PRF no Maranhão. Formado em Direito, é pós-graduado em Direito Tributário e mestrando em Ciências Jurídicas pela Universidade Autônoma de Lisboa

> Eu acho que a Polícia Rodoviária Federal é rodoviária federal não à toa. A gente nasce para fazer a segurança das estradas e, muito mais, a proteção de vidas. Esse é o meu ímpeto desde que eu vesti essa farda pela primeira vez
>
> **Antônio Fernando Oliveira**
> Diretor-geral da PRF

Mas o que o senhor pensa sobre aquela abordagem quando analisa informações, imagens? Eu não estudei o procedimento, o processo em si. Falando "en passant" do que todos nós vimos, até muito mais pela imprensa, eu não estava na direção, os nossos manuais não preveem nenhuma situação nem próxima daquela. Está contrário ao que está prescrito em nossos manuais.

Como está a situação dos agentes envolvidos no caso na corregedoria? O processo é sigiloso, eu não posso ter acesso ao processo em si porque senão até o inviabiliza. O que eu sei é que o processo está nas fases finais.

No governo passado, a instituição se mostrou bastante bolsonarista. O que fazer para reverter esse quadro? Não concordo muito que a gente seja uma instituição bolsonarista. O alinhamento com as políticas do governo Bolsonaro não foi exclusividade da PRF, mas foi uma identidade de todas as instituições policiais e militares.

Como o ministro da Justiça [Flávio Dino] sempre fala, não me importa em quem o agente votou, me importa quando ele veste a farda ele não tenha partido, porque essa é uma instituição de Estado e ela vai cumprir obrigações de instituição de Estado, as políticas públicas de segurança definidas pelo governo federal serão respeitadas e executadas pela instituição.

O ex-diretor Silvinei Vasques responde a procedimento interno? Existe um procedimento, mas eu não posso ter acesso ao processo porque ele é sigiloso. A comissão que apura tem total independência. Quando o processo terminar e se tornar público, a gente vai saber o que ficou apurado e o resultado.

Durante o bloqueio das vias após o segundo turno das eleições, agentes da PRF foram vistos facilitando esses protestos. Foi aberto processo administrativo contra eles? Existem dois processos que apuram tanto a operação do dia da eleição quanto a operação rescaldo, que deve ser a que você se refere. Mas eu não tenho acesso.

Existe uma portaria que dá mais poderes para a PRF, inclusive a autoriza a subir morros. Ela será revogada? Eu não desenvolvi nenhuma conversa com o ministro [da Justiça] sobre essa portaria, então eu não sei responder o que o ministro pensa ou vai fazer com a portaria. A atuação da PRF ordinariamente vai ser a adstrita a nossa competência originária, os limites da rodovia. É possível atuar fora? Entendo que é possível em apoio a outras instituições.

O senhor é contra a PRF subir morros? É possível em apoio a outra instituição. Como uma operação exclusiva da PRF, eu sou contrário.

A PRF pode conduzir investigações? A gente faz esse levantamento, por exemplo, por meio da inteligência, porque os resultados do policiamento e da segurança na rodovia, que são competências nossas, dependem de informação. Então, não existe policiamento profissional sem inteligência. Esse tipo de investigação, sim, a investigação criminal não é da competência da gente, é da competência da polícia judiciária e a gente jamais vai invadir a competência de outro órgão.

Qual era diretriz da gestão passada da PRF em relação a questões como garimpo ilegal e extração ilegal de madeira? Como eu não estava na direção, eu não sei exatamente o que foi determinado daqui. Eu posso fazer uma avaliação, de forma mais geral, como política pública de segurança. A gente sabe que no governo passado o maior foco era no combate à criminalidade e menos nos crimes ambientais, menos no combate ao garimpo ilegal.

Houve ênfase na questão das drogas. Ênfase na questão das drogas e ênfase no combate aos crimes específicos como roubo e furto de carga que terminou gerando aquela operação no morro que você citou, porque o início daquela operação foi justamente o combate ao roubo de carga.

O sr. entende como uma política bem-sucedida? Tanto não entendo que eu acho que a gente está corrigindo rumos em trazer a gente para segurança viária. Eu acho que a Polícia Rodoviária Federal é rodoviária federal não à toa. A gente nasce para fazer a segurança das estradas e, muito mais, a proteção de vidas. Esse é o meu ímpeto desde que eu vesti essa farda pela primeira vez: é proteger a vida, muito mais do que qualquer outra coisa.

Haverá reajuste de salário dos policiais? É um anseio da categoria, é um anseio justo. Nós estamos há sete anos, não só do último governo, sem qualquer recomposição salarial. Entendo que o maior valor de uma instituição é o servidor. Do que vai me adiantar ter a melhor arma, ter o melhor veículo, se eu não tiver o melhor servidor? Então, o meu valor principal é a valorização do servidor. A gente vai comprar a briga por isso, o ministro é alguém sensível a essa pauta também.

O arquiteto João Augusto, encarnado na personagem Clubber Cansada, mostra seu globo espelhado, que fez sucesso na folia Adriano Vizoni/Folhapress

Peças recicladas viram tendência entre foliões

Looks criativos, com inspiração na cultura pop e queer, também ganham espaço nos blocos carnavalescos

Roberto de Oliveira

SÃO PAULO Sabe aquela blusa meio brega, presente da tia? E aquele par de meias esquisitão, herança de um relacionamento mal-acabado? Somado a uma boa dose de criatividade, isso tudo pode ajudar a compor o look da folia.

Remexer o guarda-roupa, garimpar umas peças e montar uma fantasia podem virar alternativa em momento de grana curta. A tendência da moda mais que "fast fashion" do Carnaval é reciclar, com a certeza de que nem tudo vai durar até o fim da festa.

"Na terça-feira, minha fantasia vai estar destroçada", brinca o arquiteto João Augusto, 32, ao desfilar pelos blocos da zona oeste paulistana com look inspirado em uma personagem criada por ele, a Clubber Cansada.

A vestimenta era simples, diga-se, com um par de meia arrastão, coturnos, uma batinha, canga de saia, com maquiagem caprichada ao redor dos olhos. O que chamava atenção, mesmo, era o globo espelhado que o folião carregava. Parecia uma bolsa.

"Está fazendo o maior sucesso. Todos querem pegar na bola", diz. "As pessoas estão me parando para tirar fotos."

Augusto diz que pagou R$ 50 pelo globo, mais R$ 70, consumidos num par de pulseiras douradas. "O meu limite era de R$ 100. Gastei até demais", conta. "Clubber Cansada, o look, estará, porém, acabado no fim da festa. É o Carnaval do desapego."

Para montar a sua fantasia, o arquiteto redescobriu o próprio guarda-roupa. Não só o dele. Deu uma espiada também em peças, de amigos e amigas, que foram ressignificadas. Juntou o que conseguiu, se montou e pronto: Clubber Cansada estava de pé.

"Nem pensei que iria chamar tanta atenção. Sou contra gastar grana com fantasia."

Moda não tem nada a ver com dinheiro, é expressão, defende Fernanda Caldeira, 27, analista em marketing de moda, do Cambuci.

Para os dias de folia, ela começou a bolar o seu look no início do ano. A partir dali, desenvolveu duas fantasias: a da sereia e a do unicórnio.

Na primeira criação, a referência, conta ela, foi o sincretismo, uma busca por elementos que reverenciassem as religiões de matrizes africanas, assim como detalhes que remetessem à fé católica. "O brilho, as pedrarias e, sobretudo, a estética dos anos 2000 estão em alta", explica.

"Trazer essa brasilidade, esse encanto de Iemanjá, é algo que sinaliza a retomada do Carnaval depois de tanta dor e perda. É uma manifestação, vale dizer, de tolerância."

Por sua vez, o look unicórnio traz uma pegada, digamos, mais fashionista. Foi inspirado em "Barbie Core", estilo associado a roupas e acessórios de alta-costura sem abrir mão da moda em voga. As sandálias salto bloco, por exemplo, são réplicas das criadas pela famosa grife italiana Versace, na cor rosa pink, é claro, assim como o top de vinil.

Alguns desses elementos colaboraram para que essa tendência tomasse as ruas, conta. Entre eles está o lançamento, previsto para este ano, do filme da boneca Barbie, adaptação em live action, estrelado por Margot Robbie, de "Era uma Vez em Hollywood", e Ryan Gosling, de "Blade Runner 2049", como o boneco Ken.

Com nuances arroxeadas, a saia plissada era fúcsia. "São roupas usadas no dia a dia que ganharam adereços carnavalescos. Basta abrir o guarda-roupa e encontrar peças que tragam a sua essência", ensina.

"Carnaval", nas palavras da analista, "é um momento de exposição, para se mostrar, se exibir. É claro que isso mexe também com a vaidade".

Na opinião de Tarcísio D'Almeida, 49, professor de design de moda da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), vestir-se é significar via moda, figurino e fantasia.

"Pensando na catarse que o uso de uma fantasia faz, percebemos as percepções de satisfação e de comemoração, o que nos permite compreender algo além do cobrir o corpo com roupas", analisa.

A fantasia traduz o imaginário desejado, segue ele, autor de "Moda em Diálogos: Entrevistas com Pensadores" (Memória Visual), velando e desvelando sonhos, desejos.

À base de glitter multicolor, strass, meia arrastão e um top de lantejoulas, o casal de publicitárias Laís Souza, 25, e Geovana Santiago, 25, enxergam na fantasia mais que uma simples alegoria carnavalesca.

O look selava a união das duas. Era como se fosse tirar a máscara. "Eu me assumi em julho do ano passado. Este é o meu primeiro Carnaval assumida. Vamos curtir juntas. A fantasia é uma homenagem a essa união", contou Laís. Desembolsaram R$ 160. "O básico era tudo o que a gente já tinha", complementa Geovana.

Em Perdizes, diante da paróquia São Geraldo, santo cuja imagem traz consigo uma caveira que simboliza o desapego material em prol da vida espiritual, a veterinária Tatiana Perez celebrava o "momento diva" do marido, o designer Alexandre Machata, 32. Ambos fantasiados de inseto.

"Era para ser uma mariposa, algo assim", explica ele. "Minha namorada pegou referência no Pinterest. Gastei R$ 80 com tecidos, tiaras e glitter", calcula o designer. "Minha vida se resume em pesquisar, e a dele, em realizar", brinca a mulher, Tatiana, 31.

Na composição do look, a calça esverdeada usada por ele, na verdade, era dela. Foi comprada numa loja de "fast fashion", em promoção depois do Ano-Novo, conta a mulher.

A julgar pelo estado em que a peça se encontrava no fim do bloco Bunytos de Corpo, o casal terá que colocar a mão no bolso para comprar uma nova. Ou quem sabe ressignificá-la.

O designer Alexandre Machata com sua fantasia de inseto Adriano Vizoni/Folhapress

Fernanda Caldeira mostra seu Unicórnio, no estilo 'barbie core' Adriano Vizoni/Folhapress

> **Clubber Cansada, o look, estará, porém, acabado no fim da festa. É o Carnaval do desapego. Nem pensei que iria chamar tanta atenção. Sou contra gastar grana com fantasia**
>
> **João Augusto**
> Arquiteto

> **Trazer essa brasilidade, esse encanto de Iemanjá, é algo que sinaliza a retomada do Carnaval depois de tanta dor e perda. É uma manifestação, vale dizer, de tolerância**
>
> **Fernanda Caldeira**
> Analista de marketing de moda

> **Pensando na catarse que o uso de uma fantasia faz, percebemos as percepções de satisfação e de comemoração, o que nos permite compreender algo além do cobrir o corpo com roupas**
>
> **Tarcísio D'Almeida**
> Professor de design de moda da UFMG

O Carnaval é o futuro

Quem é você na fila da serpentina?

Vera Iaconelli

Diretora do Instituto Gerar de Psicanálise, autora de "O Mal-estar na Maternidade" e "Criar Filhos no Século XXI". É doutora em psicologia pela USP

Mal pisamos no bloco e, feito Maomés, dividimos mentalmente o mar de gente entre homens e mulheres. Avaliamos automaticamente a faixa etária, a classe social, a dita raça e por aí afora.

A partir dessas coordenadas, separamos o desejável do indesejável ou perigoso demais. Classificar o outro é uma estratégia para tentar garantir quem somos na fila da serpentina.

Nos sentimos feios numa festa de gente linda, mais ou menos jovens a depender da média de idade, ricos ou pobres conforme a ostentação. Ao classificarmos quem são os outros, buscamos esquecer que nosso eu tem a firmeza de um pudim.

Acontece que o Carnaval é um jogo de pistas falsas, no qual as coordenadas estão propositalmente embaralhadas, seu frisson passa pela suspensão dos parâmetros conhecidos.

Como escreveu Assis Valente: "Beijei na boca de quem não devia, peguei na mão de quem não conhecia". O fato de ter data para acabar permite que a brincadeira corra solta. Salvo casos notórios, a ressaca moral não alcança a festa do ano seguinte.

Mas e se os marcadores que nos ajudam a saber quem somos se tornassem permanentemente borrados também no resto do ano, explicitando a qualidade gelatinosa do que chamamos de eu?

"Traídos pelo Desejo", de Stephen Frears, escancarou o choque do encontro com o desejo quando as balizas de gênero são suspensas. Desejar algo diferente do que a vontade consciente nos impõe é estranhar-se, portanto a coisa não vai sem angústia. E, com ela, a oportunidade de ouro de lidar o que paira em nosso inconsciente.

Riobaldo amava Diadorim sem saber o que se revelaria sobre a segunda. Se a imaginava homem, qual foi o traço distintivo que capturou o jagunço? Desejar alguém sem saber o que está sob o figurino nos obriga a admitir que o desejo sempre se dá alhures.

É isso que os jovens explicitam quando demonstram que gênero e orientação sexual são bordas fluidas, e não muros. São pessoas cujo corte de cabelo, barba, roupa, maquiagem, trejeitos nos deixam sem saber qual pronome lhes cabe. Perdemos as marcações que nos permitiam ler, não sem erros crassos, nosso lugar no páreo da disputa amorosa. Sem saber em que caixinha colocar o outro acabamos nos sentindo fora da caixinha.

A heteronormatividade escamoteia o fato de que o amor entre homens e mulheres não esclarece o que se ama em cada homem ou em cada mulher. Ela promove a falsa ideia de homogeneidade do desejo.

Ao revelar a inconsistência do desejo, os jovens promovem angústia e recebem como resposta inúmeras violências. Entre elas, a nostalgia de um tempo em que a ditadura buscava controlar o irrepreensível do desejo humano. Período no qual corpos ficavam à mercê de tarados que mal disfarçavam o gozo que extraíam da tortura. O gozo disfarçado de ordem e progresso é um exemplo típico do prazer perverso, que se dá à revelia do desejo do outro.

O Carnaval parte da premissa oposta: da liberdade de ver e ser visto, de desejar e ser desejado, onde não pode existir nenhum espaço para o abuso ou para a sujeição. Ele é o antídoto aos porões, é a celebração da vida e da sexualidade que nos move. A festa de Momo fere o moralismo na mesma medida em que é sustentada pela ética do desejo e da responsabilização absoluta sobre quem se pode ser.

O Carnaval é o futuro.

Mulher joga água para refrescar público no Charanga do França, nesta segunda (20), no centro paulistano Danilo Verpa/Folhapress

Charanga vira megabloco e faz foliões passarem sufoco

Público acostumado relatou momentos de tensão em desfile em São Paulo

Mariana Zylberkan

SÃO PAULO Bloquinho? O folião que acompanhou o bloco Charanga do França, na manhã desta segunda-feira de Carnaval (20), em Santa Cecília, na região central de São Paulo, sofreu para seguir o cortejo por causa da aglomeração acima do esperado.

A concentração até que foi tranquila, porém, por volta de uma hora depois do início do bloco, lá pelas 10h, quando a banda começou a andar, o aperto foi grande.

Muitos foliões que se aglomeraram na rua Imaculada Conceição para acompanhar o bloco relataram dificuldade de se mexer quando a banda, protegida pela corda, fez a curva para entrar na rua Barão de Tatuí e seguir o trajeto até o largo Santa Cecília, onde acontece a dispersão.

Aos gritos de "anda, anda", foliões espremidos imploravam para o bloco sair do lugar. A concentração de ambulantes com os carrinhos repletos de bebidas dificultou a locomoção. "Tem muito ambulante geralmente, mas desta vez parecia que tinha mais. Estava muito difícil de sair do lugar", disse o folião Marco Mello, que acompanhava o Charanga.

A **Folha** acompanhou a tentativa de movimentação do bloco e presenciou o momento em que a diversão deu lugar ao desespero de quem queria fugir da multidão e não conseguiu. Ficou difícil até de levantar o braço, e as meias das fantasias se enroscavam nos zíperes das pochetes de quem estava ao lado tamanho o grau de aperto entre os foliões.

Uma criança de cerca de 10 anos precisou ser levantada pelo pai para conseguir respirar. Um gari também ficou preso e contou com a ajuda dos foliões para se desvencilhar da multidão e conseguir chegar na parte de trás do bloco onde era esperado.

Outra reclamação era em relação a um caminhão estacionado em frente a uma obra na rua Barão de Tatuí, que faz parte do trajeto do bloco, e dificultou a passagem da multidão. "Sempre venho no Charanga e sei que vai ser perrengue, mas neste ano está pior", disse Helena Maia, 37, que acompanha o Charanga do França há cinco anos.

“

Tem muito ambulante geralmente, mas desta vez parecia que tinha mais. Estava muito difícil de sair do lugar

Marco Mello
folião

O pior momento é quando o bloco faz a curva para sair da rua Imaculada Conceição, onde ocorre a concentração, e sobe para a Barão de Tatuí. O objetivo é checar até o largo Santa Cecília. É tradição um caminhão com água de reuso esguichar refresco entre os foliões nos trechos finais do desfile.

O desfile do Charanga do França coincidiu com um dia de sol e calor após um domingo de Carnaval com chuva e frio que espantou os foliões das ruas. No sábado (18), um temporal interrompeu o desfile do bloco Tarado Ni Você na região central. Por causa do aguaceiro, os músicos pararam a apresentação e boa parte do público dispersou em busca de algum tipo de abrigo.

Em vez da chuva, a superlotação fez a prefeitura encerrar com antecedência as apresentações dos blocos das cantoras Gloria Groove e Pabllo Vittar, no sábado e no domingo, respectivamente, por excesso de público.

O presidente do Conseg Santa Cecília, Francisco Gomes Machado, disse que todos os anos há aperto no desfile do Charanga do França e que neste ano não foi diferente. "É o normal dentro do anormal", disse. Comerciantes do entorno também relataram surpresa com a maior quantidade de pessoas no desfile do Charanga do França neste ano.

A surperlotação também transformou o desfile do bloco Ano Passado Eu Morri Mas Neste Ano Eu Não Morro em perrengue na Vila Anglo, na zona oeste. A multidão que acompanhou o cortejo desembocou na praça Rio dos Campos, onde ficou impossível andar no fim da tarde.

Antes, o bloco que estreou no Carnaval de 2017 desfilou repertório em homenagem ao cantor Belchior e com forte apelo político. Faixas com a fase "Sem anistia" e outras em referência ao povo yanomami decoravam o trio elétrico.

Moradores usavam mangueiras para jogar água nos foliões para amenizar o calor. A quantidade de banheiros químicos foi insuficiente para dar vazão às necessidades dos foliões e um beco foi transformado em banheiro público a céu aberto.

No trajeto, apesar do perrengue, o cachorro labrador Dominique, 2, fazia a alegria dos seguidores com sua fantasia de Simba. "É o primeiro Carnaval dele, no outro ainda estávamos na pandemia", afirmou o tutor do Dominique, Maurilio Maia, 35. "Deram um gelo para ele, então está tudo bem."

Sempre venho no Charanga e sei que vai ser perrengue, mas neste ano está pior

Helena Maia
foliona

Rio combina Beatles, poliamor e axé em 3º dia de Carnaval

RIO DE JANEIRO O terceiro dia de Carnaval no Rio, nesta segunda (20), reuniu fãs de Beatles, poliamor e política, além dos tradicionais grupos de Bate-bola, em blocos pela cidade.

No Aterro do Flamengo, fãs diziam que, sim, os Beatles têm tudo a ver com a folia. "Eu amo! Combina muito com Carnaval", afirmou a bancária Viviane Montezano, 37, que foi com o marido, Eduardo Ribara, 41, ao Sargento Pimenta.

A multidão que lotou o aterro foi refrescada com caminhão-pipa da Brahma, patrocinadora do bloco Get Back.

O clima não foi o mais amigável para ambulantes no local, que tiveram mercadorias apreendidas pela Guarda Civil. Segundo os agentes, a ação teve como alvo comerciantes sem credenciamento, que teriam os produtos não perecíveis devolvidos na quinta (23).

"As bebidas eu nem acabei de pagar", disse a ambulante Luciana Noraro, 51, que acusou os guardas de consumirem bebidas.

Na zona portuária do Rio, quatro navios que chegaram na segunda representaram a retomada da temporada de cruzeiros, que deve movimentar 27 mil turistas — e R$ 14 milhões— para o Rio.

Também houve destaque para o amor, especificamente o poliamor, no bloco Não Monogamia Gostoso Demais, que arrastou foliões para a Gamboa, na região central.

O Vem Cá, Minha Flor, fundado em 2015, também saiu na região central, com sua mistura de samba, axé e baião. No fim do cortejo, houve apresentação com um grupo de bate-bola, vestimenta que divide opiniões entre fantástica e aterrorizante.

De búfalos a santa escrava: o último dia de desfiles no Rio de Janeiro

Bruna Fantti e Yuri Eiras

RIO DE JANEIRO Nesta segunda-feira (20), seis escolas fecham os desfiles do Grupo Especial do Rio de Janeiro, na Sapucaí. Os enredos prometem levar diferentes temáticas sobre o Nordeste, o centenário da Portela e a história de Rosa Maria Egipcíaca, escravizada no Brasil e primeira mulher negra a escrever um livro no país. Haverá também apelos políticos nos desfiles da Beija-Flor de Nilópolis e da Imperatriz Leopoldinense.

Os desfiles tiveram início com a Paraíso do Tuiuti, penúltima colocada em 2022, com o enredo "Mogangueiro da Cara Preta", que conta a origem dos búfalos da Ilha de Marajó. Rosa Magalhães, campeã do Grupo Especial por sete vezes, assina o desfile com João Vitor Araújo.

O carro abre-alas do Tuiuti representa a religião hinduísta, em que deuses possuem formas de animais.

A segunda escola a desfilar foi a Portela. A escola festeja o seu centenário com um enredo autobiográfico. A maior expectativa da azul e branco é a tradicional águia, marca registrada em seus desfiles, seja na comissão de frente ou no carro abre-alas. A escola detém o maior número de títulos da elite do Carnaval fluminense, com 22 troféus.

Para contar a história, a escola chamou para desfilar ex-rainhas de bateria, como Sheron Menezes, Adriane Galisteu e Luísa Brunet. A atual é Bianca Monteiro, que está no posto desde 2017.

Festas religiosas serão levadas para a avenida com a Unidos de Vila Isabel, do carnavalesco Paulo Barros com o enredo "Nessa Festa eu Levo Fé". Terceira escola a desfilar terá Sabrina Sato como rainha de bateria.

Cordéis sobre Lampião dão a temática do desfile da Imperatriz Leopoldinense, escola que é conhecida pela qualidade técnica de suas festas. O enredo "O Aperreio do Cabra que o Excomungado Tratou com Má-querença e o Santíssimo não deu Guarida" tem como carnavalesco Leandro Vieira que promete ter um apelo político.

Uma provocação sobre a data da independência do Brasil ficou por conta da Beija-Flor de Nilópolis, quinta escola a desfilar, e que busca o 15º campeonato. O enredo "Brava Gente! O Grito dos Excluídos no Bicentenário da Independência" é assinado por Alexandre Louzada e André Rodrigues, e traz outra perspectiva da Independência.

O ano de 2023 marca o bicentenário da Independência na Bahia, data comemorada em 2 de julho. Há 200 anos, o movimento terminou com a inserção da então província na unidade brasileira, consolidando a Independência do Brasil. Lorena Raíssa, de apenas 15 anos, estreia como rainha de bateria da escola.

Já a Unidos da Viradouro fecharia o Carnaval das escolas de samba com enredo sobre Rosa Maria Egipcíaca. Escravizada no Brasil e considerada santa, ela foi a primeira mulher negra a escrever um livro no Brasil.

Considerada bruxa pela igreja católica, mas aclamada pelo povo como santa, ela teria sua história e obra contadas na avenida pelo carnavalesco Tarcísio Zanon.

Carro da Acadêmicos do Tuiuti abre o desfile do Rio de Janeiro nesta segunda, na Sapucaí Carl de Souza/AFP

Tiroteio em bloco no Rio mata mulher e criança, e deixa 19 feridos

Aléxia Sousa

RIO DE JANEIRO Um tiroteio durante o cortejo de um bloco de Carnaval de Magé, na Baixada Fluminense, deixou duas pessoas mortas e 19 feridas, na noite deste domingo (19). As vítimas foram identificadas como Gabriela Carvalho de Alvarenga, 35, e Maria Eduarda Carvalho Martins, 9.

De acordo com a prefeitura, os tiros ocorreram após uma briga envolvendo um policial durante a dispersão do Bloco das Piranhas, na praia de Mauá, às 23h.

A Polícia Militar informou que agentes do 34º BPM foram chamados para verificar uma confusão envolvendo baleados em um bloco de rua. O Corpo de Bombeiros também foi acionado.

Um dos envolvidos seria um criminoso que atua na região e teria iniciado o confronto. Segundo a polícia, o suspeito foi preso em flagrante e está internado sob custódia no hospital Adão Pereira Nunes (Saracuruna), no município vizinho de Duque de Caxias. Ele foi baleado no tórax.

Já o policial civil Rodolfo Paulo de Brito Santos, que teria reagido aos disparos do suspeito, foi atingido com um tiro no abdômen, e segue internado em estado grave.

Ao todo, 19 pessoas ficaram feridas, incluindo duas gestantes. Todas foram levadas para serem atendidas no Hospital de Saracuruna e no Hospital Doutor Moacyr do Carmo, também em Caxias.

O município informou que 16 vítimas deram entrada com perfuração por arma de fogo no Saracuruna. Entre elas, estão um menino de 6 anos e outro de 11 anos, ambos baleados no pé.

Um homem de 27 anos baleado na cabeça, perna e tórax passou por cirurgia e está intubado em estado grave.

Uma gestante atingida na perna esquerda e no pé direito recebeu alta após ser atendida, informou o hospital.

A prefeitura de Magé afirmou que está dando suporte às vítimas e familiares.

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Fotos Marlene Bergamo/Folhapress

EM SALVADOR
O apresentador e colunista da Folha Zeca Camargo posou com a Deusa do Ébano do bloco afro Ilê Aiyê, Dalila Oliveira. "Agora, quando alguém me perguntar como é estar do lado de uma deusa, eu já tenho resposta", brincou Arquivo pesoal

Cachê de Gisele choca funcionária que ganha R$ 200 pela noite

O relógio marcava 22h20 quando um integrante da equipe do Camarote N1, na Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro, tirou o fone do ouvido e deu o aviso que todos esperavam: "Ela chegou".

*

"Ela" era Gisele Bündchen, que voltaria à Sapucaí depois de 12 anos para uma ação de marketing da Brahma, no espaço da empresa no sambódromo, no domingo (19).

*

Pelo que estava previsto no contrato, a top model subiria a rampa de acesso e pararia por dez minutos numa área para posar para fotos.

*

Quando o carro preto chegou, foi aquele "auê" que só quem já viu Gisele chegar a algum lugar entende. "Não passa ninguém. Ninguém!", avisou ao segurança Juliana Ferraz, sócia de José Victor Oliva na empresa que é dona do Camarote N1.

*

Era essa a cena: um empurra-empurra generalizado e guarda-costas abrindo espaço com uma certa truculência. "Sai! sai!", diziam. A modelo pede calma —"gente, vamos tranquilos"—, tentando ser simpática, com a irmã gêmea, Patrícia, logo atrás, tomando conta de tudo.

*

Abordada por uma faxineira que está, por acaso, no meio do caminho, a modelo estende a mão para cima num "toca aqui!".

*

No percurso, Gisele, acompanhada pela equipe da **Folha**, cumprimenta a repórter. Do nada, ela manda um "oi, tudo bem? Como você está?".

*

A repórter aproveita o embalo e pede para acompanhá-la. "Mas eu nem sei para onde estou indo", diz, sem parar de andar. "O janelão, Gisele. Deixa eu ir contigo". E ela: "Tá bom! Ela está comigo".

*

O segurança passa a repórter para a frente da modelo, que é abordada pela irmã. Ela leva uma bronca. "Você está maluca? É jornalista!". Gisele não fala mais nada e entra no ambiente do janelão, onde sua irmã gêmea se posta à porta e aponta para quem tem passe livre. "Você, não. É só a família", diz ela para a jornalista da **Folha**. Na carreira de Gisele, quem manda mesmo é Patricia.

*

O cachê milionário que a modelo deve receber por marcar presença no Camarote N1 chocou funcionários que trabalham no evento.

*

"Ela está ganhando US$ 2 milhões? Caramba, eu estou ganhando R$ 200 para trabalhar a noite toda", afirmou à coluna, aos risos, uma mulher que atua como segurança no local e ouviu comentários de jornalistas e convidados sobre o quanto a modelo teria embolsado.

*

A funcionária, aliás, parecia mais empolgada com a presença de outro artista. "Olha ali, é o Naldo Benny e a Mulher Moranguinho", disse.

*

O cantor, que ficou conhecido no país pelo hit "Amor de Chocolate", chegou ao espaço pouco antes de Gisele. E aproveitou para também fazer fotos da chegada apoteótica da modelo. "Ela é o maior astral", disse o artista.

*

No meio do tumulto, enquanto todos os olhos se voltavam para a modelo, um grupo reconheceu o cantor e pediu uma foto. Simpático, ele fez questão de tirar. Na sequência, todos foram empurrados pelo furacão Gisele.

EU FALEI "FARAÓ"

Ministra da Cultura do governo Lula, Margareth Menezes cruzou apressada o corredor lateral da Marquês de Sapucaí, no Rio, e foi direto para a concentração da Mangueira. A cantora bem que tentou passar como anônima pelos foliões, mas não deu. "É a ministra", gritava um. "Ei, faraó", cantarolava outro, em referência à célebre canção da artista. Margareth sorria.

Apesar da correria, a ministra da Cultura falou rapidamente sobre a folia. "O Carnaval é a cara da cultura do Brasil. [Ele reúne] todas as manifestações culturais. Coisa linda."

A top Gisele Bündchen 1 foi a principal atração do Camarote N1, na Sapucaí, no Rio, na noite de domingo (19). A apresentadora Sabrina Sato 3 passou por lá. O Camarote da Arara recebeu o presidente da Embratur, Marcelo Freixo 2, o ator Sidney Kuanza 5 e a cantora Luana Carvalho 6. A ministra Margareth Menezes 4 desfilou pela Mangueira

VOU FESTEJAR

Filha de Beth Carvalho, a cantora Luana Carvalho diz ter se emocionado ao desfilar pela Grande Rio, que homenageou o sambista Zeca Pagodinho, na Marquês de Sapucaí. Um dos carros da escola reverenciou sua mãe pela importância que a cantora teve na vida e na carreira do sambista.

À coluna, ela conta que a Madrinha do Samba deve ser homenageada em um longa-metragem, previsto para 2026, quando faria 80 anos. Questionada sobre quem poderia interpretar Beth, Luana não titubeia: "A Leandra [Leal]".

com Ana Cora Lima, Bianka Vieira, Cleo Guimarães, Júlio Boll, Karina Matias e Maria Paula Giacomelli

Slater vê 'chama apagando' e, aos 51, aproxima-se do adeus

Lenda do surfe enfim mostra vontade de parar após 11 títulos mundiais

Kelly Slater durante a etapa do Taiti da temporada de 2022 Jerome Brouillet/AFP

Marcos Guedes

SÃO PAULO Vencedor da primeira etapa da temporada 2022 do Mundial de surfe, nas lendárias ondas de Pipeline, em Oahu, no Havaí, Kelly Slater afirmou, menos de uma semana antes de seu aniversário de 50 anos: "Talvez eu possa ser campeão do mundo".

Mais tarde, já no segundo semestre, diante das dificuldades enfrentadas em uma disputa exaustiva, admitiu: "Não sei que parte do meu cérebro acha que eu deveria ter parado em Pipe".

Teria mesmo sido um fim apoteótico para a carreira do maior nome da história da modalidade.

"A melhor vitória da minha vida", afirmou, emocionado, aquele que acumula triunfos em 56 etapas do circuito de elite e 11 títulos mundiais.

A glória de Slater no Havaí é o tema do episódio de abertura da segunda temporada da série "Make or Break", disponível na Apple TV+ desde a última sexta-feira (17). A vitória sobre o havaiano Barron Mamiya, no estouro do cronômetro, e a batalha decisiva contra o também havaiano Seth Moniz —que nasceu em 1997, quando Slater já estava em sua oitava temporada na elite— são pintadas com tintas épicas.

"Dediquei minha vida a isso. Odiei boa parte", afirma Slater, durante a campanha em Pipe, explicando que a "obsessão" foi o que o levou tão longe no esporte. "Sinto essa luz se apagando, sabe?", afirma, exausto na celebração: "Estou cansado para c...!".

O norte-americano da Flórida não conseguiu na sequência manter o nível exibido na primeira perna do circuito. Terminou a competição na 15ª posição, sem alcançar um lugar entre os cinco finalistas que decidiram o título nas ondas de Lower Trestles, em San Clemente, nos Estados Unidos.

O certame de 2023 começou novamente em Pipeline, novamente com a aposentadoria do craque no horizonte. Desta vez, ele não repetiu a glória obtida oito vezes na mesma praia. Parou na fase anterior às oitavas de final, com 1,23 e 1,20 como suas notas de pontuação, derrubado pelo brasileiro Yago Dora.

"Estou empacado, não consegui achar um ritmo", reconheceu, entre as baterias que disputou.

Enquanto competia, Kelly Slater recebeu a notícia da (segunda) despedida do grande nome de outra modalidade. Tom Brady, 45, o maior nome do futebol americano, um ano depois de ter anunciado o adeus e recuado, resolveu pendurar de vez as chuteiras e o capacete.

"Para as pessoas que fizeram por muito tempo algo que amam, a coisa vai além do dinheiro que elas ganham, vai além. Vira amizades, estilo de vida, família e tudo mais. Não é uma decisão fácil, ainda mais quando a habilidade ainda está lá. Não acho que haveria um jogador na liga hoje que falaria que o Brady não poderia ganhar um Super Bowl hoje", afirmou.

> "Para as pessoas que fizeram por muito tempo algo que amam, a coisa vai além do dinheiro que elas ganham, vai além. Vira amizades, estilo de vida, família e tudo mais
>
> **Kelly Slater**
> undecacampeão mundial de surfe

"Então é difícil ver essa possibilidade e não querer ir em frente. Posso me identificar com isso depois de todo esse tempo. Eu amo surfar. Mas sinto a vela meio que se apagando para mim, já faz algum tempo. Acho que vou surfar até quando estiver tudo feito, eu realmente não me importar mais e quiser ser outra pessoa", acrescentou ele.

Na segunda etapa do ano, em Sunset Beach, também na havaiana Oahu, o undecacampeão teve forças para conseguir ir até as oitavas de final. Ele tem afirmado que ainda pretende fazer uma temporada completa antes de parar, o que parece estar cada vez mais próximo.

Como tem falado, repetidamente, "a chama está se apagando".

Rayssa Leal e Filipe Toledo são indicados ao Prêmio Laureus

SÃO PAULO Os brasileiros Filipe Toledo, campeão mundial de surfe, e Rayssa Leal, medalhista de ouro nos X-Games e campeã da Liga Mundial de Skate de Rua, estão entre os indicados de 2023 ao Prêmio Laureus, conhecido como "o Oscar do esporte". A premiação leva em conta os feitos dos atletas no ano passado.

Filipe e Rayssa disputam o troféu de Melhor Atleta de Ação. Como não há distinção entre os gêneros nesta categoria, os dois brasileiros concorrem entre si.

Na lista final, com ao todo 47 indicados, os dois brasileiros aparecem junto a outras grandes estrelas do esporte mundial, como os jogadores de futebol Lionel Messi e Kylian Mbappé, do PSG, o tenista espanhol Rafael Nadal, a tenista polonesa Iga Swiatek, o jogador de basquete americano Stephen Curry, a nadadora americana Katie Ledecky, a velocista jamaicana Shelly-Ann Fraser-Pryce e o piloto holandês Max Verstappen.

"Fiquei muito feliz pela nomeação, é uma grande honra. Vencer a Liga Mundial de Surfe de 2022 foi uma grande conquista para mim e para o Brasil, e a indicação para o Prêmio Laureus ajuda a enfatizar o incrível talento e triunfo da geração do surfe brasileiro", declarou o paulista, indicado pela primeira vez à premiação.

O surfista de 27 anos conquistou o campeonato mundial pela primeira vez, vencendo o também brasileiro Ítalo Ferreira na disputa, depois de ter ficado com o segundo lugar na edição anterior.

Rayssa Leal, por sua vez, se manteve entre os destaques do skate após a histórica medalha de prata olímpica nos Jogos de Tóquio. Aos 14 anos, ela ganhou seu primeiro ouro nos X-Games, um dos principais palcos da modalidade, e conquistou o título do Super Crown da SLS (Liga Mundial de Skate de Rua).

Rayssa Leal com o troféu da Liga Mundial de Skate Street de 2022 Wang Tiancong/Xinhua

A skatista maranhense já havia sido finalista do Laureus em 2020.

"Muito feliz por ser indicada mais uma vez. É fantástico. Me sinto honrada por estar ao lado de atletas que me inspiram. Gostaria de agradecer por me darem a oportunidade de destacar o skate no Brasil. Espero que minha indicação para um prêmio tão importante inspire e encoraje mais meninas e mulheres a praticar esportes", afirmou.

A lista do Laureus tem seis indicados para cada uma das sete categorias, incluindo algumas coletivas. A escolha dos premiados é feita por um júri composto por 71 lendas dos esportes em todos os tempos. A data da entrega dos prêmios ainda não foi anunciada.

Apenas sete nomeados nesta edição já venceram alguma categoria em edições anteriores. São eles o tenista espanhol Rafael Nadal (vencedor de quatro edições), o jogador de golf norte-americano Tiger Woods (que venceu três), a snowboarder norte-americana Chloe Kim (vencedora duas vezes), a surfista australiana Stephanie Gilmore, o piloto holandês Max Verstappen, o jogador de futebol argentino Lionel Messi e o time de futebol espanhol Real Madrid, com uma conquista cada um.

A rotina de 'blessures' de Neymar

'Contusão, discussão e polêmica' é o combo maldito do atacante

Sandro Macedo

Medalha de ouro no futsal (improvisado no gol) e no vôlei no ensino fundamental em 1986; na **Folha** desde 2001

Em um ano, discussão, polêmica e contusão. No outro, polêmica, discussão e contusão. Passa mais um e de novo, contusão, discussão e polêmica. Ou, como diriam os franceses, "blessure, dispute et polémique". Entra ano, sai ano, essa é a doce e triste rotina do pobre menino rico Neymar. Um combo maldito. Nem o camisa 10 aguenta mais tanta contusão. Parece um eterno "Feitiço do Tempo".

Na mais recente manifestação do combo, Neymar teve uma entorse no tornozelo direito em jogo contra o Lille, pelo Campeonato Francês —Campeonato Francês, no estágio atual, é o que chamamos por aqui de Estadual, obrigação pela qual o Qatar Saint-Germain tem que passar para jogar a única coisa que realmente importa para a turminha de lá, a Liga dos Campeões.

Aparentemente, a entorse não foi das mais graves, considerando outras contusões do atacante. Mas grave o suficiente para pôr um asterisco em sua participação no jogo de volta das oitavas de final da Champions, diante do poderoso Bayern de Munique. Na ida, os alemães venceram por 1 a 0, em Paris. A missão do PSG na terra da cerveja é bem complicada —o Bayern é o único time 100% na competição.

Mas antes da "blessure" teve a discussão com o diretor de futebol Luís Campos, que invadiu o vestiário num jogo para cobrar empenho e ouviu poucas e boas de Ney e Marquinhos —nessa discussão, este escriba está do lado dos jogadores; vestiário é sagrado, principalmente no intervalo de jogo.

E teve também a "polémique". Neymar postou imagens jogando pôquer com amigos e indo a um evento em uma lanchonete fast food ligada à mesma marca que promove o jogo de cartas. Mbappé, emputecido, cobrou os colegas genericamente sobre alimentação e descanso. E jura que não teve nada a ver com Neymar. Ahan.

Neymar fez tudo isso em sua folga. E muitos de seus pôquer-compromissos são na verdade trabalho. O moço está ganhando. É embaixador da marca —cada um no seu cada um. Portanto Neymar não estaria exatamente errado. Mas, como diz o filósofo, "não basta ser... precisa se comportar como tal". E não é o primeiro ano em que o brasileiro pode se ausentar do PSG na reta final da Champions. Aliás, é quase rotina.

Esse combo provoca mais irritação na torcida que nos colegas. E uma nova eliminação para o Bayern na Champions pode acarretar o fim da história de Neymar na Cidade Luz —mesmo que conquiste mais um Francesão.

Desde 2017 no PSG, Neymar só está ainda por lá por que entre uma lesão e outra entrega momentos de puro deleite. Faz partidas ou tem momentos em jogos que reúnem as qualidades de Messi e Cris Ronaldo. Isso nem o touro Mbappé consegue. Mas aí, quando parece que vai decolar... "blessure" de novo... "Merde".

A temporada do futebol europeu, que começou no segundo semestre de 2022, parecia sob medida para Neymar. O ano em que chegou bem para disputar a Copa e parecia se distanciar do combo maldito. Infelizmente, sofreu uma "blessure" no Qatar e, no jogo em que fazia a diferença, o Brasil foi eliminado. O craque apagado que brilhou na Copa e levou sua seleção ao título foi o outro do PSG, o tal Messi.

Agora surgem os boatos de transações para a próxima temporada. Segundo um site, Neymar teria sido oferecido aos cinco clubes mais ricos da liga mais rica, a Premier League: Chelsea, dois Manchesters, Liverpool e Newcastle das Arábias (não, o líder Arsenal não é um dos cinco mais ricos). O Chelsea já admitiu conversas.

É possível, assim, que o moço Neymar esteja perto de abandonar as "blessures". Esperamos que seja para um futuro sem "injuries".

Vem sentando gostosinho

'Zona de Perigo', de Léo Santana, encabeça o cardápio de hits deste Carnaval ao lado de Anitta e Oh Polêmico, se unindo a marchinhas e clássicos do samba preferidos há anos

O cantor Léo Santana, autor do hit 'Zona de Sucesso' Bruno Ricci/Divulgação

Lucas Brêda

SÃO PAULO Neste ano, não há uma receita certa para construir o hit do Carnaval. "Quanto mais as pessoas tentam encontrar uma fórmula, mais ela é quebrada, pelo menos desde que MC Loma e as Gêmeas Lacração, lá em 2018, em uma semana tiveram a música do Carnaval", diz Junior Vidal, coordenador de marketing e artístico da plataforma de streaming Sua Música, voltada ao público do Norte e do Nordeste.

Isso não significa que os artistas não produzam músicas para estourar no verão e tocar o máximo possível no Carnaval. A festa de rua, seja nos shows em clubes, trios elétricos, blocos ou nas caixas de som, continua sendo um momento de pico de audição coletiva de música no Brasil.

Acontece que, cada vez mais, eles têm menos o controle do que faz ou não sucesso, e quando. Vidal conta que o Sua Música recebe uma leva grande de álbuns promocionais de artistas como Léo Santana —diferentes dos que ele publicam nas plataformas mainstream— por volta de novembro.

São os "discos de verão", com regravações próprias ou alheias e faixas inéditas, contendo as apostas e uma amostra do repertório dos shows de determinado cantor nessa época do ano. É um movimento parecido com o que acontece em abril e maio, só que mirando as festas juninas.

> **Quanto mais buscam uma fórmula, mais ela é quebrada**
>
> **Junior Vidal**
> coordenador de marketing

"A música deste Carnaval já foi definida", ele diz, se referindo a "Zona de Perigo", de Santana. "E foi pela criação de conteúdo, em aplicativos de vídeos curtos. Foi semana passada, mas poderia ter sido hoje ou meses atrás."

"Zona de Perigo", que bombou um mês depois de lançada, é o melhor exemplo disso.

Continua na pág. B9

Continuação da pág. B8
Lançada em dezembro, não era a música de trabalho de Santana, como ele mesmo disse a este jornal. Sua aposta era "Não se Vá", uma parceria com Pedro Sampaio, que recebeu os investimentos da gravadora.

"Compor é 'feeling'", afirma Rafa Chagas, um dos cinco autores da faixa, ao lado ainda de Adriel Max, Fella Brown, Pierrot Junior e Yvees Santana. "É um sotaque afro-brasileiro. Trazemos a 'bregadeira' e o 'pagodão' baiano, que usa bacurinhas e surdos. Um pouco de R&B também."

É possível ouvir toques de bachata, o ritmo caribenho muito presente no sertanejo contemporâneo, além dos arranjos de sax —estes, ideia de Santana. "Foi a parte mais chique da música", diz Chagas. "Ele teve essa ideia e pediu para [o produtor] Rafinha RSQ botar."

Além das questões musicais, a dancinha para o TikTok, criada por Edilene Alves —bailarina e coreógrafa de Santana há mais de 15 anos— foi fundamental.

Mais acessível que as coreografias que inundam a rede social, a dança de "Zona de Perigo" levou a música a fazer sucesso depois de um vídeo do próprio Santana fazendo os passos.

Outra música lançada no fim do ano, "Ai Papai", de Anitta, chega com força ao Carnaval, mesmo após ser recebida sem tanto alarde.

É uma mistura de batida de piseiro com abordagem pop, mesclando os universos da cantora e de MC Danny, sua parceria na faixa.

"A gente perguntou se a Anitta queria um pop ou um 'funkão', e ela falou que queria algo que fosse Brasil, e com a Danny", diz Wallace Vianna, do duo Hitmaker, que produziu a música. Breder, outra metade da dupla, diz que eles partiram do timbre de voz de Danny para criar a música.

Segundo eles, há uns cinco anos, não há mais um único hit do Carnaval. "Era o rádio ou a televisão que falavam o que você ia escutar", diz Breder. Vianna afirma que, desde 2017, que teve hits como "Deu Onda", do MC G15, e "Todo Dia", de Pabllo Vittar com Rico Dalasam, esse pódio ficou pulverizado.

"Com as plataformas digitais na mão, o povo escolhe o que quer ouvir", ele diz. "E, como o Brasil é um país muito misturado e rico, você vê que cada lugarzinho acaba tendo algo estourado [nas paradas]."

De fato, um levantamento do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição, o Ecad, que contabiliza as músicas mais tocadas em clubes, casas de diversão, bailes de Carnaval, shows e trios elétricos em todo o Brasil nos anos de 2018, 2019 e 2020, corrobora a ideia da dupla e de Junior Vidal.

Marchinhas clássicas como "Mamãe Eu Quero" e "Ta-Hi" aparecem no topo das listas, dominadas por clássicos do axé, como "Eva", "Arerê", "Baianidade Nagô", "Prefixo de Verão" e "Milla", músicas de exaltação à brasilidade, como "País Tropical", sambas de enredo clássicos, caso de "Peguei um Ita no Norte", além da dançante "Tesouro de Pirata", do Tchakabum, e o samba "Vou Festejar", de Jorge Aragão, entre outros hits.

Elas dividem espaço com hits do momento, como "Vai Malandra", de Anitta, e "K.O.", de Pabllo Vittar, em 2018; "Jenifer", de Gabriel Diniz, e os funks "Da Gaiola", de Kevin o Chris, em 2019; "Contatinho", de Léo Santana com Anitta e "Tudo OK", de Thiaguinho MT com Mila e produção de JS o Mão de Ouro. Há hits de funk, pop, forró, arrocha, pagode baiano e bregafunk, separados ou misturados.

O cardápio carnavalesco do brasileiro contemporâneo é uma mescla de clássicos da festa de rua com hits do momento. Dos ritmos populares no país, o que aparece com menos frequência é o sertanejo, que ainda é bastante escutado no verão, e recentemente vem se infiltrando no universo dançante.

É um movimento que começou há mais de dez anos, quando Gusttavo Lima e outros nomes passaram a abraçar o arrocha e outros ritmos mais suingados no Nordeste em suas músicas. Agora, quem lidera essa frente é o agronejo, que une temas rurais com batidas de funk e música eletrônica.

Ana Castela, a jovem estrela do gênero, por exemplo, chega ao Carnaval deste ano com dois hits na pista —"Bombonzinho", com Israel e Rodolffo, e "Roça em Mim", com Zé Felipe e Luan Pereira. São músicas que podem não rodar todos os circuitos, mas certamente terão tração no Carnaval.

Há também os hits com força regional, que têm capacidade para tocar no resto do país. O funk paulista, no estilo "mandelão", tem os hits "Puta Mexicana", do DJ Jeeh FDC com os MCs Menor MT, Pelé e Yuri Redcopa, e "Bota na Pipokinha", com a sonoridade dos bailes de São Paulo na produção do artista Felipinho 013.

Em diversas partes do Nordeste, quem toca é Nattan, com o piseiro romântico "Love Gostosinho". Já no Norte, em especial no Pará, o hit do momento é uma seresta sobre uma garota de programa, "Vendedora de Amor", de Evoney Fernandes. Em Salvador, Thiago Aquino está em todas as caixinhas de som com "Erro que Dá Certo".

E há diversas músicas empilhando números no streaming, mas correndo por fora. "Novinha do OnlyFans", hit de Kadu Martins, vem perdendo força, mas continua muito tocada. "Proibidona", pop de Gloria Groove com Anitta e Valesca Popozuda, pode despontar, assim como as novas de Pabllo Vittar, "Cadeado" e "Balinha de Coração", esta com Anitta.

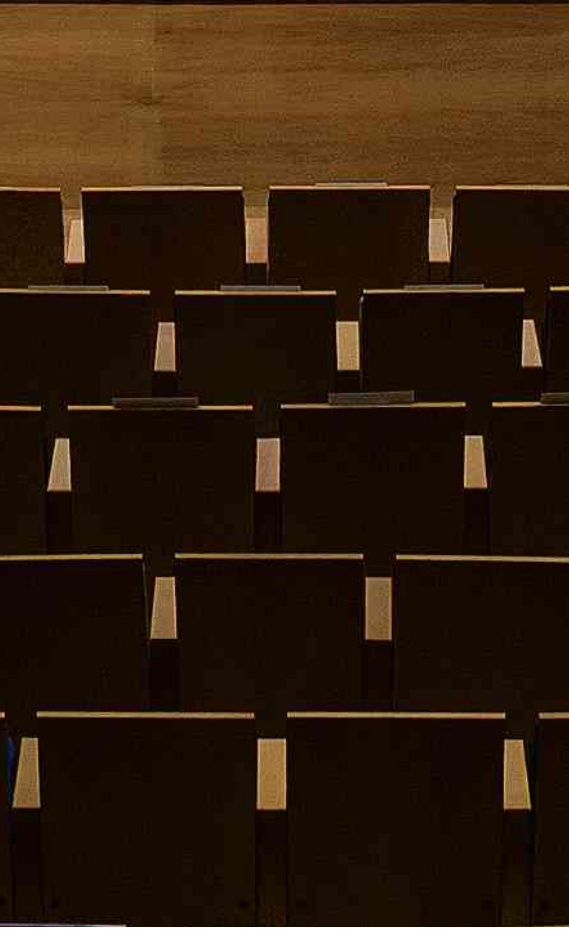
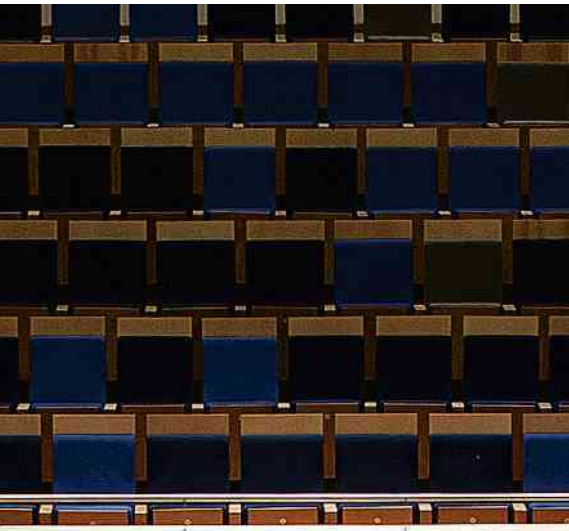
Uma versão em português de "Say It Right", hit do pop internacional de Nelly Furtado, também aparece entre as mais ouvidas dos últimos dias. É "Lovezinho", com Treyce, Kevinho e Taina Costa. Isso sem contar na aposta de Ivete Sangalo, única entre os grandes cantores do axé que conseguem emplacar novos hits, "Cria da Ivete".

Mas é o "pagodão" baiano que surge com mais vigor. O ritmo, marcado pelas bacurinhas —instrumento criado por Carlinhos Brown—, e que hoje também flerta com a produção eletrônica para os paredões, existe desde o fim da década de 1990.

Na última década, despontou no Carnaval e fora dele com o Psirico, de Márcio Victor e o Parangolé, a antiga banda de Léo Santana.

Além de "Zona de Perigo", a faixa "Deixar Eu Botar Meu Boneco", de Oh Polêmico, vive um auge de popularidade no verão, dando sequência a outro sucesso dele, o "Samba do Polly". O Kannalha, outro em ascensão no gênero, depois de estourar com "Fraquinha", agora aposta na parceria com Pabllo Vittar em "Penetra". Outro hit é "Mete Seu Cachorro", de La Furia, que ganhou versão com a voz de Ludmilla.

"Houve um crescimento, muito graças aos aplicativos de vídeos curtos, do pagode baiano. Ele está, sim, num momento muito bom. Sinto que o pessoal começou a abraçar de novo", diz Vidal, do Sua Música. "Se não fosse 'Zona de Perigo', a música do verão seria do Polêmico —e ainda deve ser em alguns lugares."

Mônica Bergamo
A coluna é publicada na pág. B6

O maestro Fabio Mechetti, regente da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, que completa 15 anos nesta terça Divulgação

Filarmônica de Minas Gerais faz 15 anos em meio a turbulências

Com repasses que não cresceram ao longo do tempo, orquestra depende tanto do governo como de patrocínio

Leonardo Augusto

BELO HORIZONTE A Orquestra Filarmônica de Minas Gerais completa 15 anos de fundação, nesta terça-feira, em meio a relatos de forte turbulência financeira.

Os recursos repassados pelo estado, que já chegaram a R$ 22,5 milhões em 2014, ficaram em R$ 17,5 milhões em 2021, uma queda de 22,2%. O valor em 2022 foi o mesmo de 2021 e se repetirá em 2023, segundo o estado.

O primeiro concerto da orquestra foi realizado em 21 de fevereiro de 2008, ainda como sinfônica, criada pelo governo do estado.

O tamanho atual do orçamento emperra projetos e afeta a escolha das peças a serem executadas, segundo o maestro Fabio Mechetti, diretor artístico e regente titular da orquestra desde a sua fundação.

O maestro ressalta que os valores dos repasses não acompanharam a inflação e a evolução do dólar. A moeda americana era cotada a R$ 2,56 em dezembro de 2014. Hoje está em R$ 5,21.

A orquestra é administrada pelo Instituto Cultural Filarmônica, uma Oscip, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público. Sob esse regime, o financiamento ocorre com recursos públicos, no caso, do estado, e patrocínios que atrai junto à iniciativa privada, além de assinaturas para temporadas e bilheteria.

Um dos projetos do comando da filarmônica emperrados por falta de recursos é o da criação de uma orquestra jovem que, segundo o maestro, serviria como preparação de músicos que posteriormente poderiam ser incorporados à formação principal.

"Embora seja um projeto de sucesso, é muito vulnerável, porque depende de equação estabelecida desde o início, que é a folha de pagamento por conta do estado, e a programação artística e turnês por conta de financiamento e patrocinadores", afirma o maestro.

Ao longo do tempo, porém, isso mudou. "A equação foi sendo deturpada porque, devido ao sucesso de captação, houve um declínio na contribuição do governo, e isso fragiliza o projeto", afirma Mechetti.

Segundo dados do governo, a captação de recursos da filarmônica, via lei de incentivo, foi de R$ 14,5 milhões em 2021 e R$ 15,6 milhões em 2022, alta de 8%.

"A orquestra não existe por decreto. Existe desde que haja vontade de um lado, o governo, e do outro, os patrocinadores", afirma. Mechetti diz que, com o atual orçamento, é preciso analisar com cuidado o que será apresentado, por causa, por exemplo, do pagamento de direitos autorais.

Composições mais antigas, que já caíram em domínio público, não requerem pagamento. Em relação a músicas mais novas, porém, o valor deve ser pago ao Ecad, entidade responsável pela arrecadação e distribuição dos direitos autorais de músicas.

Em nota, o governo de Minas Gerais afirma que, por meio da Secretaria de Estado de Cultura, incentiva o desenvolvimento da orquestra, "que mantém com o estado um contrato de cooperação dedicado à difusão da música sinfônica e de concerto, fundamental para a promoção da cultura em Minas Gerais".

"Mesmo diante das dificuldades financeiras enfrentadas pelo estado, na atual gestão, houve aumento em cerca de R$ 2 milhões de repasse do governo para a orquestra, em relação ao governo passado. Atualmente, a Secult destina R$ 17,5 milhões por ano à filarmônica, o que representa 24% do orçamento total da secretaria."

A comparação do governo foi feita com base especificamente a um ano, 2018, o último do governo de Fernando Pimentel, do PT, antecessor do primeiro mandato do atual governador de Minas Gerais, Romeu Zema, do Novo. O repasse em 2018 foi de R$ 15,3 milhões.

O maestro Mechetti avalia que um dos principais pontos marcantes na trajetória da orquestra foi a construção da Sala Minas Gerais, a casa da filarmônica do estado. A mudança ocorreu em 2014.

Antes, segundo o maestro, o local de ensaios e apresentações da orquestra era o Palácio das Artes, que não tinha uma estrutura correta e completa para abrigar os músicos. Também havia conflito de agendas por causa de outros espetáculos.

"Não ensaiávamos no palco por estar à disposição de eventos. Era em uma sala pequena. É como se um time treinasse em um ginásio de futebol de salão e depois fosse jogar no Mineirão", compara o maestro.

A orquestra tem 89 músicos. Segundo o maestro, a Filarmônica de Minas Gerais, mesmo com a questão financeira, conquistou espaço no cenário nacional.

"Temos que reconhecer que a filarmônica se posicionou como uma das melhores do Brasil. Alguns dizem que é a melhor", comenta.

A orquestra já fez concertos em países como Argentina, Uruguai e Portugal. Em Minas Gerais, a filarmônica se apresenta em praças públicas em cidades do interior, em projeto que busca popularizar a música clássica, com idas a Paracatu, Araxá, Congonhas, Conselheiro Lafaiete e Mariana.

A programação da Filarmônica de Minas Gerais nas comemorações de seus 15 anos começa neste sábado, com participação do violinista Roman Simovic e obras de compositores como Richard Strauss e Villa-Lobos. A temporada segue até 15 de dezembro.

Desde a sua criação em 2008 a orquestra realizou 1.118 concertos entre apresentações na Sala Minas Gerais, turnês nacionais e internacionais. Foram lançados dez discos de seu repertório. A Filarmônica de Minas Gerais foi indicada uma vez para o Grammy Latino, em 2020, por obras para piano e orquestra na categoria melhor álbum clássico.

O ator Jesse Eisenberg em cena do filme 'Manodrome', do diretor John Trengove, exibido no Festival de Berlim no último final de semana Divulgação

Seita de machos e a Guerra da Ucrânia assombram Berlinale

'Manodrome', 'Superpower' e 'In Ukraine' são destaques da seleção do festival

Ivan Finotti

BERLIM O crepúsculo do macho, ideia que já embasou um livro de Fernando Gabeira lá em 1980, está mais em voga do que nunca. Juntos, o movimento MeToo e a onda de correção política vêm escanteando o papel tradicional do homem de forma jamais vista.

E o que os homens fazem com isso? Para os personagens do diretor John Trengove, eles formam uma seita misógina, autocentrada e de profundo orgulho macho. Um grupo que cheira a homens suados na academia e que não se relaciona mais com mulheres.

Eis o conceito do "machódromo", ou, em inglês, "Manodrome", filme com Jesse Eisenberg e Adrien Brody que teve sua estreia no Festival de Berlim na noite de sábado.

Eisenberg é Ralphie, um motorista de aplicativo, com um filho a ponto de nascer, que se afunda numa depressão causada pela vida monótona e pelas dificuldades financeiras.

Um de seus colegas da academia, notando o mau momento, o convida para conhecer um grupo que pode ajudar o rapaz. É o tal do "machódromo", liderado pelo Pai Dan, papel de Brody, e que ensina que boa parte do mal do mundo é causado pelas mulheres.

Pai Dan ensina o "filho" Ralphie a sair do "campo de atração gravitacional da 'vaginosfera'" e a celebrar o mundo macho sem fêmeas por perto.

Na Berlinale, Eisenberg falou da relação de seu personagem com a mulher grávida, Sal, vivida por Odessa Young. "Ele é tão infantilizado que precisa de uma figura materna. É claro que Sal significa isso para ele, mas isso não funciona num relacionamento."

"Manodrome" bebe numa fonte ainda não repisada, mas está longe de ser o filme definitivo ou mesmo marcante sobre o crepúsculo do macho.

Outro dos assuntos a assombrar o evento alemão é a Guerra da Ucrânia, representada por dois documentários que não poderiam ser mais diferentes entre si. "Superpower", dirigido por Sean Penn e Aaron Kaufman, era bastante esperado, não só pelo fato de ter uma estrela à frente e por trás das câmeras, mas também porque o ator e a equipe do documentário estavam na Ucrânia no dia da invasão russa, que completa um ano.

Além disso, Penn e o presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, acabaram por construir uma relação de amizade, pelo menos na visão do americano. Na verdade, Penn está tão encantado que, em conversa com jornalistas, fez uma comparação surpreendente.

"Encontrar meus filhos no nascimento. Encontrar um homem com o coração aberto como ele. Foi um modo muito especial de começar a conhecer alguém", afirmou.

O documentário, porém, parece desperdiçar essa proximidade ao não se aprofundar nos bastidores do poder num momento tão singular como esse em que a Ucrânia se encontra. Penn demonstra estar tão encantado com Zelenski que sua devoção beira a ingenuidade. Parte disso se deve ao fato de que o personagem de seu filme se transmutou na frente de seus olhos.

Quando Penn começou a trabalhar em "Superpower", em 2019, a Ucrânia ainda não tinha sido invadida novamente pela Rússia —houve a anexação da Crimeia em 2014.

O personagem Zelenski era ainda um bufão, um ator cômico que havia feito uma série de TV na qual se tornava presidente da Ucrânia e que, na vida real, também havia virado presidente do país.

Entrevistas feitas antes da invasão mostram muitos ucranianos duvidando da habilidade de Zelenski em melhorar o país. Mas quando a Ucrânia é invadida e ele não foge, vai se transformando num herói.

Apesar de o formato se distanciar do que poderia ser descrito como uma obra artística, talvez tenha sido esse o objetivo final, já que tanto Penn quanto Kaufman afirmaram em Berlim que seu filme tinha a intenção de explicar aos americanos por que tudo aquilo estava acontecendo.

No entanto, "Superpower" decepciona também pela forma como trata o diretor-ator. Penn aparece entrevistando, ouvindo, andando, falando, se lamentando, reverenciando, discutindo, contando piadas, sugerindo, saindo do país, voltando para o país etc.

Não há dúvida. A estrela de "Superpower" não é Zelenski, como Penn acredita, mas sim ele mesmo. Orgulhosos de ter desbravado um país desconhecido, Penn e sua equipe parecem não ter se dado conta de que o fato de um americano estar andando por ruas cheias de crateras de explosivos não interessa a muitos.

Daí temos o documentário "In Ukraine", dos poloneses Piotr Pawlus e Tomasz Wolski. A Polônia, como se sabe, é vizinha da Ucrânia e abriu suas fronteiras a refugiados.

É um filme contido e, como o título de alguma forma sugere, apresenta um olhar sobre o país em questão. É o olhar desses dois cineastas, visitando um país em conflito, sem entrevistas, sem diálogos, sem explicações.

A obra se resume a observar. A câmera, sempre parada, fica longos segundos mirando um carro destruído. Depois, captando o movimento de uma estrada. Às vezes, há marcas da guerra. Às vezes, não. A câmera nunca intervém. Está apenas ali, captando a vida em movimento, tão indiferente que poderia ser de um país em guerra ou não. É um filme para quem se interessa pela humanidade.

Para alguns, assistir a cinco minutos desse documentário é uma tortura. Para outras, é um belo e delicado vislumbre de como outros vivem a vida, neste exato momento, do outro lado do nosso planeta.

A atriz Malu Galli em cena do filme 'Propriedade', suspense brasileiro dirigido por Daniel Bandeira e exibido no Festival de Berlim Divulgação

Brasil apresenta thriller sangrento e reflexão sobre Guarulhos

BERLIM Dois novos longas brasileiros estão sendo exibidos em Berlim. São o paulista "O Estranho", dirigido pela dupla Flora Dias e Juruna Mallon, e o pernambucano "Propriedade", de Daniel Bandeira.

São duas propostas radicalmente diferentes. "Propriedade" é um suspense que se apresenta no evento alemão como um thriller sobre as disparidades entre classes sociais no Brasil. Trabalhadores se revoltam na propriedade da família Teresa, que foge para um carro blindado e se recusa a negociar ao ver o movimento insurgente.

Em suas cenas, parece haver várias citações a filmes do gênero. O díptico "Funny Games" —tanto a versão alemã de 1997 quanto a outra, de 2007, para Hollywood—, de Michael Haneke, é evocado nos créditos iniciais, quando o casal sai da metrópole para o campo em um carro que vai sendo filmado por cima.

"O Iluminado", de 1980, do grande Stanley Kubrick, tem lembrada a cena da perseguição final no jardim do labirinto, aqui espertamente substituído pelos currais que levam o gado para o abate

E há, claro, um bom toque de "O Silêncio do Lago", curiosamente outro díptico —versão europeia de 1988 e americana de 1993—, desta vez do francês George Sluizer.

Só por isso já dá para entender por onde "Propriedade" transita, mas o filme é essencialmente brasileiro, situado no interior de Pernambuco. Daí saem bons achados, como a cena do carro de boi, que se comentada estragaria a apreciação da trama.

Bandeira claramente se diverte na direção, mas há certo exagero "gore" em algumas cenas e o grupo de trabalhadores que se rebelam parece um tanto sem noção. O filme, enfim, se sustenta. Malu Galli, Zuleika Ferreira, Tavinho Teixeira, Samuel Santos e Edilson Silva encabeçam o elenco.

Já "O Estranho" é de outra lavra. Com um fiapo de história, retrata a vida de alguns trabalhadores do aeroporto de Guarulhos. Mas não a parte glamorosa das viagens internacionais e dos lounges VIPs, e sim a do povo que coloca malas nas esteiras da devolução de bagagem.

Isso, no entanto, é apenas um véu sobre o que o filme verdadeiramente investiga, que é o fato de o aeroporto ter sido construído em cima de uma terra indígena e, ao chegar a Guarulhos —a inauguração foi em 1985, conforme lembrado em um diálogo—, casas e ruas foram destruídas para dar lugar à sua construção.

Daí decorre o nome do filme. O estranho do título é o próprio aeroporto. No início, vemos um rápido e curioso jogo temporal em que a região de Guarulhos, na Grande São Paulo, cujo nome vem da língua tupi, é mostrada nos anos 1590, 1932, 1893, 1677 e 1492.

Delicadamente, o filme utiliza cenas estilizadas e às vezes seus personagens atuam de forma estranha, sem que se gaste tempo explicando os seus porquês. Do elenco participam Larissa Siqueira, Antonia Franco, Rômulo Braga, Patrícia Saravy e Thiago Calixto. **IF**

Poliamor

Vi que precisava não de uma máquina, mas de algo real e vegano

Manuela Cantuária
Roteirista e escritora, faz parte da equipe do canal Porta dos Fundos

Paciente: Desculpa o atraso, um carro pegou fogo no túnel. Podemos começar?

Terapeuta: Mas... Você agendou uma sessão de terapia de casal. Não é melhor esperar seu companheiro chegar?

Paciente: Ah, mas ele veio, sim.

A paciente tira da bolsa um vibrador e o posiciona na poltrona ao lado dela.

Paciente: Este é o Alex Pretty Love.

Terapeuta: Você deu um nome para o seu vibrador?

Paciente: Esse é o nome do modelo, você acha que eu sou louca? Ele tem sete vibrações, aquecimento e corpo texturizado. A gente se conheceu numa loja em São Paulo.

A terapeuta sem reação.

Paciente: Nossa relação sempre foi só baseada no sexo, e por mim tudo ótimo, mas acho que ele começou a se sentir usado, sabe? Bom, a coisa começou a cair na rotina... E nessa eu fui me aproximando do Mike Turbo 7.

A paciente tira da bolsa um vibrador ainda mais imponente e o posiciona ao lado de Alex Pretty Love.

Paciente: Esse é o Mike Turbo 7, com estimulador de clitóris e controle remoto. Conheci ele pela internet. Achei que o Alex fosse ficar enciumado. Mas não é que ele levou numa boa? Foi aí que eu tive a ideia "genial" de fazer uma bagunicinha com os dois juntos. Depois disso, os dois nunca mais foram os mesmos. Senti eles com menos energia, sabe?

Terapeuta: Pode ser a bateria.

Paciente: Não era isso, os dois ainda estavam na garantia. Foi aí que eu percebi o que já estava rolando há muito tempo debaixo do meu nariz. Eles estão tendo um caso. Nunca viu "Toy Story"? Os dois sozinhos naquela gaveta escura... Mas quem sou eu para julgar? Até porque reencontrei um amor de infância e tive uma recaída. Eu trouxe ele também.

Paciente revira a bolsa, de onde tira um chuveirinho de higiene íntima.

Paciente: O Chuveirinho é rolo antigo, mas não vale nada. Já pegou todas as minhas amigas que foram lá em casa. Foi quando eu me dei conta de que eu precisava de uma experiência real, uma coisa de verdade mesmo, não de uma máquina.

Terapeuta: Sei, claro, era justo aonde eu queria chegar.

Paciente: Aí onde eu menos esperava, no supermercado, eu esbarrei com ele, parecia coisa de filme... E ele é vegano ainda por cima.

A paciente tira um pepino da bolsa.

Terapeuta: Me parece que a sessão acaba por aqui. Só fiquei com uma curiosidade. Em que loja você conheceu o Alex Pretty Love, mesmo?

Silvis

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | **QUA. Hmmfalemais** | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Drama policial traz atriz de 'The White Lotus' e estrelas italianas

Sete Mulheres e um Mistério
Netflix, 12 anos
Um homem é assassinado em sua própria casa, e todas as sete mulheres de sua família tinham uma razão para o matar. Livremente inspirado na peça "Oito Mulheres", que já rendeu um adaptação para o cinema assinada por François Ozon, este filme italiano tem no elenco estrelas como Margherita Buy, a cantora Ornella Vanoni e Sabrina Impacciatore, da série "The White Lotus".

Ran
Mubi, 16 anos
No Japão medieval, um senhor feudal abdica do trono em favor do filho mais velho, o que detona uma guerra entre o herdeiro e seus dois irmãos mais novos. Baseado em "Rei Lear", de Shakespeare, o épico de Akira Kurosawa concorreu a quatro troféus no Oscar em 1986 e ganhou o de melhor figurino.

Blackout - Tarde Demais
HBO Max, 16 anos
Nesta minissérie alemã em seis episódios, um apagão elétrico mergulha toda a Europa na escuridão e no caos, e um ex-hacker se torna o principal suspeito do desastre.

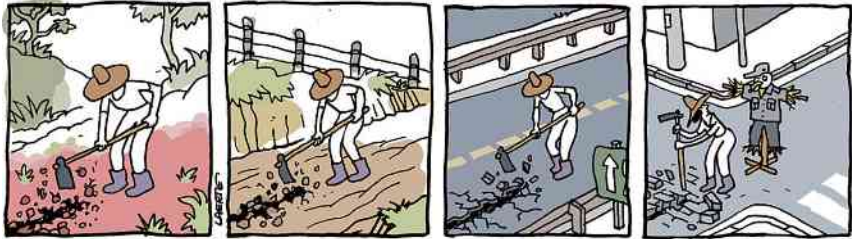
Make or Break: Na Crista da Onda
Apple TV+, 14 anos
A segunda safra da série documental sobre os bastidores das competições de surfe traz depoimentos exclusivos de campeões como Kelly Slater, Stephanie Gilmore e Gabriel Medina, que compartilham seus anseios e ambições.

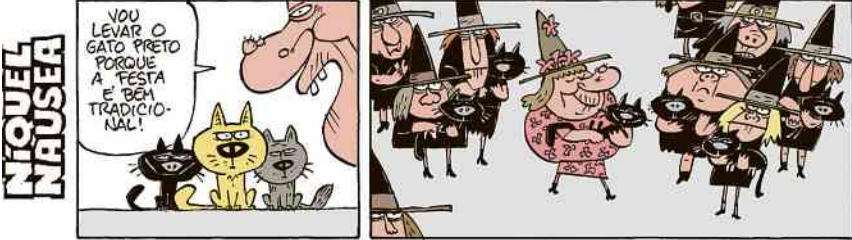
Apuração do Carnaval de São Paulo
Globo, 15h35, livre
A emissora transmite ao vivo a apuração dos votos dos jurados do grupo especial das escolas de samba paulistanas. Logo antes, às 14h50, é exibido um compacto com os melhores momentos dos desfiles.

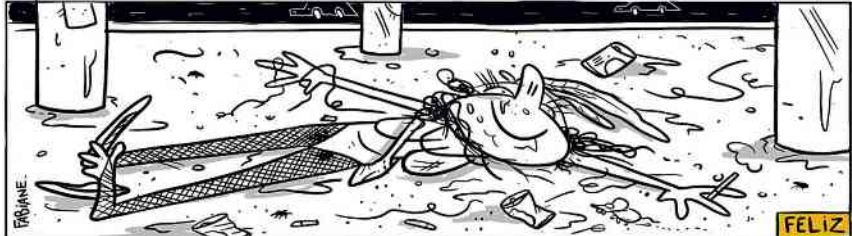
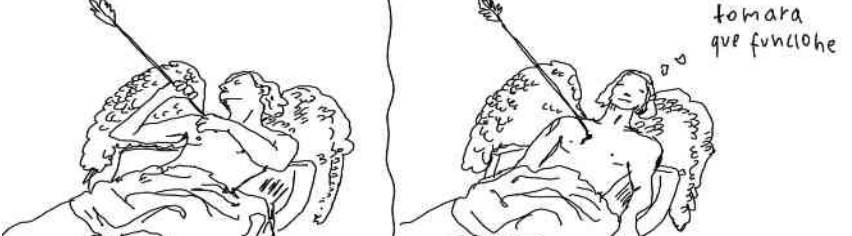
Provoca
Cultura, 22h, 10 anos
O programa reprisa a entrevista que Marcelo Tas fez com MV Bill, exibido originalmente em abril de 2022. À época, o rapper lançava a autobiografia, "A Vida me Ensinou a Caminhar".

Alma em Madeira
Curta!, 23h, livre
A série documental sobre a arte da marcenaria destaca a designer Fernanda Barreto, que criou a cadeira Tear em seu ateliê em São Paulo.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

Vida Besta *Galvão Bertazzi*

SUDOKU

texto.art.br/fsp

MÉDIO

		9			8			5
4		5	6					
	2	3	7					
				8		2	1	
2	4						8	7
	9	8		7				
					5	1	3	
					3	4		6
8			4			9		

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

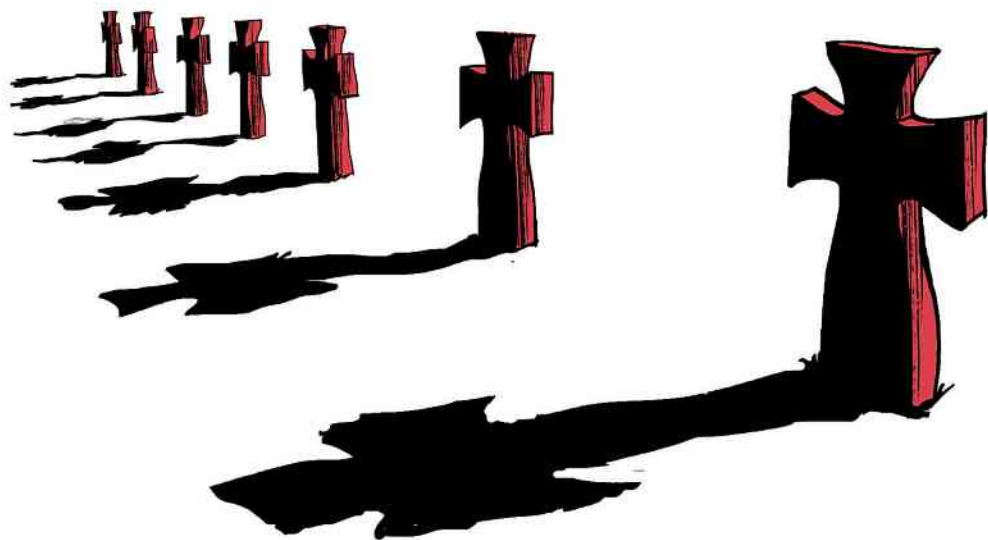
SOLUÇÃO

7	1	9	3	4	8	6	2	5
4	8	5	6	2	1	7	9	3
6	2	3	7	5	9	8	4	1
3	6	7	5	8	4	2	1	9
2	4	1	9	3	6	5	8	7
5	9	8	1	7	2	3	6	4
9	7	4	2	6	5	1	3	8
1	5	2	8	9	3	4	7	6
8	3	6	4	1	7	9	5	2

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Hânio, para os químicos / Blecaute **2.** Tipo de vidro translúcido **3.** Articulação / Seiscentos e um, em algarismos romanos **4.** Pessoa / Outro nome do escaravelho **5.** (Fig.) Homem de extraordinária bravura e valentia **6.** Substância que se caracteriza por não ter forma nem volume determinados / (Fig.) Pobre de ideias, de sentimentos **7.** As iniciais do músico Lobo / Do porco **8.** Grande anfíbio anuro, de boca enorme, também chamado intanha **9.** (Pop.) Uma coisa qualquer / Abreviatura de observação, usada em cartas náuticas **10.** Conjunção que denota uma justificação para o que foi dito anteriormente / Associated Press **11.** Regras criadas pelo poder legislativo / Uma exclamação de aprovação **12.** (Trigon.) Símbolo da função definida pela razão entre o seno e co-seno de um ângulo / O gênero musical no qual B.B. King é um ícone **13.** Povo que, no século XI a.C., destruiu a civilização micênica e ocupou Creta e parte da atual Turquia.

VERTICAIS
1. O ontem de amanhã / Uma teoria filosófica **2.** Ferir com um tipo de faca / Educação a Distância **3.** O á do a.C. / Fruto muito apreciado em saladas **4.** (Ego) Um segundo eu / Os murros dados nas lutas de boxe **5.** Local para se lavar as mãos / Vaqueiro dos EUA / Elemento de composição: dois **6.** Prefixo que exprime a ideia de negação / Ave muito cobiçada como pássaro de gaiola / Fosso para cereais **7.** O elemento químico Gd / Sistema de saúde **8.** Interjeição que exprime espanto, aversão / Centro de abastecimento ou de operações militares **9.** Desocupado / Um dos cônjuges.

HORIZONTAIS: 1. Ha, Apagão, **2.** Opalina, **3.** Junta, DCI, **4.** Ente, Coró, **5.** Hércules, **6.** Gás, Árido, **7.** EL, Suíno, **8.** Sapo-boi, **9.** Treco, Obs, **10.** Pois, AP, **11.** Leis, Isso, **12.** Tan, Blues, **13.** Dórios. **VERTICAIS: 1.** Hoje, Gestalt, **2.** Apunhalar, EAD, **3.** Antes, Pepino, **4.** Alter, Socos, **5.** Pia, Caubói, Bi, **6.** An, Curió, Silo, **7.** Gadolínio, SUS, **8.** Credo, Base, **9.** Ocioso, Esposa.

Angelo Abu

Ucrânia, um ano depois

Se Putin nunca aprender com os seus erros, talvez haja esperança

João Pereira Coutinho
Escritor, doutor em ciência política pela Universidade Católica Portuguesa

"Se um não quer, dois não brigam", disse Lula da Silva sobre a Guerra da Ucrânia. É uma frase belíssima, embora não forte o suficiente para garantir ao Brasil o tão almejado lugar como membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Verdade que Lula, na visita a Joe Biden, emendou a mão. Mas a proeza diplomática estava feita. Nem a China chegou a tanto.

Lula não é caso único. Passa hoje um ano sobre a invasão russa da Ucrânia. Sabemos o básico: a Ucrânia era um país soberano; a Ucrânia não era, nem seria, membro da Otan. Mas a Ucrânia desejava (e deseja) pertencer à União Europeia, uma aspiração legítima, porém remota, atendendo à corrupção e à fragilidade da sua democracia.

Um dia, talvez, quem sabe... Nada feito.

Para uma parte da opinião pública e publicada, que ironicamente se situa nos extremos, a Ucrânia é nada.

É um pedaço da União Soviética —versão da extrema esquerda— ou da Rússia imperial —extrema direita— que deve submeter-se à pata de Moscou sem resistência de qualquer espécie.

Ah, os bons espíritos sempre se encontram...

No mundo dos "pacifistas", se a Ucrânia não se defendesse, a guerra acabaria no minuto seguinte. E acabaria como?

Obviamente, pela ocupação do leste do país e, a prazo, de toda Ucrânia. A ideia de "paz" que percorre o crânio dos "pacifistas" é a paz dos cemitérios.

Eis a prova de que a humanidade aprende pouco com o passado. Porque é o passado que nos interpela quando olhamos para a tragédia em curso.

Para começar, Vladimir Putin foi aos manuais da Segunda Guerra para justificar as suas predações territoriais. Hitler, convém lembrar, nunca invadia nada; ele apenas defendia os interesses dos povos germânicos espalhados pela Europa —na Renânia, na Áustria, na Tchecoslováquia, na Polônia.

Putin, em rigor, também não invade; ele protege as populações russas do leste da Ucrânia e, em referendos tão válidos quanto os referendos de Hitler, mascara a violência com a fraude da legitimidade.

A política de genocídio, uma palavra que Lula gosta muito de usar, também não destoa.

Durante a Segunda Guerra, foi política nazista sequestrar as crianças dos territórios ocupados e enviá-las para a Alemanha, desde que elas cumprissem os admiráveis ideais arianos.

No total da Europa do leste —União Soviética inclusa, veja só a ironia—, terão sido centenas de milhares.

A Rússia de Putin segue bons exemplos. Segundo um relatório recente do Yale Humanitarian Research Lab, 6.000 já desapareceram do território ucraniano.

Existem quatro tipos de alvos nesses sequestros: os órfãos de guerra; os menores que já estavam em instituições ucranianas de acolhimento antes da guerra; crianças cujas famílias não foram localizadas ou identificadas; e crianças que as famílias foram obrigadas a ceder aos russos para "campos de férias", ou seja, campos de reeducação onde são moldadas segundo os valores do Kremlin.

Durante esse ano, foram identificados 43 desses campos, na Crimeia e no interior da Rússia, dois deles na boa e velha Sibéria.

Podem chamar-me sentimental. Mas eu acho que é perfeitamente possível chorar o destino das crianças yanomamis e encontrar também algum espaço de empatia para essas crianças ucranianas que não voltarão mais.

Por último, Putin também pensa que é um gênio militar. Tal como Hitler.

Em 1941, e contra a melhor opinião dos seus generais, o ditador alemão decidiu invadir a União Soviética.

A sorte da URSS, tal como lembrou recentemente o grande historiador Laurence Rees, foi Stálin ter começado a escutar os seus generais depois do desastre de Kharkov —na Ucrânia, atual Kharkiv, onde morreram 250 mil soldados do Exército Vermelho às mãos dos nazistas por responsabilidade do ditador soviético.

Um ano depois da invasão, estou com Laurence Rees: se Putin nunca aprender com os seus erros, e o rodízio de lideranças militares parece confirmar isso, então talvez haja esperança para a Ucrânia.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | **QUA. Wilson Gomes** | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

Carnaval e pauta LGBTQIA+ ditam revisão em Berlim de 'Rainha Diaba'

Filme com Milton Gonçalves de 1974 é exibido em cópia restaurada e provoca desconforto ao retratar o mundo trans

Helen Beltrame-Linné

BERLIM "Bem-vindos ao baile de Carnaval brasileiro." Assim começou a sessão de "A Rainha Diaba" no Festival de Berlim, apresentada pelo diretor Antonio Carlos da Fontoura. O longa de 1974, que integra a seção Fórum Especial, foi exibido em versão restaurada para uma sala lotada no evento.

"Rainha Diaba", cujo argumento original é de Plínio Marcos, acompanha a personagem-título, uma figura afeminada interpretada por Milton Gonçalves, que controla o tráfico de drogas de dentro de um prostíbulo de periferia e decide fazer de bode expiatório um jovem gigolô para evitar a prisão de um membro de sua gangue. A trama é simples, mas o longa aposta numa estética do excesso que confere a ele seu vigor quase 50 anos depois.

"O filme foi pensado para ser estranho, 'fora da caixinha'", diz Fontoura depois da sessão. Tanto pela direção de arte, conduzida por Angelo de Aquino, que abusou do figurino colorido e cenários kitsch, quanto pela trilha sonora experimental de Guilherme Vaz, que criou uma atmosfera complexa para a trama.

O diretor conta que, por sugestão de Hélio Oiticica, passou algumas semanas em Nova York com um grupo de porto-riquenhos LGBTQIA+. O convívio rendeu a inspiração que aparece nos trajes e trejeitos das personagens trans do filme, interpretadas tanto por atores profissionais como por não atores.

Segundo filme do diretor de "Copacabana me Engana", de 1968, "A Rainha Diaba" teve mais de 800 mil ingressos vendidos à época e foi exibido no Festival de Brasília e na Quinzena dos Realizadores no Festival de Cannes.

Agora ele está disponível ao público graças a um esforço conjunto do Cine Limite e da Janela Internacional do Cinema do Recife, que viabilizaram a restauração em 4K a partir dos materiais originais.

Uma parceria privada de restauro da memória do cinema nacional similar à que vimos com "Deus e o Diabo na Terra do Sol", de Glauber Rocha, capitaneada pelo Metrópolis e exibido no Festival de Cannes no ano passado.

Para além das qualidades técnicas impecáveis da exibição, que possibilitaram que as cores e sons de "Rainha Diaba" enchessem a tela do Zoo Palast na capital alemã, impressiona a vitalidade do filme e das atuações.

É inevitável erguer a taça a Milton Gonçalves, morto em maio do ano passado, aos 88 anos, que vive a protagonista. Estão enganados a Wikipédia e quem mais pensar que o filme se inspira em Madame Satã. É uma figura icônica do porto de Santos, no litoral paulista, que controlava o narcotráfico na região e era igualmente temida e venerada —o que Gonçalves consegue traduzir em cena com maestria.

Ao seu lado figuras de talento maciço, como Nelson Xavier, companheiro de Gonçalves no Teatro de Arena, Odete Lara, com cacoetes da época, mas não menos potente, e um jovem Stepan Nercessian, que se consolidava como um charmoso galã da época.

O clima festivo da sessão em Berlim esfriou um pouco quando o assunto foi a cena em que a personagem de Odete Lara —ex-mulher do diretor e grande diva da época— é torturada por um grupo de trans do bando da Rainha Diaba. Desconfortável inclusive pela sua duração, a cena salta aos olhos para um espectador de 2023.

"Adoro essa cena", afirmou Fontoura, antes de confessar que não houve ensaio prévio e elogiar Odete Lara por ter sido "muito legal" de embarcar na viagem sádica proposta pelo ator Milton Gonçalves.

"Rainha Diaba" naturaliza a violência e usa elementos trans, com homens afeminados usando maquiagem, para compor sua estética do exagero, algo que pode causar desconforto no contexto atual.

Isso especialmente num dia que também teve "Orlando", de Paul Preciado, um misto de documentário e ficção que revisita a obra homônima de Virginia Woolf sob a perspectiva de pessoas trans reais.

Por que restaurar "Rainha Diaba"? Matheus Pestana, da Cine Limite, responde com outra pergunta. "E por que não?" Ele conta que estão atualmente trabalhando no restauro das obras de Helena Solberg, uma cineasta invisibilizada na história do cinema brasileiro pela inexistência de acesso à sua obra.

"Rainha Diaba" foi rodado na época da ditadura e representou o Brasil internacionalmente. Deveria ser apagado por sua ausência de consciência política? São perguntas que ficam, felizmente junto da belíssima cópia restaurada do filme.

O ator Milton Gonçalves em cena do longa 'A Rainha Diaba', de 1974, dirigido por Antonio Carlos da Fontoura Divulgação

Bafta escolhe 'Nada de Novo no Front' e DGA privilegia 'Tudo em Todo Lugar'

SÃO PAULO O fim de semana no cinema foi marcado por cerimônias de importantes termômetros do Oscar, que não concordaram na escolha dos seus vencedores.

Principal premiação britânica de cinema, o Bafta distribuiu sete troféus para o alemão "Nada de Novo no Front", incluindo filme, direção e roteiro adaptado. Na sequência vieram "Os Banshees de Inisherin" e "Elvis", com quatro cada um.

Um dos favoritos da temporada, "Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo" ficou apenas com um prêmio técnico, de montagem. As escolhas bagunçaram as apostas para o Oscar, em especial na ala de atuação.

Os coadjuvantes Ke Huy Quan, de "Tudo em Todo Lugar", e Angela Bassett, de "Pantera Negra: Wakanda para Sempre", perderam para os atores secundários de "Os Banshees de Inisherin".

Entre os principais, Austin Butler, de "Elvis", e Cate Blanchett, de "Tár", ficaram à frente de Brendan Fraser, de "A Baleia", e Michelle Yeoh, de "Tudo em Todo Lugar". Essas duas talvez sejam as corridas mais imprevisíveis da temporada.

Do DGA Awards, prêmio do sindicato dos diretores de Hollywood, no entanto, o último filme saiu forte, com Daniel Scheinert e Daniel Kwan arrematando o troféu de melhor direção.

Charlotte Wells, de "Aftersun", levou o prêmio de diretor em filme de estreia, e Sara Dosa, de "Vulcões: A Tragédia de Katia e Maurice Krafft", o de documentário.

Na ala televisiva, "Euphoria", "Barry" e "Estação Onze" venceram em drama, comédia e minissérie.

Dona da cachaça Maria Izabel briga na Justiça com vinícola de mesmo nome

Disputa entre alambiqueira de Paraty e quinta de Portugal se dá pelo direito de usar a marca no país

Flávia G. Pinho

SÃO PAULO Na cidade de Paraty, no Rio de Janeiro, a fama da premiada cachaça Maria Izabel compete com a curiosidade de que a sua criadora desperta. Aos 72 anos, Maria Izabel Gibrail Costa sai pouco do sítio onde construiu o alambique Paratycana, em 1996. Cabelos grisalhos presos numa longa trança que acentua os traços indígenas, ela é famosa por só andar descalça —sapatos, só em viagens e olhe lá.

Quem paga R$ 10 para visitar a propriedade e comprar cachaças premiadas, que custam até R$ 450 a garrafa de 700 ml, encontra uma produção artesanal, que não passa de 7.000 litros anuais —a destilação acontece só uma vez por ano. Todo o processo é conduzido pela própria Maria Izabel, da produção do fermento, a partir de uma receita antiga que ela diz vir de seus antepassados, aos rótulos que cola à mão, uma a um.

Ela agora desperta outro tipo de falatório no mercado nacional de bebidas —sua cachaça está no meio de um imbróglio. O grupo pernambucano JCPM, dono de 11 shoppings no Nordeste, do Sistema Jornal do Commercio de Comunicação e de uma vinícola portuguesa chamada Quinta Maria Izabel, briga com a alambiqueira na Justiça para usar nos rótulos de seus vinhos o mesmo nome que batiza a cachaça de Paraty —Maria Izabel.

Tudo começou em 2013, quando o Inpi, instituto brasileiro de propriedade industrial, recebeu um pedido para registrar a marca Quinta Maria Izabel para um vinho produzido em Portugal, na região do Douro, vendido na Europa.

Em 2016, quase três anos após a abertura do pedido, o Inpi indeferiu o registro alegando "reprodução com acréscimo de marca anterior, passível de causar confusão ou associação entre os sinais".

Ou seja, o instituto entendeu que já havia uma marca parecida no segmento de bebidas alcoólicas —no caso, a cachaça Maria Izabel, o que impossibilitou o novo registro.

A quinta do Grupo JCPM entrou com recurso, mas perdeu novamente em segunda instância. Tentou, então, um acordo com a alambiqueira.

Em julho de 2022, um representante da vinícola fez uma proposta em troca da convivência entre as marcas. Segundo Maria Izabel, a empresa ofereceu "até R$ 150 mil".

Não houve acordo. "São duas bebidas alcoólicas vendidas no mesmo setor, pode haver confusão", diz a produtora de cachaça. "Não tenho interesse em vender ou compartilhar minha marca, que está muito associada à minha pessoa."

Enquanto buscavam o acordo, os advogados da quinta tentaram anular o indeferimento da marca pelo Inpi junto à Justiça Federal. No processo, ao qual a **Folha** teve acesso, argumentam que não há chance de o consumidor fazer associação indevida entre o alambique e a vinícola porque, entre outros pontos, embalagens e logomarcas são diferentes. Afirmam ainda que vinhos e aguardentes são "produtos absolutamente distintos e inconfundíveis".

Em tempo. A venda dos vinhos da Quinta Maria Izabel está hoje liberada no país por força de uma liminar concedida pela 2ª Vara Empresarial da Comarca do Rio de Janeiro.

Em nota, o Grupo JCPM, da Quinta Maria Izabel, confirmou à **Folha** que "foi iniciado um diálogo na tentativa de acordo de coexistência, algo comum entre empresas que não estejam atuando ou pretendam atuar com produtos iguais e, sobretudo, localizadas em mercados distintos".

O advogado Rodrigo Moraes, que representa a marca de cachaça, vê incoerência nesses argumentos. Professor de direito autoral e propriedade industrial da Universidade Federal da Bahia, ele cita outra disputa do setor de bebidas.

Em 2021, a cachaça mineira João Andante perdeu o direito ao uso da marca em ação movida pela Diageo, fabricante do uísque Johnnie Walker. O processo, que chegou ao Superior Tribunal de Justiça, levou sete anos e se encerrou quando o relator decidiu que "as embalagens não eram suficientes para a distinção dos produtos comercializados pelas partes (cachaça e uísque)".

Na ação, a Diageo foi representada pelo escritório Dannemann, Siemsen, Bigler & Ipanema Moreira —que agora defende a Quinta Maria Izabel e argumenta o contrário.

"O mesmo escritório de advocacia [...] alegou que a marca de cachaça João Andante violava a marca de uísque Johnnie Walker, tendo em vista que cachaça e uísque pertencem à 'mesmíssima classe', encontrando-se no mesmo segmento mercadológico", diz Moraes, defensor da alambiqueira, nos autos do processo.

Por ora, o advogado tenta que a liminar seja derrubada, o que obrigaria a quinta a suspender as vendas do vinho no Brasil até que haja decisão definitiva no processo.

Se os recursos chegarem ao STJ, a disputa pode levar anos. Caso vença a ação, Maria Izabel, de Paraty, tem direito de exigir indenização. Se perder, terá de conviver com a marca Maria Izabel de Portugal e pagar custos processuais. O escritório Dannemann, Siemsen, Bigler & Ipanema Moreira foi procurado duas vezes por email, mas não respondeu aos pedidos da reportagem.

Em nota, o grupo JCPM diz que "respeita todos os negócios existentes e, neste momento, apenas busca o seu direito de comercializar no Brasil o vinho produzido e já registrado na Europa, região que já reconheceu, através de algumas premiações, a qualidade e dedicação da equipe da QMI [Quinta Maria Izabel] na produção do vinho".

Maria Izabel, proprietária do alambique de cachaça que leva seu nome, em Paraty Isadora Brant - 16.mai.2012/Folhapress

VEJA RANKING DE MELHORES CACHAÇAS

Brancas
1. Da Quinta Prata
2. Pindorama Prata
3. Tiê Prata
4. Bem Me Quer Prata
5. Século XVIII Rótulo Azul

Armazenada/envelhecida
1. Anísio Santiago/Havana
2. Estância Moretti 4 Madeiras
3. Baobá Ouro
4. Tiê Jequitibá
5. Princesa Isabel Jaqueira

Premium/Extra premium
1. Pardin Porto
2. Vechio Albano Extra Premium
3. Middas Reserva dos Proprietários
4. Mato Dentro Reserva Fundador
5. Dom Bre Extra Premium

Fonte: Ranking Cúpula da Cachaça (2022)

RECEITAS DO MARCÃO

Marcos Nogueira
folha.com/receitasdomarcao

Salada de Carnaval hidrata e ajuda a encarar a ressaca

Todas as datas festivas têm comidas típicas, menos o Carnaval. No feriado, o prazer à mesa não é prioritário —segue necessário comer, contudo, até para manter sambante o corpinho carnavalesco.

A alimentação na época funciona para aliviar estragos que a gente faz com poucas horas de sono e abuso do álcool. Grosso modo, a comida deve ajudar a combater a ressaca.

Posso dizer que a receita de hoje tem propriedades antirressaca: é uma salada de laranja, tomate e azeitona, de origem israelense. Leve, refrescante, hidratante, agridoce e suavemente picante.

Não que seja um remédio milagroso contra o mal-estar pós-alcoólico —sou picareta, mas nem tanto. Ninguém precisa ter diploma em medicina ou em nutrição para saber que tipo de comida é adequado em situação de Carnaval.

A crendice popular, aliás, vai na contramão do bom senso: muita gente gosta de comer coisas gordurosas quando está de ressaca. O povo não tem dó do próprio fígado.

A salada que combate a ressaca tem o que o seu corpo pede quando está castigado pela cachaça: não dá trabalho para digerir e entrega um monte de água com a laranja e o tomate, além de ser gostosa à beça.

É uma receita que adaptei do site da ONG Jewish Food Society (Sociedade da Comida Judaica, tinyurl.com/2marnwb5), cedida por uma família do vale de Elá, em Israel. Por lá, é bastante comum a combinação de laranjas, azeitonas e azeite.

Para ficar mais fiel à receita original, comprei azeitonas gregas secas —e não curadas em salmoura, como é mais comum no Brasil. Se não as encontrar, tudo bem, use outras.

Por sinal, fique à vontade para trocar o ingrediente que quiser. Só tente manter o espírito da proposta: leve, refrescante, hidratante. E não se esqueça de beber água entre um goró e outro. Bom Carnaval.

Salada contra a ressaca, com ingredientes refrescantes Marcos Nogueira/Folhapress

Salada contra a ressaca

Rendimento: 1 a 2 porções
Dificuldade: fácil

Ingredientes
- 1 laranja-baía
- Suco de ½ limão-siciliano
- 50 ml de azeite extravirgem
- 1 colher (café) de páprica doce
- 1 pitada de pimenta-calabresa
- Sal a gosto
- 2 tomates maduros, cortados em rodelas
- ¼ de cebola roxa, fatiada fina
- 6 azeitonas pretas, descaroçadas e cortadas ao meio
- Pão para servir

Modo de fazer
- Com um ralador fino, tire ½ colher (chá) de raspas da casca da laranja. Reserve.
- Descasque a laranja e corte em rodelas
- Prepare o molho usando as raspas de laranja, o suco de limão, o azeite, a páprica, a pimenta e o sal
- Arranje os demais ingredientes num prato. Regue com o molho.
- Coma a salada acompanhada de um bom pão, de preferência bem quentinho

O que não é

Fantasia não esconde: revela

Becky S. Korich

Advogada, escritora e dramaturga

Carnaval não é feriado. Pull não é pule. Folia também é descanso. Purpurina não é glitter. Mas não é só isso. Velho não é palavrão. Óbvio nem sempre é ululante. Nunca é só talento. Nunca é só sorte. Livro não é decoração. Não é aprisionando que se prende. Banco 30 horas não é 30 horas. Não é asterístico. Não é fruta cor. Não é losângulo. Nem todas as perguntas querem respostas. Nota de prova não mede o aprendizado. Não é com dureza que se aprende. Não é adestrando que se ensina. Sob não é sobre.

Nem tudo que se perde é uma perda. Ouvir não é escutar. Nem tudo que se ouve, houve. Depredar não é se manifestar. Não é porque se amam que serão felizes. O "pra sempre" nunca se cumpre. Ter medo não é respeitar.

Moda com um molde só não é moda. Não é escondendo que faz desaparecer. Não é porque é caro que é bom. Não é tangerina no Sul. Não é bergamota no Norte. Solitude não é solidão. Bonito nem sempre é belo.

Amor não anda sozinho. Ter pouco pode não ser tão pouco. Push não é puxe. Ser bondoso não é ser trouxa. Bonzinho não quer dizer bom. Não é gritando que se faz ouvir. No espelho, a direita não fica à direita. Não é apertando o nó que se enlaça. Não é passando fome que se emagrece.

Fusível não é fuzil. Inteligência não é só QI. Pão-dureza não deixa a pessoa mais rica. Mandar não é liderar. Nem banana tem mais preço de banana.

Semelhantes não precisam ser iguais. Medo não é preguiça. Preguiça pode ser medo. Não somos todos iguais perante a lei. Diet não é light. Gordura não é pecado. Cheiro bom não garante limpeza. Altura não é grandeza. Se pensa diferente, não é inimigo. Poder fazer tudo não é liberdade. Poder falar tudo não é liberdade de expressão. Não é esticando que rejuvenesce.

[...]

Altura não é grandeza. Se pensa diferente, não é inimigo. Poder fazer tudo não é liberdade. Poder falar tudo não é liberdade de expressão. Não é esticando que rejuvenesce

Arte não é supérfluo. Não é porque cresceu que não é para brincar. Fome não é só de comida. Falou "sem falsa modéstia", já não está sendo modesto.

Não, seu maior defeito não é ser perfeccionista. Mimimi é a dor que não te dói. Não é não! Ser frio nem sempre é ser calculista. Não é qüestão. Não é questã. Conhecimento é acumular. Sabedoria é eliminar. Documento não é tamanho. Barata não pica. Pernilongo não morde. Shampoo com muita espuma não lava melhor. Fantasia não esconde: revela. Bom Carnaval.

ACERVO FOLHA

Há 100 anos **21.fev.1923**

Chegada do corpo de Siciliano atrai multidão à estação da Luz

Desde as 8h desta quarta-feira (21), uma multidão enorme começou a afluir à estação da Luz, em São Paulo, para acompanhar a chegada do corpo do conde Alexandre Siciliano, famoso industrial que morreu aos 62 anos, na segunda-feira, no Rio de Janeiro.

A aglomeração aumentou tanto que impediu a passagem de outras pessoas pelo local.

O trem chegou às 9h45, e o caixão foi conduzido entre a multidão até a porta principal da estação. Um cortejo, composto por centenas de carros, saiu rumo à igreja do Sagrado Coração de Jesus.

Depois da cerimônia religiosa, o corpo foi encaminhado para o cemitério da Consolação.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Folha da Noite

ITÁLIA ENFRENTA ALERTA DE ESTIAGEM E SE PREOCUPA APÓS CIDADE TURÍSTICA PARAR SUA PRINCIPAL ATRAÇÃO
Veneza, onde inundações costumam ser a maior preocupação, registra neste mês marés extremamente baixas, frutos de uma combinação de fatores que afeta o país —falta de chuva, sistema de alta pressão, lua cheia e correntes marítimas— e que inviabilizaram a navegação de gôndolas, de táxis aquáticos e de ambulâncias em seus famosos canais, devido ao déficit hídrico que se agrava desde o inverno de 2020-2021, conforme foto divulgada nesta segunda (20) e informes do grupo Legambiente e do instituto de pesquisa científica CNR Manuel Silvestri - 17.fev.23/Reuters

Quem você espera que vá querer ser cientista?

O salário, digo, bolsa, teve seu primeiro reajuste —e continua precário

Suzana Herculano-Houzel

Bióloga e neurocientista da Universidade Vanderbilt (EUA).

Teve quem me detestasse quando perguntei pelo primeiro aos jovens, dez anos atrás, se eles queriam mesmo ser cientistas.

Volto à carga, mas com novo alvo: você, brasileiro não cientista, que se sente protegido por vacinas contra Covid inventadas e produzidas em tempo recorde, que tem esperança de envelhecer sem Alzheimer, que acha ótimo ter um remedinho para fazer sua dor de cabeça ir embora, que curte usar o celular para falar com a família do outro lado do mundo e para ver televisão, e quem sabe vai até ser poupado por uma nuvem de poeira lunar da angústia do aquecimento global —e que não tem o menor interesse, muito obrigada, de virar cientista você mesmo.

Porque cogitar virar cientista é considerar se prontificar a ser, por uma geração, um dos raros portadores do conhecimento acumulado pela humanidade —e gerador de mais conhecimento, tanto imediatamente aplicado quanto básico, do tipo só um dia se descobre para quê serve. Tem que escrever relatório e fazer prova o tempo todo, e, se não é mais valendo nota, é valendo vida. Quem quer a responsabilidade? Você é que não.

O trabalho não respeita horário, porque o cientista está por definição sempre defasado e as novas questões e preocupações são inesgotáveis: coisa de hidra que perde uma cabeça aqui para brotar não uma outra, mas logo seis ali, porque o resultado de todo bom trabalho de pesquisa é uma questão resolvida e outras tantas novas, que não se sabia que existiam. Não poder lavar as mãos do trabalho às 5 da tarde de sexta e só voltar a pensar a respeito na segunda-feira? Cruz-credo.

A formação é intensa, e quatro anos de faculdade não bastam, então o título e os direitos de "trabalho" com muita sorte só vêm uns oito anos mais tarde. O salário se chama "bolsa", e a família toda passa oito anos perguntando por que o jovem cientista "ainda está só estudando e não trabalha". De fato, o valor da bolsa de doutorado, reajuste recente de 40% e tudo, mal passa dos R$ 3.000, então não dá nem para pagar o aluguel sozinho.

Para se dar ao luxo de querer ser cientista, só tendo papai e mamãe para dar casa e comida. Você é mais esperto: mal se formou e já está empregado de verdade, com salário de verdade, pode pensar em família e até viagem de férias.

Aliás, você é esperto mesmo, porque ainda que o cientista ganhe salário de verdade, seus esforços e sucesso são irrelevantes: bons cientistas no Brasil aspiram a trabalhar para o governo, então o valor da sua remuneração é o que é, por tabela. O quê, nada de negociação, aumento por desempenho ou bônus de Natal? Nem pensar!

Você não vai ser cientista, claro que não. Sem problemas: a sua vacina já está resolvida, então quem precisa de jovens querendo virar cientistas hoje não é você, mas seus filhos e netos amanhã.

Então descanse, diga que está ótima a "correção quase que pela inflação" do valor das bolsas que os atuais cientistas desempregados acabaram de ganhar —eles deveriam se dar por contentes por estarem recebendo para estudar, e, afinal, há tanta pobreza no Brasil!— e não se importe que não vai ter cientista para criar vacina para os seus netos. É como aquecimento global: problema deles, não?